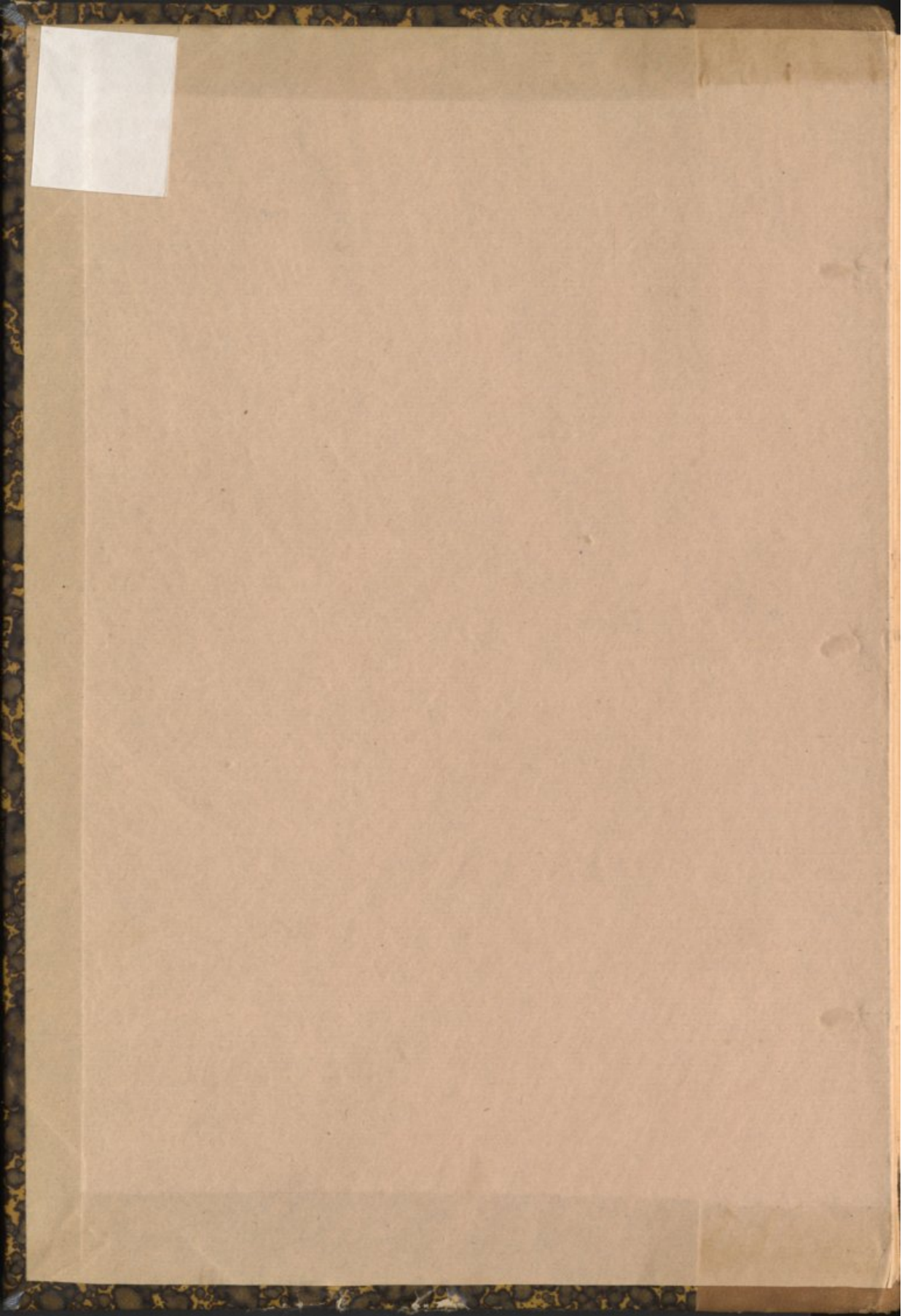
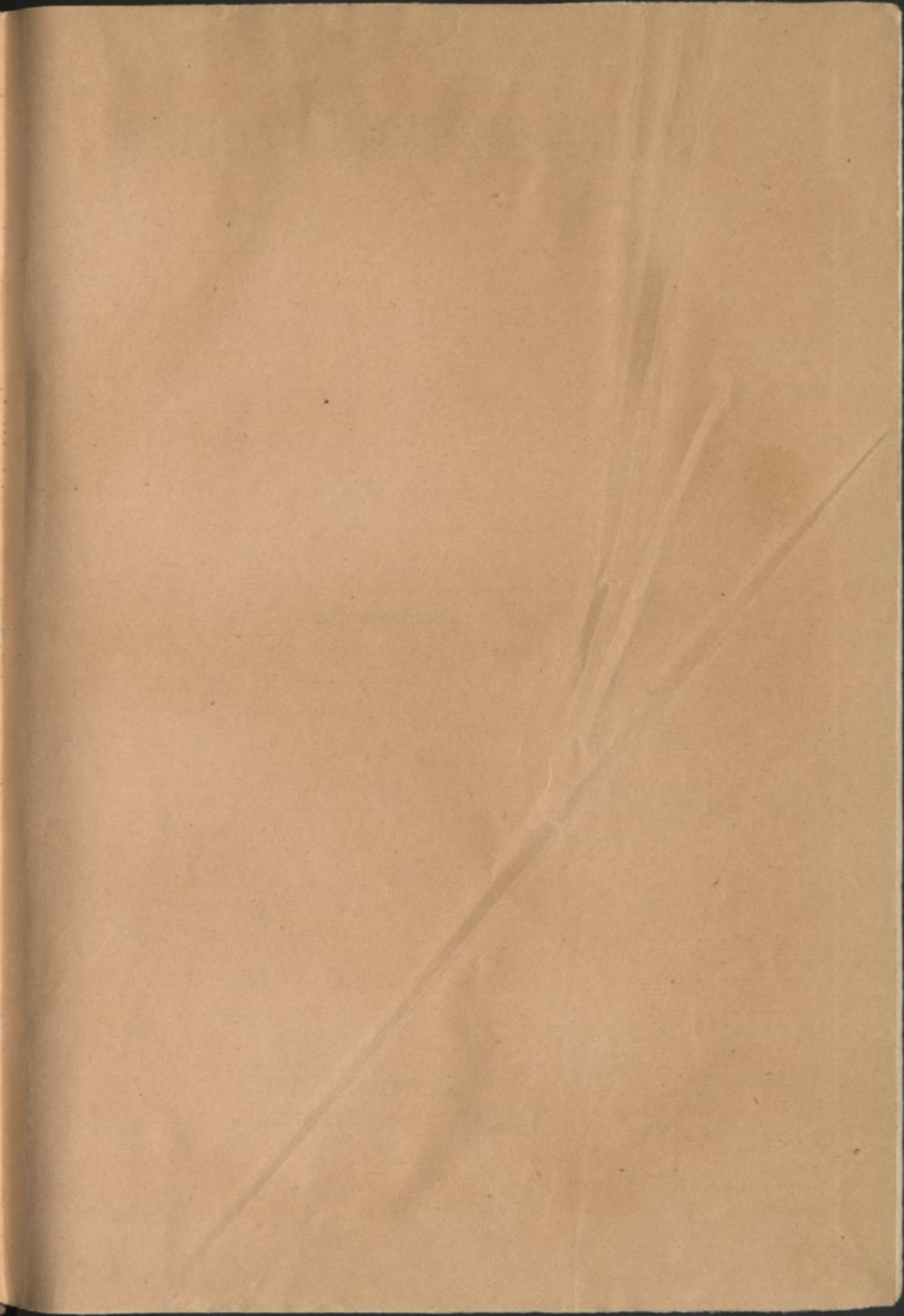
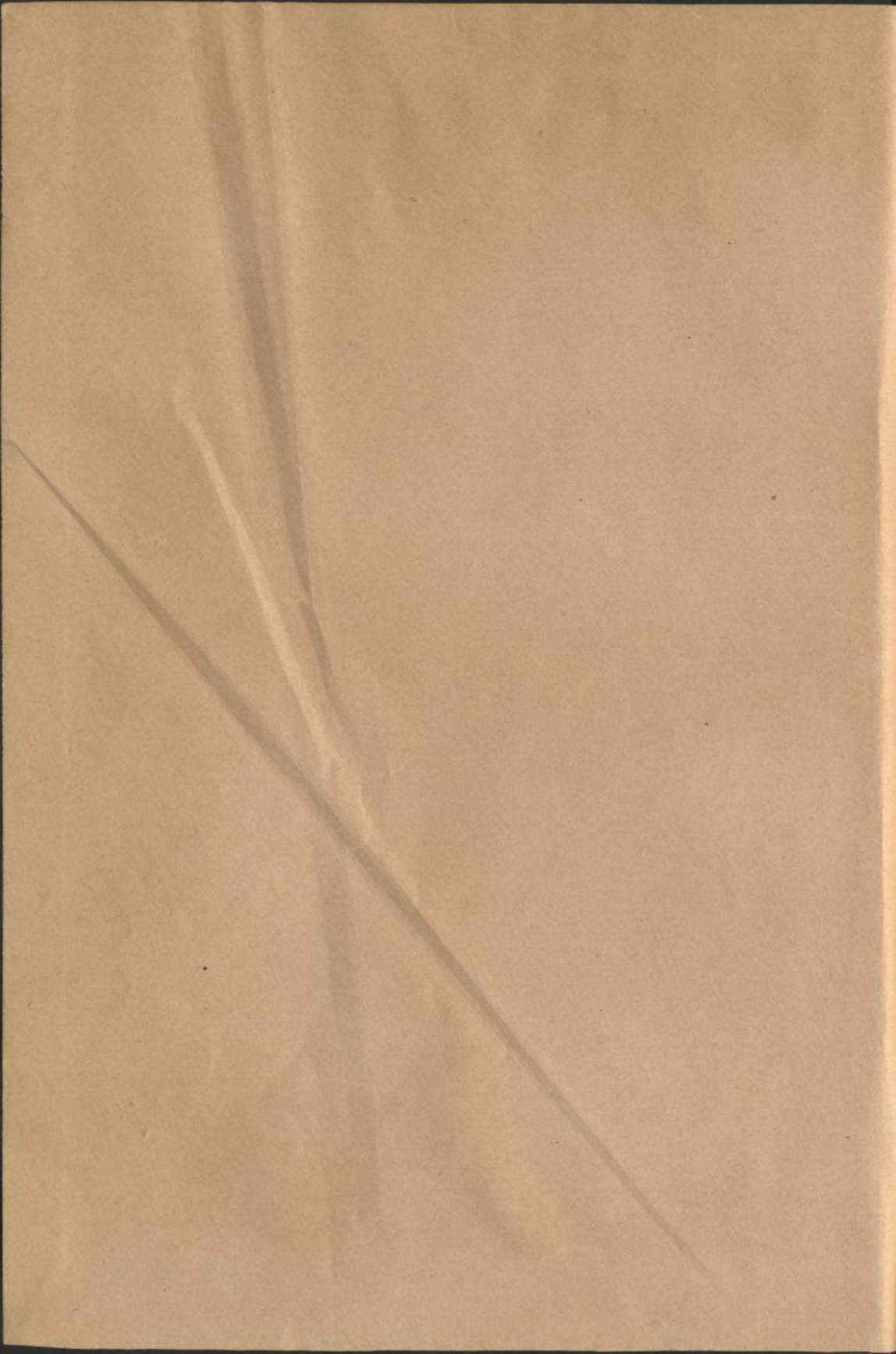


10  
9  
9











# ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

Publicações e referências

SUMARIO

- 1. INTRODUÇÃO — de Lourenço Mendes
- 2. PLANO E RELAÇÃO DA BANHA — por Fr. Francisco de S. The
- 3. TESA
- 4. ADARATOR — EPILOGO DE CAMÕES, TRANSCRITO EM PORTUGAL
- 5. FRANCIS — por Gaudier de Barant
- 6. BIOGRAPHIA
- 7. OBRAS CONCERNENTES A HISTORIA, ECONOMIA, ESTATISTICA
- 8. NA BIBLIOTECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
- 9. DOS CATALOGOS

## NUMERO 1

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1877

## SUMMARIO

	Pag.
INTRODUÇÃO — de Lourenço Marques .....	3
PLANO E RELAÇÃO DA BAHIA -- por Fr. Francisco de S. The- reza .....	6
ADAMASTOR — EPISODIO DE CAMÕES, TRADUZIDO EM VERSO FRANCEZ — por Gaubier de Barrault .....	8
BIOGRAPHIA .....	12
OBRAS CONCERNENTES Á HISTORIA DE PORTUGAL, EXISTENTES NA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE — NOTA EXTRAHIDA DOS CATALOGOS DA MESMA BIBLIOTHECA .....	13

GOLBERIA

IMPRIMARIA DA UNIVERSIDADE

1877



## Publicações recentes

*Aphorismes de Médecine positive et théorie des ressemblances*, por A. J. Borne Volber. Lausanne, 1877, 8.º, 1 v.

*Maximes et observations ouvrant des vues nouvelles sur les sciences morales*, por A. J. Borne Volber. Lausanne, 1877, 8.º, 1 v.

*Boletín de la Sociedad geografica de Madrid* (contin.).

*La Academia — revista de la cultura hispano-portuguesa, latino-americana* (contin.).

*Algumas considerações sobre a synthese do mechanismo do parto natural, applicação d'esta doutrina á apresentação pelvica*, por Joaquim Theotonio da Silva. Lisboa, 1877.

*Contributions à l'étude de l'angine de Ludwig*, par Constant Houllion Strasbourg, 1877, 8.º, 1 v.

*De l'emploi du silicate de soude dans le traitement de la Blennorrhogie*, par Alfred Wolf. Strasbourg, 1877.

*Les effets de la Toxirésine et de la Digitalirisine sur l'organisme animal*, par Henri Perrier.

*Étude sur le vocalisme des patois romains du Canton de Fribourg*, par François Hafelin. Leipsig, 1876.

*Vida do Infante D. Henrique de Portugal*, appellidado o Navegador, e seus resultados, comprehendendo o descobrimento, no espaço de um seculo, de metade do Mundo, com factos novos quanto ao descobrimento das ilhas atlanticas, — uma refutação das pretensões dos francezes á prioridade nos descobrimentos, — provas de que os portuguezes tiveram conhecimento (subsequentemente perdido) dos lagos do Nilo, e com a historia do nome da America conforme documentos authenticos contemporaneos, por Richard Henry Major — vertida do inglez por José Antonio Ferreira Brandão. Lisboa, 1876, 8.º gr., 1 v.

(Continúa).

**Condições da assignatura**

Anno.....	1\$800
Semestre.....	900
Avulso.....	120

As assignaturas para fóra de Coimbra accresce a importancia dos sellos.

O pagamento da assignatura deve effectuar-se logo depois da entrega do primeiro numero.

A correspondencia deve ser dirigida á — Empreza do *Archivo Bibliographico* — Coimbra.

Publica-se a 1 e 15 de cada mez.



# ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

NUMERO 1



10  
9  
9

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1877

ARBITRAGE BIRMINGHAM

INTRODUCTION

The first part of this volume is devoted to a general survey of the history of the Birmingham Arbitration Society, and to a description of its objects and aims. It is intended to show that the Society is not a mere local body, but one which has a wide and important influence on the industrial and commercial life of the country.

The second part of the volume contains a list of the names of the members of the Society, and a list of the names of the persons who have acted as arbitrators. It is intended to show that the Society has a large and active membership, and that it has been successful in securing the services of some of the most eminent and experienced arbitrators of the country.

The third part of the volume contains a list of the names of the persons who have acted as arbitrators, and a list of the names of the persons who have acted as arbitrators. It is intended to show that the Society has a large and active membership, and that it has been successful in securing the services of some of the most eminent and experienced arbitrators of the country.

The fourth part of the volume contains a list of the names of the persons who have acted as arbitrators, and a list of the names of the persons who have acted as arbitrators. It is intended to show that the Society has a large and active membership, and that it has been successful in securing the services of some of the most eminent and experienced arbitrators of the country.



## INTRODUÇÃO



É por todos reconhecida a utilidade do estudo da bibliographia, insufficientemente cultivada entre nós, e ácerca da qual nada mais ha que alguns trabalhos avulsos, e os estudos de Barbosa e de Innocencio Francisco da Silva, os dois bibliographos portuguezes que mais detida e profundamente escreveram sobre esta materia.

E visto termos fallado do auctor do *Diccionario Bibliographico*, a obra mais importante da nossa historia litteraria, e á qual nos reportaremos não poucas vezes, seja-nos licito prestar á sua memoria a mais rendida homenagem de gratidão e respeito.

Não é porém nosso proposito destinar exclusivamente esta publicação á bibliographia, á qual todavia consagramos uma importante secção do nosso periodico: teremos tambem em vista a publicação de documentos, que tenham intima ligação com a historia politica e litteraria do nosso paiz, ou que pela sua importancia mereçam o interesse publico; bem como a publicação de quaesquer escriptos ineditos, e livros cujas edições estejam esgotadas ou esquecidas, manuscriptos importantes, que digam respeito ao mesmo assumpto e ás descobertas na India, Africa, etc., os quaes, para orgulho nosso,

incitamento proprio, e lição a extranhos, é urgente redimir da indigna obscuridade em que têm jazido.

Creemos que esta publicação merecerá o interesse e attenção dos nossos illustrados leitores pela utilidade do assumpto, e novidade das noticias que por ventura se lhes deparem nella.

Se o conseguirmos, ser-nos-ha isso bastante recompensa do trabalho e tempo que empregamos.

## INTRODUÇÃO



Encetamos hoje os nossos trabalhos pela publicação de um curioso MS., que se intitula:—*Plano e relação da Bahia, denominada de Lourenço Marques, na Costa de Natal ao Norte do Cabo da Boa Esperança, junto ao Promõtório da Latitude de 26 graos; e não menos das terras adjacentes, seus habitadores, Reys, Rios, Comercio, costumes. Seu Autor Fr. Francisco de S. Thereza.*— Ácerca dos esclarecimentos que podemos dar sobre o seu auctor, nada encontramos, senão o que se deduz do proprio MS., pois em nenhum dos tractados bibliographicos que temos á vista se falla d'este *Fr. Francisco de S. Thereza*: na primeira pagina do MS. nos diz seu proprio auctor, ser—*Capellão da tropa* que por ordem de *Sua Magestade se foi a.... aquartelar em destacamento na passagem propriamente chamada Bahia da Lagoa, etc.*, e mais adiante, a paginas 31 fin., menciona a data de 19 de abril de 1781, epocha em que ainda estava na expedição. O final do MS. acha-se datada de Lisboa em 6 de agosto de 1784. Eis as unicas indicações que podemos dar a respeito do auctor do MS. que se acha na collecção da Bibliotheca da Universidade de Coimbra.

Pareceu-nos interessante este documento por dizer respeito a uma muito importante possessão portugueza, que tão disputada nos foi pela Inglaterra, sendo a final reconhecido o nosso direito pelos esforços do fallecido Visconde de Paiva Manso; possessão que, apesar d'isso, não deixa de estar sob continua ameaça pela ambição britanica, e que merece a seriissima attenção não só do Governo mas de todos os que se interessem pelo futuro das nossas colonias, e da metropole por consequencia.

**Plano e relação da Bahia, denominada de Lourenço Marques, na  
Costa de Natal, ao norte do Cabo da Boa Esperança, junto ao  
Promôtorio da Latitude de 36 graos, e não menos das terras  
adjacentes, seus habitadores, Reys, Rios, Comercio, costumes.**

SEU AUTOR FR. FRANCISCO DE S. THEREZA

**Plano, e Relação da Bahia,  
denominada vulgarmente de Lourenço Marques &.**

1. Este Plano he tirado dos conhecimentos adqueridos pela propria assistencia, e posto que se não observem todas as medidas Geograficas, com tudo servirá para dár hũa idea sobeja do sitio, e das passagens comigo acontecidas no decurso de vinte meses, que tanho gastos, sendo Capelão da Tropa, que por ordem de Sua Magestade se foj apostar, e aquartelar em Destacamento na passagem propiamente chamada—*Bahia da Lagoa*, que fica na boca do Rio de Santo Espirito de que logo se tratará.

2. Aquella Enceada, ou Bahia de Lourenço Marques, terá sete, ou mais legoas de boca, e parece boa a entrada, e pelo menos sem o perigo demonstravel de baxos. O vento Sueste fas grande impressão n'aquelle Golfo nos tempos de Inverno. O melhor abrigo para as Embarcaçõens he dentro no dito Rio do Santo Espirito, onde se fasem surtas. A circunferencia da Bahia he de mais de vinte legoas, e em que não ha ponto fixo, ao menos de que eu possa dar certesa. Comesa a ponta do Norte por hum Monte, que se chama *Unhaca pequena*—por ter a forma ou feitio de hua unha de vaca sahida ao mar. Correndo para o Sul, ha hua Serra de arêa, que se limita em outro Monte chamado a *Unhaca grande*. Estes dois montes fazem denominar aquelle respectivo Continte, e ainda, para o centro. Os habitantes da *Unhaca grande e pequena*, constituem hua Provincia, ou Reynado. Elles são mais



agigantados, que o mais alto Europeo, a sua estatura he bem fornecida, muito regular, e muito bem feita; não conhecem outros vestidos, do que a desnudez, a pezar de ser o Clima muito frio no Inverno, sopposto, que muito benigno nas outras Estações. Elles tem a arte de se livrarem dos incomodos do tempo. Servem-se de hum canudo, feito, e tecido de pequenas tiras de palha, para prezervarem somente a parte principal d'aquellas, que o pejo, e a honestidade manda esconder da vista dos humanos.. As molheres proporcionalmente são altas, tambem andam nuas á esceção de trazerem dois pannos pretos bem cobertos, ou matizados de contas, de trez palmos de largo, e quatro de comprido, os quaes ficão pendentes pela cintura, e cobrindo com elles por diante, e por detras os logares do pejo. As que não podem trazer pannos por falta de meynos, fazem aquelles mesteres de coiros de Cabritos.

(Continúa).

---

Em 1772 Mr. Sulpice Gaubier de Barrault, Major da Praça de Lisboa, offereceu a el-rei D. José por occasião do seu anniversario a traducção em verso francez dos Episodios dos Luziadas — *A morte de Ignez de Castro e o Adamastor*, acompanhados de uma carta dedicatoria ao mesmo soberano. São tão raras as boas traducções do poema do nosso Camões, que val muito a penna archivar alguma que por ventura appareça; e esta que reproduzimos aqui, e que hoje é difficil de encontrar, não nos pareceu dever ser desprezada. O traductor era sincero entusiasta das reformas scientificas e litterarias de D. José e do seu ministro, e bem o mostra pelos parabens, que na sua carta dá a Coimbra pela reforma da sua Universidade. Muito de proposito reservamos para depois a inserção da — *Morte de Ignez de Castro* — em que o traductor não seguiu a fórma do original portuguez.



## ADAMASTOR

Descrição poetica do Cabo de Boa Esperança, que faz Luiz de Camões no quinto livro do seu poema intitulado Os Lusíadas desde a oitava 37 até a 60 inclusivamente.

### GAMA FALLA A ELREI DE MELINDE

Porém já cinco Soes eraõ passados,  
 Que dalli nos partiramos, cortando  
 Os mares, nunca de outrem navegados,  
 Prosperamente os ventos assoprando;  
 Quando huma noite, estando descuidados  
 Na cortadora proa vigiando,  
 Huma nuvem, que os ares escurece,  
 Sobre nossas cabeças apparece.

Taõ temerosa vinha, e carregada,  
 Que poz nos corações hum grande medo,  
 Bramindo o negro Mar de longe bráda;  
 Como se dêsse em vaõ n'algum rochedo:  
 Ó Potestade, disse, sublimada,  
 Que ameaço divino, ou que segredo  
 Este Clima, e este Mar nos apresenta,  
 Que mór cousa parece, que tormenta?

Naõ acabava, quando huma Figura,  
 Se nos mostra no ar, robusta, e valida,  
 De disforme, e grandissima estatura,  
 O rosto carregado, a barba esqualida,  
 Os olhos encovados, e a postura  
 Medonha, e má, e a cor terrena, e pálida,  
 Cheios de terra, e crespos os cabellos,  
 A boca negra, os dentes amarelllos.



## ADAMASTOR

On description poetique du Cap de Bonne Espérance, morceau traduit de Camões, et tiré du cinquieme chante de son poëme de la Luziade, depuis la 37.<sup>e</sup> octave jusqu'a la 60.<sup>e</sup> inclusivement.

C'EST GAMA QUI PARLE AU ROI DE MELINDE

Deja depuis cinq jours, au gré d'un vent heureux,  
 Nos vaisseaux s'éloignant de ces bords dangereux <sup>1</sup>  
 Voguoient sur une Mer jusqu'alors ignorée.  
 Une nuit, qu'au repos la Flotte etoit livrée,  
 Je veillois, observant sous des Astres nouveaux  
 La sillonnante proue ouvrir le sein des eaux.  
 Sur nos têtes, soudain, une effroiable nue  
 Se forme, obscurcit l'air, y paroît suspendue.

Ce nuage rouloit, si chargé de vapeurs,  
 Qu'a son horrible aspect l'effroi glaça nos cœurs.  
 De la Mer, qu'il noireit, les flots au loin mugissent,  
 Tels, quand de leurs brisants les rochers retentissent.  
 O sublime Pouvoir! m'ecriai-je a l'instant,  
 Est-ce un nouveau mistere, est-ce un Ciel menaçant,  
 Dont ces Mers, ces climats nous présentent l'image?  
 Prodiges plus affreux que la foudre & l'orage!

A peine j'achevois, que dans l'air ténébreux,  
 Un Phantôme apparoit, robuste, vigoureux;  
 Sa figure est difforme, & sa taille etonnante;  
 Il a les traits chargés, la barbe dégoutante,  
 L'air terrible & méchant, le tein pâle & terreux,  
 Les yeux creux, les cheveux & crêpus & fangeux;  
 Sa bouche affreuse & noire, & ses levres pendantes  
 Offrent l'aspect hideux de ses dents jaunissantes.

<sup>1</sup> Des bords de l'Ethiopie.

Taõ grande era de membros, que bem posso  
Certificar-te, que este era o segundo,  
De Rhodes estranhissimo Colosso,  
Que hum dos sete milagres foi do Mundo:  
Com tom de voz nos falla horrendo, e grosso,  
Que pareceo sahir do Mar profundo,  
Arrepiaõ-se as carnes, e o cabelo  
A mi, e a todos, só de ouvillo, e vello.

E disse: Ó gente ousada mais, que quantas  
No Mundo commettêraõ grandes cousas,  
Tu, que por guerras cruas, taes, e tantas,  
E por trabalhos vãos nunca repousas,  
Pois os vedados terminos quebrantas,  
E navegar meus longos mares ousas,  
Que eu tanto tempo ha já que guardo, e tenho;  
Nunca arados de estranho, ou proprio lenho.

Pois vens ver os segredos escondidos  
Da Natureza, e do humido Elemento,  
A nenhum grãde humano concedidos,  
De nobre, ou de immortal merecimento;  
Ouve os damnos de mi, que apercebidos  
Estaõ, a teu sobejo atrevimento,  
Por todo o largo Mar, e pela Terra,  
Que inda has de subjugar com dura guerra.

Sabe que, quantas Náos esta viagem,  
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,  
Inimiga teraõ esta paragem,  
Com ventos, e tormentas desmedidas:  
E da primeira Armada, que passagem  
Fizer por estas ondas insoffridas,  
Eu farei de improviso tal castigo,  
Que seja mór o damno, que o perigo.

(Continúa).



D'abord, je te l'assure, a son corps monstrueux,  
De Rhodes je crus voir ce Colosse fameux,  
Dont l'étrange grandeur n'eut jamais de pareilles,  
Et que le Monde compte entre ses sept merveilles.  
D'un son horrible & rauque il frappe enfin les airs,  
Sa voix paroît sortir de l'abîme des mers.  
A l'entendre, a le voir nos cheveux se hérissent  
Tout nôtre corps frissonne, & nos veines tarissent.

Hardis Mortels, dit-il, & plus audacieux  
Que tous ceux qui du Monde ont étonné les yeux :  
Vous, dont de vains travaux, tant de cruelles guerres  
N'ont jamais pu lasser les armes téméraires,  
Vous osez donc briser le terme limité ?  
Vous osez de ces flots courir l'immensité,  
De ces flots, dont toujours j'ai gardé la surface,  
Dont jamais gouvernail n'a sillonné l'espace ?

Hé bien, priusqu'aujourd'hui d'un regard pénétrant  
Vous scrutez la Nature, & l'humide Element,  
Et sondez des secrets, dont nuls Mortels célèbres,  
D'un nom même immortel, n'ont percé les ténèbres :  
Je lis dans l'avenir ; écoutez les malheurs,  
Dont vôtre trop d'audace essuira les horreurs,  
Tant sur ces vastes mers, que par toute la terre  
Qu'il vous faut subjuguier par la plus rude guerre.

Voiez vôtre voiage, & sa fatalité ;  
Tous ces voiles armés par la témérité  
Auront pour ennemis, a jamais, ces rivages,  
Où se rassembleront les vents & les orages :  
Et, des premiers vaisseaux contre moi révoltés,  
Qui franchiront ces flots jusqu'ici respectés,  
Le chatiment subit fera de tels ravages,  
Que vos perils seront moins grands, que vos naufrages.

---

(à suivre).

**BIOGRAPHIA**

Honrar a memoria dos homens illustres, commemorar os actos da sua vida dedicada ao bem da humanidade e ao progresso social, fazel-os conhecidos dos que hoje gozam dos resultados do constante labutar de sua trabalhosa existencia, é honrar a Patria que illustraram, é pagar uma parte da grande divida de que são credores.

Ha muito quem, ofuscado pelos clarões brilhantes da gloria guerreira, chame grandes sómente aos que, seguidos de exercitos numerosos, ou de aperfeiçoados meios de destruição, conquistam, roubam, incendeião, destróem, e nem sequer ao menos vê os que em lides mais pacificas e por ventura mais obscuras são os verdadeiros conquistadores, não de imperios que morrem, mas de idéas, que se aperfeiçôam cada vez mais, que civilisam, que instruem, que impellem o homem e a sociedade no caminho do aperfeiçoamento.

Iremos nesta secção escrevendo a biographia de alguns nossos compatriotas notaveis nas sciencias e nas artes. Muitos são elles e em grande parte mais conhecidos dos estrangeiros que dos nossos, que de alguns nem o nome conhecem. Para gloria e honra nossa na historia de todos os paizes, senão em todas as epochas, o nome de muitos portuguezes é conhecido com louvor, quer nas Universidades e Academias, quer no Foro, quer na Industria, quer nas lutas sanguinolentas que por toda a parte têm inundado os terrenos do antigo e novo Mundo, quer nas descobertas de novas terras, quer nas lides não menos perigosas dos missionarios do Christianismo.

Em o numero seguinte começaremos pela biographia, pouco conhecida entre nós, do dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches.



**Obras concernentes á Historia de Portugal, existentes na Bibliotheca da Universidade — Nota extrahida dos Catalogos da mesma Bibliotheca, de junho de 1877.**

**Ablancourt** (Perrot) — Mémoire contenant l'histoire du Portugal depuis le traité des Perynées de 1654 jusqu'à 1668, avec les révolutions arrivées à la cour de Lisbonne et un détail des batailles et sièges de Mr. de Schomberg. Paris, 1701, 8.º, 1 v.

Abrégé de l'histoire du Portugal. Paris, 1699, 8.º, 1 v.

Abrégé chronologique de l'histoire de Espagne et Portugal. Paris, 1765, 16, 2 v.

**Acosta** (Joseph) — Histoire naturelle et morale des Indes tant Orientales qu'Occidentales (trad. p. Regnault Cauxois). Paris, 1600, 8.º, 1.

Actas das sessões da Camara dos Deputados na 3.ª sessão legislativa de 1870. Lisboa, 1871, 8.º, 1 v.

**Adamson** (J.) — Lusitania illustrata. Newcastle, 1846, 8.º, 1 v.

**Albuquerque** (Affonso) — Commentarios do Grande Affonso d'Albuquerque. Lisboa, 1576, 4.º, 1 v.

**Aledris** (Xerif) — Descripcion d'España (trad. p. D. J. A. Conde). Madrid, 1799, 8.º, 1 v.

Almanach do exercito. Lisboa, 1874, 8.º, 1 v.

» » » 1875.

Almanack de Lisboa para os annos de 1750, 1787, 1788, 1789, 1790, 1791, 1792, 1793, 1807-1812, 1814-1817, 1820-1822, 1825, 1826-16, 16 v.

Almanacs lusitanos. Lisboa, 1711, 8.º, 2 v.

Almanach portuguez, 1825-1826.

**Aldrete** (D. Bernardo) — Antiguidades d'España, Africa, etc., Amberes, 1614, 4.º, 1 v.

**Almeida** (D. Diogo Fernandes) — Dissertação historica. Lisboa Occid., 1732, 4.º, 1 v.

**Almeida** (D. Francisco) — Dissertação critica contra as Memorias para a historia do Bispado da Guarda. Lisboa Occid., 1733, 4.º, 1 v.

**Almeida** (P. Franciscus) — Orpheus brazilicus, sive, V. P. Josephus Anchieta, etc. Ulysipone Occid., 1737, 8.º, 1 v.

**Almeida** (D. Gregorio) — Restauração de Portugal prodigiosa. Lisboa, 1643, 4.º, 1 v.

**Almeida** (P. Manuel) e Telles (Balthazar) — Historia da Ethiopia alta. Coimbra, 1660, fol. p., 1 v.

**Alviella** (Goblet) — L'établissement des Cobourg en Portugal. Paris, 1869, 8.º, 1 v.

**Amaral** (Belchior Estacio) — Tractado das batalhas e successos do Galeão Sanct'Iago contra os Olandezes em Sancta Helena. Lisboa, 1604, 8.º, 1 v.

**Amor de Deos** (Fr. Martinho do) — Eschola de Penitencia — caminho de perfeição. Chronica de Sancto Antonio. Lisboa Occid., 1740, fol., 1 v.

**Andrada** (Francisco) — Cronica do muito alto rey D. João III. Lisboa, 1613, 4.º, 1 v.

**Andrade** (Jacintho Freire) — Vida de D. João de Castro, 4.º viso-rey da India. Lisboa, 1703, 4.º, 1 v.

Idem, 1727.

Idem, 1651.

Idem, 1747.

Idem, 1671.

Idem, 1759.

Idem, 1835.

**Anjos** (Fr. Luiz dos) — Chronicas dos Frades menores, continuada por J. Antonio Dias e J. Marcos de Lisboa. Lisboa, 1614, fol., 4 v.

**Anjos** (Fr. Manuel dos) — Historia Universal. Lisboa, 1702, 4.º, 1 v.

**S. Anna** (Belchior) — Chronica dos Carmelitas descalços, par-



tualmente do reino de Portugal e Provincia de S. Philippe. Lisboa, 1657, fol., 1 v.

S. Anna (Fr. Joseph Pereira de) — Chronica dos Carmelitas da antiga Observancia. Lisboa, 1751, fol., 2 v.

— S. Antonio (Fr. Bernardino) — Epitome Generalis redemptionum captivorumque. Ulysip., 1623, 4.º, 1 v.

S. Antonio (Fr. Henrique) — Chronica dos Eremitas da Serra d'Ossa. Lisboa, 1752, fol., 2 v.

S. Antonio (Fr. João Baptista) — Paraizo Seraphico. Lisboa Occid., 1734, 4.º, 3 v.

Apontamentos da historia ecclesiastica. Coimbra, 1869, 8.º, 1 v.

Appendix ás Reflexões do portuguez sobre o Memorial do Padre Geral dos Jesuitas, 1759, 12, 1 v.

— Applausos academicos e relação da batalha do Ameixoal. Amesterd., 1673, 4.º, 1 v.

— Applausos da Universidade a D. João IV (sem fr.), 8.º, 1 v.

— Araujo (dr. João Salgado) — Successos militares das armas portuguezas depois da real aclamação contra Castella. Lisboa, 1644, 4.º, 1 v.

Archivo Pittoresco. Lisboa, 1848, fol., 6 v.

O Aristarco portuguez. Coimbra, 1868, 8.º, 1 v.

Aristides Abranches — Almanach burocratico geral, districtal e concelhio. Lisboa, 1874, 8.º, 1 v.

Arthus (Gothardus) — Historia Indiæ orientalis. Col. Agrip., 1608, 8.º, 1 v.

— Idem, Francof., 1606, fol., 1 v.

— Azevedo (Luiz Marinho) — Apologeticos discursos, offerecidos a D. João IV em defensa da fama e boa memoria de Fernão d'Albuquerque contra o que d'elle escreveu D. Gonçalo de Cespedes. Lisboa, 1641, 4.º, 1 v.

— Fundação, antiguidades e grandezas de Lisboa. Lisboa, 1753, 4.º, 1 v.

Azevedo (D. Joaquim) — Breve noticia das ordens religiosas. Lisboa, 1790, 12, 1 v.

**S. Augustin** (Fr. Franciscus) — Filipica portugueza contra la invectiva castellana. Lisboa, 1645, 4.º, 1 v.

Auto do levantamento e juramento dos tres Estados, 1579, 4.º, 1 v.

Auto do levantamento e juramento feito á rainha D. Maria I. Lisboa, 1780, 4.º, 1 v.

Avisos militares sobre el servicio de la infanteria en guarnicion y campaña. Lisboa, 1757, 12, 2 v.

**Azurara** (Gomes Annes) — Chronica de D. João I. Lisboa, 1644, fol., 3 v.

**Bacelar** (Manuel da Cunha A. Sousa) — Epitome historico e panegirico da vida de D. Antonio Mendes de Carvalho, primeiro bispo d'Elvas. Lisboa, 1759, 4.º, 1 v.

**Baker** (Samuel While) — Découverte de l'Albert N'Yanza. Nouvelle exploration du Nil. Paris, 1868, 4.º, 1 v.

**Balbi** (A.) — Tractado de geographia universal. Paris, 1838, 4.º, 2 v.

Atlas de geographia universal, rectificada e addicionada por uma sociedade de litteratos portuguezes. Paris, 1839, fol., 1 v.

**Baptista** (João Maria) — Chorographia moderna de Portugal (em publicação).

**Barata** (A. Francisco) — Memoria historica da sé d'Evora e suas antiguidades. Coimbra, 1876, 8.º, 1 v.

Historia breve de Coimbra, sua fundação, armas, egrejas, collegios, etc. por Bernardo de Brito Botelho, 2.ª edição annot. p. Lisboa, 1874, 8.º, 1 v.

**Barbosa Machado** (Ignacio) — Fastos politicos da antiga e nova Lusitania. Lisboa, 1745, fol., 1 v.

**Barbuda** (A. Coelho de) — Empresas militares de Lusitanos. Lisboa, 1623, 4.º, 1 v.

(Continúa).



# ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

NUMERO 2

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1877

ACQUISICÕES NOVAS DA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

SUMMARIO

<b>PLANO E RELAÇÃO DA BAHIA, DENOMINADA DE LOURENÇO MARQUES</b> — por Fr. Francisco de S. Thereza . . . . .	17
<b>ADAMASTOR</b> — EPISODIO DE CAMÕES, TRADUZIDO EM VERSO FRANCEZ — por Gaubier de Barrault . . . . .	20
<b>BIOGRAPHIA DO DR. ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES</b> . . . . .	30
<b>OBRAS CONCERNENTES Á HISTORIA DE PORTUGAL, EXISTENTES NA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE</b> —NOTA EXTRAHIDA DOS CATALOGOS DA MESMA BIBLIOTHECA . . . . .	33

Pag.

Les écoles publiques en France et en Allemagne — Construction  
 par Félix Varion Paris 1877 8° 1 v.  
 Les monuments et les habitations des plantes grimpantes, par Ch.  
 Darwin — trad. par Rich. Gordon Paris 1877 8° 1 v.  
 Les provinces habitées de l'Europe, par D. Arbois de Jubainville Paris 1877 8° 1 v.  
 Traduct. de l'histoire ecclésiastique, par le R. Lévesque — trad.  
 de Francisco Luis de Saez Paris 1877 8° 3 v.  
 Exposition de l'homme catholique — Œuvre de Dieu 1875-1876  
 par J. M. L. Monod Paris 1877 8° 2 v.  
 Histoire des Cordeliers, par Ch. Jos. Hélie — trad. par Delaf.  
 Paris 1880-1873 8° 10 v.  
 Histoire romaine par Theod. Mommsen — trad. par Alzaga  
 Paris 1885 8° 8 v.  
 Histoire de l'empire romain — trad. pelo  
 Conde de Sarmodias Paris 1877 8° 3 v.  
 1877



## Publicações recentes

### ACQUIZIÇÕES NOVAS DA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

*Les écoles publiques en France et en Allemagne — Constructions et installations*, par Felix Narjoux. Paris, 1877, 8.º, 1 v.

*Le code de commerce belge révisé*, par Namur. Bruxelles, 1876, 8.º, 2 v.

*Manuel des docks, des ventes publiques et des warrants*, par Al. Sauzeau. Paris, 8.º, 1 v.

*Traité des assurances maritimes en France et à l'étranger*, par Labraque-Bordenave. Paris, 1876, 8.º, 1 v.

*Cours de droit maritime*, par Cresp, annoté par Aug. Laurin. Paris, 1876, 8.º, 1 v.

*Leçons de clinique médicale*, par H. Bernheim. Paris, 1877, 8.º, 1 v.

*Traité d'analyse des matières agricoles*, par L. Grandeau. Paris, 1877, 8.º, 1 v.

*Les mouvements et les habitudes des plantes grimpanes*, par Ch. Darwin — trad. par Rich. Gordon. Paris, 1877, 8.º, 1 v.

*Les premiers habitants de l'Europe*, par D'Arbois de Jubainville. Paris, 1877, 8.º, 1 v.

*Tractado de historia ecclesiastica*, par le P. Rivaux — (trad. por Francisco Luiz de Seabra). Porto, 1877, 8.º, 3 v.

*Exposition du Dogme catholique — Oeuvre de Dieu, 1875-1876*, par J. M. L. Monsabie. Paris, 1877, 8.º, 2 v.

*Histoire des Conciles*, par Ch. Jos. Héfélé — (trad. par Delare). Paris, 1860-1873, 8.º, 10 v.

*Histoire romaine*, par Theod. Mommsen — (trad. por Alexandre). Paris, 1865, 8.º, 8 v.

*Apologia do Christianismo*, por F. Hettinger — (trad. pelo Conde de Samodães). Porto, 1877, 8.º, 3 v.

(Continúa).

## Condições da assignatura

Anno .....	1\$800
Semestre .....	900
Avulso.....	120

As assignaturas para fóra de Coimbra accresce a importancia dos sellos.

O pagamento da assignatura deve effectuar-se logo depois da entrega do primeiro numero, em dinheiro ou em estampilhas do correio.

Publica-se a 1 e 15 de cada mez.

A correspondencia deve ser dirigida á — Empreza do *Archivo Bibliographico* — Coimbra.



Plano e relação da Bahia, denominada de Lourenço Marques, na Costa de Natal, ao norte do Cabo da Boa Esperança, junto ao Promôtorio da Latitude de 36 graos, e não menos das terras adjacentes, seus habitadores, Reys, Rios, Comercio, costumes.

SEU AUTOR FR. FRANCISCO DE S. THEREZA

Plano, e Relação da Bahia,  
denominada vulgarmente de Lourenço Marques &

(Continuado do n.º 1, paginas 7)

3. Elles tem diversas habitações, e mais de secenta até setenta Cazas de palhoças redondas nã sua configuração; em cada Povoação d'estas ha hum Chefe a quem chamam *Masuma*, e a quem os individuos respectivos tem hum grande respeito, e obediencia, como a hum logar Tenente do seu Rey. São muitas as Povoações, e situadas em breves distancias hũas das outras, de maneira, que ao son de tambores se participão as noticias de qualquer ataque. O Rey d'estes Cafres da *Unhaca*, tem hũa grande authoridade sobre os seus Povos, e Masumas. O seu Comercio consiste em muito Marfim, pois alem do que alcanção, e conseguem do proprio Paiz, lhes trazem muito grande porção d'elle, e dentes de Cavallo marinho os outros Cafres habitadores do Certão, e mais centraes do Continente a quem chamão *Alentotes*, pelo costume de pronunciarem essa voz, quando estão no ardor dos seus Bailles, sendo assim conhecida toda aquella Nação por toda a vasta Região. Tambem lhes introduzem pontas de Abbadas, e outros dentes de peixes maritimos. Elles tem, e conseguem excellente Ambar, que todos os annos se arroja nas suas prayas em certa Estação, que pola experiencia sabem para a Colheita, pera que concorre muito a figuração da Costa, e do mar bravo. As suas terras produzem Arroz excellente, e muito em abastança, bem como os mais

N.º 2.

legumes, por que tem diversissimas castas de bom Feijão, Favas, Ervilhas, Grãos, Guandas (que he hua especie de ervilha mais grada e farinacia) Couves grandicissimas, Alfices optimas, Cebolas, e as Canas doces, de que se servem, ignorando o modo de fazer assucar: do que tudo hião vender ao Destacamento da Tropa, e ó bordo dos Navios nas suas pequenas Embarcaçõens, de que se servem para as pescarias, em que são muito praticos, somente com o instrumento de Anzoes, e no que muito utilizão pela abundancia de peixe soborozissimo. As suas prayas são abundantes de marisco excellente; ha muita vaca, cuja carne he de bom sabor; ha o carneiro de cinco quartos de notavel gosto, e se adverte que a sua lan não he crespa, e só corredia, e curta á maneira do pello de cavallo. Neste sitio enche, e vasa a Maré tres legoas e com arrebatada corrente, isto é em toda a Bahia. Nesta Costa da *Unhaca*, dentro da referida Enceada, se encontrão grandes maravilhas da Natureza, como são o Martello e os Aljofares. Vi os Martelos; dos Aljofares fuy informado. Prezenciei alguns Cafres Vassallos do Rey Capella, de quem logo fallarei, que trazião na ponta de seu tecido canudo, hũa grande perola preza, e furada, e me informarão ser das da Costa, e prayas da *Unhaca*. Em ambas as Unhacas ha bella e excellente agoa de póços, bem como na vizinha Ilha de Santa Maria; e na Unhaca pequena, ha hũa ribeira corrente de muito boa agoa. Concluo dizendo, que he muito vasta a população, toda a gente de pacifica condigão, domestica, e tratavel, e com hũa precepção vivissima e atilada.

4. Vão cinco legoas adiante da Unhaca grande, e pela Córta da Bahia, quando apparece o Rio de Maputo ao Sul; e bem entendido, que toda esta Córta é povoada, e de gentes de bom agrado, aonde ha excellente Ambar: essa parte do Continente compete ao Rey de Maputo. Este Rio é muito extenso, e se navega por elle acima, mais de sessenta dias de viagem em lanxas ainda, que por conta da barra se não soffrem Vazos grandes, que demandam maior fundo de agua. Em toda a sua extensão ha grande commercio de marfim de uns e outros dentes, e pontas de abbadas, aonde apparecem algumas de sete palmos de comprido. A direcção



do Rio é sempre para oeste, os seus habitadores são alentotes; é muito abundante de toda a casta de gados, e até do bravo. Ha todos os bons legumes, excellente arroz, e muito fertil o seu paiz. Tem minas de cobre e de excellentissimo ouro, que trazem os cafres das montanhas. Os habitantes me informaram, que tinham tanto marfim quanto não podiam explicar, mas como esse povo tinha guerra com outros confinantes, os nossos não ousaram ir traficar com elles, por evitar, que sendo roubados não se soubesse quaes eram os aggressores, não podendo por essa desculpa ser castigados: ponto este de justiça, em que os Reis são muito severos e muito exactos. D'este Rio tiravam os inglezes e imperiaes os seus maiores interesses. Estes cafres tambem andam nus como os da *Unhaca*, e usam do mesmo canudo para conservação da honestidade, bem como as mulheres dos pannos pendentes. Este é o traje de todos os povos d'aquelle vasto continente.

(Continúa).

\*  
1. Durán, Hist. de la América, tomo 1.º, p. 100.  
2. D. Francisco de Alencar, Hist. de Brazil, tomo 1.º, p. 100.  
3. D. Manoel de Sá, Hist. de Brazil, tomo 1.º, p. 100.

## ADAMASTOR

**Descrição poetica do Cabo de Boa Esperança, que faz Luiz de Camões no quinto livro do seu poema intitulado Os Lusíadas desde a oitava 37 até a 60 inclusivamente.**

GAMA FALLA A ELREI DE MELINDE

(Continuado do n.º 1, paginas 8)

Aqui espero tomar (se não me engano)

De quem me descubrio summa vingança:

E não se acabará só nisto o damno

De vossa pertinace confiança:

Antes em vossas Náos vereis cada anno

(Se he verdade, o que meu juizo alcança)

Naufragios, perdições de toda sorte,

Que o menor mal de todos seja a morte.

E do primeiro Illustre, que a ventura

Com fama alta fizer tocar os Ceos,

Serei eterna, e nova sepultura,

Por juizos incognitos de Deos:

Aqui porá da Turca Armada dura

Os soberbos, e prosperos trofeos:

Comigo de seus damnos o ameaça

A destruida Quiloa, com Mombaça.

Outro tambem virá de honrada fama,

Liberal, Cavalleiro, namorado,

E comsigo trará a formosa Dama,

Que Amor por gram mercê lhe terá dado.

Triste ventura, e negro Fado os chama,

Neste terreno meu, que duro, e irado,

Os deixará de hum cru naufragio vivos,

Para verem trabalhos excessivos.



## ADAMASTOR

Ou description poetique du Cap de Bonne Espérance, morceau  
traduit de Camões, et tiré du cinquieme chante de son poëme de  
la Luziade, depuis la 37.<sup>e</sup> octave jusqu'a la 60.<sup>e</sup> inclusivement.

C'EST GAMA QUI PARLE AU ROI DE MELINDE

(Continuado do n.º 1, paginas 9)

Ma vengeance, j'espere, un jour dans ce climat,  
De qui me découvrit expiera l'attentat <sup>1</sup>;  
Et l'ardeur de punir vôtre audace obstinée,  
A son seul chatiment ne sera point bornée.  
Oui: (si la verité se decouvre a mes sens),  
Tous les ans vous verrez, frêles jouets des vents,  
Vos vaisseaux engloutis, & tant de maux a craindre,  
Que d'eux tous rassemblés la mort sera le moindre.

Au premier Chef illustre, & parmi vous fameux <sup>2</sup>,  
Dont les faits porteront le renom jusqu'aux Cieux,  
Je dois, par des décrets, qu'aux humains un Dieu céle,  
Servir de sepulture eternelle & nouvelle.  
De la flotte du Turc, c'est dans ces mêmes lieux,  
Qu'il lui faudra laisser le trophée orgueilleux.  
Quilõa renversée, unie avec Monbace,  
Da sa perte infailible avec moi le menâce.

Après lui doit paroître un Héros généreux <sup>3</sup>,  
Issu d'un noble sang, plein d'honneur, amoureux;  
Pour Compagne il aura l'objet le plus aimable,  
A l'amour il devra ce prix inestimable:  
Mais trahis par le sort, & par leurs noirs destins,  
Et jettés sur mes bords arides, inhumains,  
Ils sortiront vivants du plus cruel naufrage  
Pour souffrir des travaux plus forts que leur courage.

<sup>1</sup> *Barthélmi Dias. Voyez la Note qui est a la fin, page 33.*

<sup>2</sup> *D. François d'Almeida qui fut Vice-Roi des Indes.*

<sup>3</sup> *D. Manuel Sepulveda.*

Veraõ morrer com fome os filhos caros,  
 Em tanto amor gerados, e nascidos;  
 Veraõ os Cafres asperos, e avaros,  
 Tirar á linda Dama seus vestidos:  
 Os cristallinos membros, e preclaros,  
 Á calma, ao frio, ao ar veraõ despidos:  
 Depois de ter pizado longamente  
 Cos delicados pés a arêa ardente.

E veraõ mais os olhos, que escaparem  
 De tanto mal, de tanta desventura,  
 Os dous amantes miseros ficarem  
 Na férvida, e implacavel espessura.  
 Alli, depois que as pedras abrandarem,  
 Com lagrimas de dor, de mágoa pura,  
 Abraçados, as almas soltaraõ,  
 Da fermosa, e miserrima prizaõ.

Mais hia por diante o monstro horrendo,  
 Dizendo nossos fados, quando alçado,  
 Lhe disse eu: Quem es tu, que esse estupendo  
 Corpo, certo me tem maravilhado?  
 A boca, e os olhos negros retrocendo,  
 E dando hum espantoso, e grande brado,  
 Me respondeo com voz pezada, e amara,  
 Como quem da pergunta lhe pezára:

Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo,  
 A quem chamais vós-outros Tormentario,  
 Que nunca a Tolomeo, Põmponio, Estrabo,  
 Plinio, e quantos passáraõ fui notorio.  
 Aqui toda a Africana Costa acabo,  
 Neste meu nunca visto Promontorio,  
 Que para o Polo Antartico se estende,  
 A quem vossa ousadia tanto offende.



Ils verront leurs Enfants, objets de leur amour,  
 Par la faim dévorés, expirer tour a tour:  
 On verra l'affreux Caffre avide & plus barbare  
 Dépouiller sans pitié la beauté la plus rare;  
 Et ce corps, dont l'eclat efface le cristal,  
 Nud, souffrir la chaleur, le froid, un air fatal,  
 Laissant de toutes parts sur l'arène brulante  
 De ses pieds délicats l'empreinte encor sanglante.

Echappés a ces maux, a ces tourments divers,  
 Ces amants survivront a leurs affreux revers  
 Pour languir, pour souffrir dans leur sort deplorable,  
 Des arides forests la chaleur implacable.  
 C'est là, qu'après avoir, a force de malheurs,  
 Amolli les rochers par leurs cris de douleurs;  
 Ils verront, embrassés, fuir leur ame immortelle  
 De la triste prison, qui pour eux fut si belle.

Poursuivant son discours, ce Monstre horrible enfin  
 Prédisoit nos destins; quand me levant soudain;  
 Quel es-tu, dis-je, toi qui sous ce corps informe  
 Nous vient émerveiller de ta stature enorme?  
 Tournant alors sa bouche, & roulant ses yeux creux,  
 Il pousse avec effort un hurlement affreux,  
 Et répond d'un ton dur, que l'amertume enflammée,  
 Comme si ma demande eut opprimé son ame:

Je suis ce CAP fatal, occulte, & renommé,  
 Que, le CAP ORAGEUX, vous même avez nommé.  
 Ptolomé, & Strabon, Pomponius, ni Pline,  
 En un mot nul mortel n'a su mon origine,  
 Ni vû mon Promontoire inconnu jusqu'alors;  
 De la Côte Africaine il borne ici les bords,  
 Et commandant ces mers s'étend sur leur surface,  
 Vers le Pôle Antarctique outré de vôtre audace.

Fui dos filhos asperrimos da Terra,  
 Qual Encelado, Egeo, e o Centimano:  
 Chamei-me ADAMASTOR, e fui na guerra  
 Contra o que vibra os raios de Vulcano:  
 Naõ que puzesse serra sobre serra;  
 Mas, conquistando as ondas do Oceano,  
 Fui Capitaõ do Mar, por onde andava  
 A Armada de Netuno, que eu buscava.

Amores da alta Esposa de Peleo,  
 Me fizeraõ tomar tamanha empreza:  
 Todas as Deosas desprezei do Ceo,  
 Só por amar das aguas a Princeza:  
 Hum dia a vi co as filhas de Nereo  
 Sahir nua na praia, e logo preza  
 A vontade senti de tal maneira,  
 Que inda naõ sinto cousa, que mais queira.

Como fosse impossivel alcançalla,  
 Pela grandeza feia de meu gesto,  
 Determinei por armas de tomalla,  
 E a Doris este caso manifesto.  
 De medo a Deosa entã por mi lhe falla;  
 Mas ella com fermoso riso honesto,  
 Respondeo: Qual será o amor bastante  
 De Ninfa, que sustente o de hum Gigante?

Com tudo, por livrarmos o Oceano  
 De tanta guerra, eu buscarei maneira,  
 Com que com minha honra escuse o damno.  
 Tal resposta me torna a messageira.  
 Eu, que cahir naõ pode neste engano,  
 («Que he grande dos amantes a cegueira»)  
 Enchêraõ-me com grandes abundanças  
 O peito de desejos, e esperanças.



La Terre me compta parmi ses fiers enfants,  
 Centimane, Encelade, Egée, & les Titans,  
 Je suis ADAMASTOR, & pris part a la guerre  
 Contre le Dieu puissant, qui lance le tonnerre;  
 Mais on ne me vit point entasser monts sur monts:  
 Conquérant l'Océan, & ses antres profonds,  
 Je me chargeai des Mers, ou courant la Fortune,  
 Je cherchai furieux la flotte de Néptune.

De ce hardi projet l'Amour fut le moteur,  
 L'Epouse de Pélée avoit seduit mon cœur;  
 A la Reine des Eaux seule, rendant les armes  
 Des Déesses du Ciel je méprisai les charmes.  
 Sur les bords de la Mer, je la vis nûe un jour;  
 Les Filles de Nérée embellissoient sa cour:  
 Soudain mon cœur fut pris, mais de telle maniere,  
 Qu'a tout dans l'Univers encor je la préfere.

De mon enorme corps l'effraiante grandeur,  
 D'obtenir son aveu m'otant l'espoir flatteur,  
 Je voulus l'emporter par la force des armes,  
 Je le dis a Doris; la Déesse en allarmes  
 Court, tremblante d'effroi, parler en ma faveur:  
 Thétis, lui souriant de l'air de la candeur,  
 Quelle Nimphe pourroit, dit-elle avec finesse,  
 A l'amour d'un Géant egaler sa tendresse?

Mais enfin pour sauver l'Océan aux abois  
 D'une guerre si longue, essaions, toute fois  
 Sans blesser mon honneur, d'arrêter le carnage.  
 Ma confidente ainsi me rendit ce message;  
 Je n'en soupçonnai point le piège séduisant,  
 Des amants insensés tel est l'aveuglement.  
 Abondamment rempli d'une vaine imprudence,  
 Mon cœur bercé d'erreurs se gonfla d'espérance.

Já necio, já da guerra desistindo,  
 Huma noite, de Doris promettida,  
 Me apparece de longe o gesto lindo  
 Da branca Tetis, unica, despida:  
 Como doudo corri de longe, abrindo  
 Os braços, para aquella, que era vida  
 Deste corpo; e começo os olhos bellos  
 A lhe beijar, as faces, e os cabellos.

Ó que não sei de nojo como o conte!  
 Que crendo ter nos braços, quem amava,  
 Abraçado me achei com duro monte  
 De aspero mato, e de espessura brava:  
 Estando cum penedo fronte a fronte,  
 Que eu pelo rosto angelico apertava,  
 Não fiquei homem não; mas mudo, e quedo,  
 E junto de hum penedo, outro penedo.

Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,  
 Já que minha presença não te agrada,  
 Que te custava ter-me neste engano,  
 Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?  
 Daqui me parto irado, e quasi insano  
 Da mágoa, e da deshonra alli passada,  
 A buscar outro Mundo, onde não visse,  
 Quem de meu pranto, e de meu mal se risse.

Eraõ já neste tempo meus irmãos  
 Vencidos, e em miseria extrema postos;  
 E por mais segurar-se os Deoses vão,  
 Alguns a varios montes sottopostos:  
 («E como contra o Ceo não valem mãos»  
 Eu, que chorando andava meus desgostos,  
 Comecei a sentir do Fado imigo,  
 Por meus atrevimentos o castigo.



Ridicule jouet de l'imbecillité,  
 De la guerre déjà je m'étois désisté.  
 Par Doris, une nuit m'est promise: j'arrive,  
 Et je crois voir Thétis seule au loin sur la rive;  
 Aucun voile jaloux ne couvroit ses appas.  
 C'est son port, sa blancheur, j'ouvre aussitôt les bras,  
 Je cours baiser ce corps, j'y sens voler mon ame;  
 Sa bouche, ses cheveux, son bel œil... tout m'enflamme...

Ah! je ne puis conter sans honte, & sans regrets,  
 Que croiant embrasser la beauté que j'aimois,  
 Je me vis embrassant un Mont dur, effroiable,  
 Couvert d'une forêt epaisse, impénétrable;  
 Et trouvant face a face un rocher dans mes bras,  
 Quand je croiois presser d'angéliques appas,  
 L'homme en moi disparut, muet, presque sans vie,  
 Je devins une roche a l'autre roche unie.

Nimphe de l'Océan la plus riche en attraits,  
 Que t'en eut-il couté si je te déplaisois,  
 De me laisser au moins l'erreur d'un bien suprême  
 Fut-ce un songe, une nûe, un mont, le néant même?  
 Fuiant enfin ces lieux, insensé de fureur,  
 Outré d'affliction, & de mon déshonneur,  
 Je fus chercher un Monde, ou delivré d'allarmes,  
 Je ne visse personne insulter a mes larmes.

Mes freres dès longtems etoient déjà vaincus,  
 Et dans leurs triste sort sans ressource abbatus.  
 Pour plus de sureté les Dieux dans leurs vengeancees  
 Les avoient ecrasé sous des rochers immenses.  
 Ainsi contre le Ciel tous les efforts sont vains.  
 Tandis que je me traine en pleurant mes chagrins,  
 Du Destin ennemi trop coupable victime,  
 Je commence a sentir la peine de mon crime.

Converte-se-me a carne em terra dura;  
 Em penedos os ossos se fizeraõ:  
 Estes membros, que vês, e esta figura  
 Por estas longas aguas se estendêraõ;  
 Em fim minha grandissima estatura  
 Neste remoto Cabo convertêraõ  
 Os Deoses: e por mais dobradas mágoas,  
 Me anda Tetis cercando destas aguas.

Assi contava, e cum medonho choro  
 Subito dante os olhos se apartou:  
 Desfez-se a nuvem negra, e com sonoro  
 Bramido, muito longe o Mar soou.  
 Eu levantando as mãos ao santo Coro  
 Dos Anjos, que taõ longe nos guiou,  
 A Deos pedi, que removesse os duros  
 Casos, que ADAMASTOR contou futuros.

---

FIM.



En terre dure un jour je vis changer mes chairs,  
 Mes os pétrifiés formerent des rochers.  
 Ces membres que tu vois, cette stature enorme,  
 S'allongeant sur les eaux, prirent un autre forme;  
 En ce Cap reculé, les Dieux vengeant leurs torts  
 Convertirent enfin mon gigantesque corps;  
 Et pour rendre a jamais mes douleurs plus profondes,  
 Thétis même, Thétis m'entoure de ses ondes.

Ce Monstre ainsi parla, pleurant affreusement,  
 Et de nos yeux surpris disparut a l'instant;  
 Avec lui disparut le ténébreux nuage,  
 D'un long mugissement la Mer, & le rivage  
 Retentirent au loin : Moi, j'élevai les mains  
 Vers le Ciel, qui nous guide en ces climats lointains,  
 Le priant d'éloigner les disgraces futures,  
 Qu'ADAMASTOR prédit dans ses tristes augures.

FIN.

Barthélmi Dias qui se trouvoit alors avec Gama, avoit déjà poussé sa navigation, sous le regne de Jean II Prédécesseur d'Emmanuel, jusqu'au Cap de Bonne Esperance, & aussitôt après son retour en Portugal avec Gama, s'étant rembarqué avec Pierre Alvarez Cabral, il fut englouti dans la tempête terrible qui assaillit sa Flote auprès de ce Cap.

## BIOGRAPHIA

do  
**DR. ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES**

O dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, medico pela Universidade de Salamanca, socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa, correspondente da Academia Real das Sciencias de Paris, socio da de S. Petersbourg, e da de Medicina; antigo medico do exercito, do nobre corpo de Cadetes, medico da Imperatriz na Russia, nasceu em Penamacôr a 7 de março de 1699, foi filho de Simão Nunes, negociante naquella villa, e de Anna Nunes Ribeiro.

Seu pae, gozando de uma razoavel fortuna e de uma reputação honrosa, devida á sua reconhecida probidade e intelligencia, foi quem primeiro se encarregou da sua educação: estudou Philoſophia em Salamanca em 1716, 1717 e 1718. Desde o começo de seus estudos mostrou desejos de se destinar á profissão de medico.

Um de seus tios, advogado em Penamacôr, empenhava-se em que elle seguisse a carreira a que elle proprio devia a sua fortuna, e offerecia-lhe grandes vantagens; designou-o para seu successor promettendo casual-o com sua filha unica de 17 annos; Sanches tinha então 18.

Acceitou, trabalhou com assiduidade no escriptorio de seu tio; a convivencia com sua promettida esposa afastava-o cada vez mais das suas primeiras tenções.

A leitura dos Aphorismos de Hippocrates fez-lhe reviver as suas primitivas sympathias pela Medicina, a ponto de abandonar por ella tudo. Fugiu, e veio para Coimbra, onde se entregou com enthusiasmo ao estudo seu predilecto.

Sua mãe e seu tio indispozeram-se com elle, e o pae não teve



força de o proteger abertamente; valeu-lhe porém um tio materno, Diogo Nunes Ribeiro, medico em Lisboa, que sabendo os sacrificios que seu sobrinho fazia por amor da Medicina, resolveu protegê-lo efficazmente: recommendou-o ao seu collega em Coimbra, o dr. Bernardo Lopes de Pinho, que se empenhou em desenvolver a intelligencia e aptidão do seu discipulo, a quem não desmentida amizade ligou sempre: em 1744 tomou o gráu em Medicina na Universidade de Salamanca tendo 25 annos, e foi no anno seguinte nomeado para o partido de Benevente.

Levado pelo amor pela sciencia que mais se desenvolvia á proporção, que pela experiencia adquiria novos conhecimentos, resolveu visitar as Universidades mais celebres da Europa, deixou Benevente, e partiu para a Inglaterra: estudou dois annos em Londres, onde se teria fixado se uma grave doença o não tivesse forçado a mudar de tenção.

Visitou a Universidade de Montpellier; em Marselha conviveu intimamente com Bertrand, já então muito considerado pela sua dedicação, e pelo talento que mostrara quando em 1720 e 1721 a peste invadira aquella cidade.

Sabendo que Boerhaave professava então em Leyde, não quiz perder as lições de tal mestre, e durante tres annos seguiu o curso do celebre professor.

Em Leyde encontravam-se então os sabios mais celebres atraindo aquella cidade um numerosissimo concurso de discipulos, que depois foram espalhar por toda a parte os conhecimentos alli adquiridos.

Albinus, Gaubius, Van-Swieten e Boerhaave ensinavam a Anatomia, a Chimica, a Pharmacia e a Medicina.

Sanches mostrou-se digno discipulo de taes mestres. Mais tarde communicou a Van-Swieten a composição de um remedio afamado que ainda hoje tem o nome do auctor, e que Van-Swieten, por orgulho ou má intelligencia, não applicou segundo os preceitos do seu antigo discipulo, esquecendo-se de fazer uso das bebidas sudoriferas quando usasse da dissolução do *sublimado corrosivo*.

Sanches, quando em 1747 voltou á França, conheceu o resultado d'este esquecimento, e não podendo estabelecer os banhos

russos (hoje tão fallados como novidade), preferiu áquella dissolução um *sal mercurial*, que misturado com remedios salinos, rezinosos, aromaticos, e administrado em pilulas produzia excellente resultado em muitas molestias chronicas, principalmente nas originadas de vicios venereos degenerados.

Em 1731 Ribeiro Sanches foi indicado para ir para a Russia por Boerhaave, a quem a Imperatriz pedira tres medicos de sua escolha: foi então sómente que Boerhaave soube que o seu discipulo já era graduado pela Universidade de Salamanca, o que o deixou em extremo lisongeado.

Ribeiro Sanches acabava de receber más novas da patria: seu pae tinha morrido, e sua mãe perdêra um processo importante, que lhe levava o melhor da sua fortuna; sentindo a morte do pae que tanto amava, cedeu da sua parte da herança a favor de sua mãe, e partiu para S. Petersburg em 1791; foi mandado para Moscow, onde em breve o seu muito saber, ajudando a sua posição de estrangeiro e de recém-chegado, lhe grangeou merecida fama e clientela.

Ribeiro Sanches pôde na Russia desenvolver seus talentos e mais ainda as virtudes que o adornavam: nunca encontrara povo mais miseravel nem que mais captivasse a humanidade e a generosidade do medico estrangeiro que repartia com os pobres o que recebia dos abastados.

(Continúa).



Obras concernentes à Historia de Portugal, existentes na Bibliotheca da Universidade — Nota extrahida dos Catalogos da mesma Bibliotheca, de junho de 1877.

(Continuado do n.º 1, paginas 16)

Barbosa (Francisco Antonio da Costa) — Elogio historico. Vida e morte do ex.<sup>mo</sup> Cardeal D. Thomaz d'Almeida. Lisboa, 1754, 8.º, 1 v.

Barbosa (D. José) — Epitome da vida do ex.<sup>mo</sup> D. Luiz Carlos Ignacio Xavier de Menezes. Lisboa, 1743, 4.º, 1 v.

— Archiathenæum lusitanum. Ulysipone, 1732, 4.º, 1 v.

— Catalogo chronologico, historico, etc. das rainhas de Portugal. Lisboa Occid., 1727, 4.º, 1 v.

— Historia da fundação do real convento do S. Christo dos religiosos capuchinhos francezes. Lisboa, 1748, 4.º, 1 v.

Barleus — Rei brasilie imperante Mausitio Nasoviae. Olivis, 1660, 8.º, 1 v.

Barros (P. André) — Vida do apostolico padre Antonio Vieira. Lisboa, 1746.

Barros (Giovani) — L'Asia (trad. da Alfonso Ulloa). Venetie, 1562, 8.º, 1 v.

Barros (João de) — Decadas da Asia. Lisboa, 1628, 4.º, 2 v.

— Decadas da Asia. Lisboa (P. Pereira), 1752, 4.º, 2 v.

Bayam (Joseph Pereyra) — Portugal glorioso e illustrado com a vida e virtudes das rainhas Sancha, Thereza, Mafalda, Isabel e Joanna. Lisboa Occid., 1727, 4.º, 1.

Bayam (José Ferreira) — Chronica de El-Rey D. Pedro I. Lisboa Occid., 1735, 8.º, 1 v.

Bayam (P. José Pereira) — Chronica d'El-Rey D. Pedro I. Lisboa, 1760, 4.º, 1 v.

Beauchamp (Alfred) — Histoire du Brésil. Paris, 1815, 8.º, 3 v.

Belem (Fr. Jeronymo) — Chronica seraphica do Algarve. Lisboa, 1750, 4.º, 4 v.

S. Bento (Fr. Gil) — Satisfação apologetica e quinta essencia de verdade averiguada e apurada. Lisboa, 1651, fol., 1 v.

Biographia de Antonio Marques Rodrigues. Lisboa, 1875, 8.º, 1 v.

Bicker (Julio Firmino Judice) — A Terra sancta e a liberalidade portugueza. Lisboa, 1874, 4.º, 1 v.

Birago (G. B.) — Historia del regno di Portugallo. Lugduni, 1644, 4.º, 1 v.

— Historia della desunione de Portugallo della Corona de Castiglia. Amsterd., 1647, 8.º, 1 v.

— Resposta guindica politica al libro — *Le dirittó di Giovain IV, re di Portugallo*. Aug. vind., 1644, 8.º, 1 v.

S. Boaventura (Fr. Fortunato) — Commentario de Alcobacensi manuscriptorum bibliotheca, etc. Conimbricæ, 1827, fol. p., 3 v.

S. Boaventura (J. Antonio Caetano) — Paraiso mystico da ordem dos menores. Porto, 1750, fol., 1 v.

Bocarro Francez (dr. Manuel) — Anacephaleoses da Monarchia lusitana de Fr. Bernardo de Brito. Lisboa, 1624, 16.º, 1 v.

Boletins do ministerio dos negocios ecclesiasticos e de justiça, 1859, 1860, 1861, 1862, 1867.

Bonnucci (Antonio Maria) — Epitome chronologico, genealogico e historico. Lisboa, 1706.

Borges Carneiro (Manuel) — Extracto das leis, avisos, provisões, etc., de ElRey para o Brasil, de 1807 a 1816. Lisboa, 1816, 8.º, 1 v.

— Segundo additamento geral das leis, etc., de 1603 a 1817, pela maior parte não impressos ainda. Lisboa, 1817, 8.º, 1 v.

Botelho (Sebastião Xavier) — Memoria estatistica sobre os dominios portuguezes na Africa Oriental. Lisboa, 1835, 8.º, 1 v.



Braga (Theophilo) — Historia da poesia popular portugueza. Porto, 1867, 8.º, 1 v.

Brandano (Alessandro) — Historia delle guerre di Portugallo per l'occasione della separazione di quel regno della corona cattolica. Venegia, 1689, 4.º, 2 v.

Brandano (Franc.) — Dell'istoria delle guerre di Portugallo, che continua quella di A. Brandano. Roma, 1716, 4.º, 2 v.

Brito (Fr. Bernardo de) etc. — Monarchia lusitana. Alcobaca, 1597, fol., 8 v.

— Chronica de Cister. Lisboa, 1602, fol., 1 v.

— Elogios dos reis de Portugal. Lisboa, 1726, 4.º, 1 v.

Brito (Joaquim Maria Rodrigues de) — Chorographia de Portugal. Coimbra, 1850, 8.º, 1 v.

Cacegas (Fr. Luis) — Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, reformada em estylo por Fr. Luiz de Sousa. Vianna, 1619, fol., 1 v.

Caetano de Bem (D. Thomaz) — Noticia previa da collecção dos Concilios celebrados pela Egreja lusitana. Lisboa, 1757, 4.º, 1 v.

— Memoria historica chronologica da sagrada religião dos Clerigos regulares em Portugal e conquista. Lisboa, 1792, fol., 2 v.

Callado (Fr. Manuel) — O valeroso Lucideno, e triumpho da liberdade. Lisboa, 1648, 4.º gr., 1 v.

Caldeira (Carlos José) — Vida publica do novo Bispo d'Angra. Lisboa, 1872, 8.º, 1 v.

<sup>N3</sup> Campos (Manuel de) — Relaçam do solemne recebimento que se fez em Lisboa ás santas reliquias que se levaram á egreja de S. Roque aos 25 de janeiro de 1588. Lisboa, 1588, 12.º, 1 v.

Candido Lusitano — Vida do Infante D. Henrique. Lisboa, 1758, fol. p., 1 v.

Canto e Castro (André Meirelles do) — O Marquez de Sá da Bandeira. Lisboa, 1876, 8.º, 1 v.

Caramwel Loblowits (D. Juan) — Philippus prudens Lusi-

taniæ, Algarbiorum, Indiæ, etc., legitimus rex demonstratus. Antuerpiæ, 1639, fol., 1 v.

Cardonne — Histoire de l'Afrique et de l'Espagne sous la domination des Arabes. Paris, 1765, 8.º, 3 v.

Cardoso (George) — Agiologio lusitano dos santos varões de Portugal. Lisboa, 1659, fol., 1 v.

Cardoso (P. Luiz) — Dicionario geographico de Portugal. Lisboa, 1747, 4.º, 2 v.

Carné (Louis) — Portugal no seculo XIX. Coimbra, 1837, 8.º, 1 v.

Carneiro (dr. Bernardino Joaquim da Silva) — Elementos de geographia e de chronologia, 2.ª ed. Coimbra, 1848, 8.º, 1 v.

Carnota (Conde da) — The Marquis of Pombal. London, 1871, 4.º, 1 v.

Carta do bispo de Beja, e outras instrucções sobre os trabalhos presentes da sancta egreja. Lisboa, 1794, 4.º, 1 v.

Cartas que os padres e irmãos da Companhia de Jesus escreveram do Japão e China, de 1549 a 1580. Evora, 1598, 4.º, 2 v.

Carvalho da Costa (Antonio) — Corographia portugueza. Lisboa, 1708, fol., 3 v.

Carvalho (Joaquim Martins de) — Apontamentos para a historia contemporanea. Coimbra, 1868, 8.º, 1 v.

Carvalho (D. Laurentius Pires) — Eucleationes Ordinum militarium tripartita. Ulyssip., 1693, fol., 2 v.

Castanheda (Fernam Lopes) — Historia del descubrimiento y conquista de la India por los Portuguéses, trad. en castellano. Anvers, 1554, 12.º, 1 v.

Castello-Branco (J. Barbosa Canaes de Figueiredo) — Costados das familias illustres de Portugal, Algarves, Ilhas e Indias. Lisboa, 1829, 4.º, 2 v.

(Continúa).



# ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

NUMERO 3

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1877

## SUMMARIO

	Pag.
PLANO E RELAÇÃO DA BAHIA, DENOMINADA DE LOURENÇO MARQUES — por Fr. Francisco de S. Thereza.....	37
SUMARIO DA DESTRUISSÃO DA FORTZ. <sup>a</sup> DE CUNBALLE NA INDIA — por André furtado de m <sup>ca</sup> , capittaõ mor daquella ympreza .....	43
BIOGRAPHIA DO DR. ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES ...	47
HISTORIA DOS CERCOS DE MALACA — por Jorge de Lemos..	51
OBRAS CONCERNENTES Á HISTORIA DE PORTUGAL, EXISTENTES NA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE — NOTA EXTRAHIDA DOS CATALOGOS DA MESMA BIBLIOTHECA .....	53

---



## Publicações recentes

### ACQUIZIÇÕES NOVAS DA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

*Pharmaceuticos illustres de Hespanha na epocha presente—Estudos biographicos*, por José Libertador de Magalhães Ferraz. Coimbra, 1872-1873, 8.º, 1 v.

*Pharmacia — Estudos bibliographicos*, por J. L. de Magalhães Ferraz. Coimbra, 1876, 8.º, 1 v.

*Monument à Edu. Jenner, ou Histoire générale de la vaccine à l'occasion du premier Centenaire de son invention*, publiée par le dr. Burgraeve. Bruxelles, 1875, fol., 1 v.

*Brados a favor das comunidades das aldêas do estado da India*. Nova Gôa, 1870, 8.º, 1 v.

*Relatorio da Commissão encarregada de demarcar os terrenos da provincia de Satary*. Nova Gôa, 1866, 8.º, 3 fol.

*Levantamento topographico*, por Claudino Augusto Carneiro de Sousa e Faro, Tenente-Engenheiro. Nova Gôa, 1868, 8.º, 1 v.

*Reflexões sobre o Padroado portuguez no Oriente, com um Additamento*, por um Portuguez. Nova Gôa, 1858, 8.º, 1 v.

*Feições meteorologicas de Gôa*, por um Official-Engenheiro do mesmo Estado. Nova Gôa, 1867, 8.º, 1 v.

*Breve noticia da creação e exercicio da aula de principios de Physica, Chimica e Historia natural do Estado da India portugueza*, por Miguel Vicente d'Abreu. Nova Gôa, 1873, 8.º, 1 v.

*Ensaio historico da lingua concani*, por J. H. da Cunha Riva. Nova Gôa, 1858, 8.º, 1 v.

*Resumo historico da maravilhosa vida, conversões e milagres de S. Francisco Xavier*, por Felipe Nery Xavier. Nova Gôa, 1861, 8.º, 1 v.

*Anno biographico brasileiro*, por Joaquim Manuel de Macedo. Rio de Janeiro, 1876, 8.º, 3 v.

*L'Empire du Brésil et l'Exposition Universelle de Philadelphie*, 1876.

(Continúa).

## Condições da assignatura

Anno.....	15800
Semestre.....	900
Avulso.....	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardon e viuva Moré.

O pagamento das assignaturas pôde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmiento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

A correspondencia deve ser dirigida á — Empreza do *Archivo Bibliographico* — Coimbra, rua das Colchas, n.º 5.



**Plano e relação da Bahia, denominada de Lourenço Marques, na Costa de Natal, ao norte do Cabo da Boa Esperança, junto ao Promôtorio da Latitude de 36 graos, e não menos das terras adjacentes, seus habitadores, Reys, Rios, Comercio, costumes.**

SEU AUTOR FR. FRANCISCO DE S. THEREZA

**Plano, e Relação da Bahia,  
denominada vulgarmente de Lourenço Marques &**

(Continuado do n.º 2, paginas 19)

São muitas as povoações deste Rio, e pola terra a dentro, e há huns pôcos de Reys todos nossos amigos, entre elles se distingue muito o Rey Capella, de quem prometti falar. Este principe, desde antiguidade, como me disse, hé muito amigo da Nação portugueza, do que se diriva, que seus Avós conforme á tradição, já nos eraõ muito favoraveis. Hé elle de huma regularissima altura, bem moldado e bem figurado. Hé da caza dos *Landins*, para fazer differença dos *Alentotes*, tem vinte e tres annos de idade, e falla bem a nossa linguagem; hé muito civil e politico a seu modo; de tres em tres mezes vem pessoalmente a bordo dos navios, que estaõ ancorados nas visinhanças de suas margens, aonde janta acompanhado de seus grandes, e para isso previne os do Navio com huma váca, que lhes manda de refresco. Está no bordo muito tempo, aonde come, e bebe aguardente, licor, o qual atrahe muito a todos os Cafres nacionaes, e recebe donativos de pesas de pano preto e contas, que tudo importa em vinte e cinco cruzados. Elle sempre reputa o seu Marfim polo melhor preço, á cerca do mais, diz, que vejaõ se o podem comprar por hum pnao, fraze que entre elles explica o barato.

Acabada esta sua visita, se restitue á sua terra, que sempre terá a distancia de hum dia de viagem, cuja marcha elle toma com suavidade porque prenoita em algumas de suas povoações.

N.º 3.

Admite em sua caza hum sogeito, ou Negociante para lhe comprar o seu marfim, e o da sua gente; e este sugeito hé regularmente hum commissario daquelles que traficaõ, ou negocea nesse genero. As suas terras saõ muito abundantes de tudo quanto hé comestivel, e quanto costuma servir para o negocio do Paiz. E nas que saõ sogeitas a este Rey hé que as embarcaçoens fazem a melhor aguada.

5. Segue-se da parte do Norte, continuando a circumferencia da sobredita Bahia — o notavel rio do Espirito Santo, o qual pertence aos dominios do Rey *Matólla*. Este principe, que demonstra ter trinta annos, hé muito amigo dos Portuguezes, talvez dezempenhando aquella boa amizade, que seus antecessores, e Avós tiveram com a nossa gente; pois o dito rio era, e sempre foi o abrigo de todas as Embarcaçoens, que se acolhem á Enceáda, a onde unicamente há ancoradouro, e mais seguro.

Nos annaes da sua tradição se conserva, a memoria do grande agazalho, que davaõ aos Portuguezes, quando por naufragantes hiaõ para as suas terras. O mesmo á cerca do dito Rey — *Capella* — cujo nome derivou de hũa casa sua chamada — *Capoeira*, aonde se agazalhavaõ os Portuguezes despojados pelo naufragio.

O sobredito *Matólla* — nos deu nas suas terras a porçaõ, que quizessemos, e nella se edificou a povoação para o destacamento de cento e trinta homens, que mandou o Governador interino de Mocambique, *Vicente Caetano de Maia*, segundo as ordens superiores que teve. O certo é que o dito Rey naõ podia dar maior demonstração de affabilidade, e cordeal affecto pelos Portuguezes, pois lhes chamara seus filhos, e por um Edicto geral e verbalmente comonicado, havia participado aos seus vassallos, que nenhum se atrevesse a maltratar aos Portuguezes com ferro ou azagaya sob graves penas; que no caso de serem doestados pelos Portuguezes, só se poderiaõ deffender, mas naõ atacar. Havia expressa ordem para os Portuguezes poderem passar, e atravessar todas as terras do seu reyno sem o menor impedimento. Elle nos persuadia muitas vezes, que no lugar do Destacamento edificas-



semos casas de pedra, e cal, e alem de huma horta do Governador da Fortaleza.

6. Este Rey hé muito rico, tem grande extensaõ de terras, e de hum lugar cheo de Povoaçõens que corresponde a hũa grande Provincia nossa, chamada — *Clerinda*, sahem grandes provisõens de Viveres, muitos gados, muitos legumes, excellentes bananas, mimosas mangas, e bons ananazes. Há tambem grande quantidade de marfim nas suas terras. A sua casa vem parar muita gente da montanha, de seis e sete mezes de Caminho a trazer oiro, cobre, marfim.

Todo o seu continente tem vaca de muito bom sabor, e do mesmo modo hé o capado, e o xibano, o carneiro de cinco quartos. Há tambem excellente peixe e muito saborozo, assim saõ as galinhas e muito Grandes, e com grande abundancia. A Tropa todos os mezes matava mais de setecentas para seu mantimento, e a preço cada hũa de palmo e meio de panno preto.

7. Quaze todos os dias havia hũa Feira junto ao Destacamento, e esta, naõ só de viveres, e fructas de regalo, como tambem das outras especes. Houve occasiaõ, que o Ambar, e Marfim andava a granel, e vendiaõ hum pedaço, que teria hum arratel por duas braças de panno, e ainda assim o naõ compravaõ. Naõ posso deixar de dizer algũas circumstancias, que daõ toda a idea da boa indole, e inclinaçãõ deste Rey *Matõlla*. Elle vinha muitas vezes á nossa Povoaçãõ, e se era de manhã, assistia com toda a veneraçãõ ao incruento Sacrificio da Missa, persuadindo aos seus, que praticassem o mesmo culto, postos todos de joelhos. Tinha elle hua grande ancied.<sup>o</sup> de saber a Dotrina da nossa Religiaõ, e como sabia, e fallava o Idioma Portuges, tinha comigo miudas conferencias sobre esse Artigo, rogando-me que fosse celebrar Missa nas suas terras, e que para esse fim mandaria edificar hum bem decente apozento. Algumas vezes pelo seu Secretario, ou Menistro junto á pessoa, me fez conduzir á sua Caza, no que assenti, quando menos me occupava no Destacamento, e em algum seguro intervalo. Quando eu apparecia na Caza do Rey, era

excessivo o seu prazer, e por essa demonstração participava essa noticia á os Reys vizinhos, *Mavotte*, e *Matumbane*. Algũas vezes me vinha buscar ao caminho, antes de entrar na sua Povoação. Era inexplicavel a sua consolação com a minha companhia. Elle no meyo dos seus Grandes muitas vezes me pedia lhe explicasse a criação do Mundo, e a do primeiro homem, a sua queda, originaria da perda do genero humano; a vinda do filho de Deos ao Mundo, e a Encarnação do Verbo divino nas purissimas entranhas de Maria Santissima sua Mãe, e Senhora nossa. Tudo elles ouviaõ atiladamente com sizudeza, e crudelidade, e depois de se encherem de admiração, me pedia o Rey, que lhe demonstrasse na sua povoação hum sinal de affecto, demorando-me com elle, pois tinha hum grande desejo de saber a doutrina christã. Isto fis quanto me foj possivel, mas sem mayor fructo, por ter de assistir ao meu Menisterio no dito Barracamento, e á Tropa.

8. Seis legoas retirado d'este Rio ao Norte está o grande Rio do Manissa, e do Magaya, bem entendido, que hé huma só corrente, porém conserva aquelles dois nomes, porque no seu berço se achãõ dois Reys, que sempre conservaraõ esses nomes des dos seus oriundos. Logo na entrada deste Rio está o Rey *Mavóte*, que entre os outros muito seus confinantes, hé asinalado polo seu grande poder, riqueza, e abastança. Tem muitos gados, e muita população. Eu lhe vi muito Ambar no volume de bito arrobas depositado em Caixas, que elle comprou, e houve de outros Cafres chamados — *Macarambas*, — que haviaõ descido do Rio do Oiro, Rio, que está entre a dita Bahia de Lourenço Marques, e o Cabo do Promontorio. Este Rey, como fica na boca, e entrada do rio *Manissa*, tem occasião de receber de todos os Navios que vaõ á Enceada, hum Donativo, á que chamam *Saguatte* conforme o estilo, e fraze do Paiz de toda a India; o mesmo recebe, e todas, e quaesquer Embarcações, que sobem pelo seu Rio assimã. Elle hé muito afavel, e politico; á seu rogo estive quatro dias na sua Povoação, pedindo-me, que queria lhe ensinasse, quem era Deos? e como a sua Povoação dista seis legoas do nosso Destacamento, tive occasião de reppetir a vezita, e o mesmo Rey me



fes o donativo de dois pedaços de Ambar, que pezavaõ trinta e oito onças. Tambem admitte em sua Caza hum Negociante, e Comprador de Marfim, por ser delle o Paiz muito abundante, e o trazerem repetidas vezes os Cafres das outras Povoaçõens.

9. Segue-se outro Rey chamado *Matumbane*, cujas Terras saõ confinantes com as do sobredito Mavóte. Hé muito abundante de provimentos, e das suas Terras sahe muito Arroz, que se vende a os que necessitaõ dessas provizõens. Tambem admitte em sua Morada Comprador e Negociante de Marfim. Depois deste Potentado dezasseis, ou vinte dias de viagem, está outro Rey, a quem chamaõ o *Graõ Caixa*, e pola razaõ da sua mayoria, e superioridade sobre os outros Reys do Territorio, todos o temem, e respeitaõ polo seu grande poder, e pola muita gente que lhe obdece, e tem em seus Dominios. Para a Caza deste Rey concorrem muitos Portadores de Marfim, e com muita quantidade, de maneira, q. mandava pedir muitas vezes ao nosso Destacamento, que quizessem comprar-lhe o Marfim daquellas expediçõens, por não ter logar a onde acomodar a muita gente, que o havia conduzido. A sua Caza se pode comparar com o Maneyo de huma Alfandega abastecida; pois como pagaõ ao Rey certos Direitos dos generos do Marfim, todos ali o conduzem, e ali se faz o trafico. Deve-se entender, que os Rios de *Maputo*, e *Mannissa* eraõ os Canaes, donde os Inglezes tiravaõ todos os seus mayores interesses, e que descontavaõ com largas usuras os seus incomodos. Não há com que se comparem as grandes utilidades destes dois Rios, nem o que descia por aquellas duas paragens, pois todos os annos tinhaõ de continuo seis, ou sette Embarçaõens a tomar carga de Marfim, pontas de Abbadas, dentes de Cavallo Marinho, Escravos apprehendidos em guerra entre elles, Ambar, Oiro, Cobre, e outras uteis produçõens. Isto obrigava os Inglezes a não deixarem aquelle Porto de tanto proveito ao seu Comercio, e esta era a mesma razaõ, porque tambem se atrahiaõ os Imperiaes com as suas Embarçaõens para igual negocio.

10. Já dei idea da boa indole, e domestica condiçaõ de todos

aquelles Cafres habitadores do Paiz: Elles são muito atillados, tem censo para deixarem de imprimir de todo as noções, discernindo o bem do mal, e o util do nocivo; são affavveis, e agradecidos. Já disse a grande inclinação, que os dominava a favor dos Portuguezes, principalmente no Rey *Matólla*, em cujas terras estava o nosso Destacamento, o qual foi bem recebido com toda a gente polo dito Rey, e polos seus Apaniguados. A vista do seu bom acolhimento, entendendo, e fallando a nossa lingua, se estabeleceo o nosso Barracamento, dando-se nos a terra, que quizesse-mos abranger, e escolher. O contentamento era geral, e em dezanove de Abril de mil, sette centos, e oitenta, e hum, dia de S. José, fez o nosso Governador Joaquim de Araujo, arvorar bandeira, estando estabelecido o conveniente Reducto, e apontados os nossos Canhões. Tivemos porem, e soffre-mos a infeliz desgraça de ver arder o nosso Barracamento a os doze de Mayo seguinte, sem se poder prezervar coisa alguma; porque o tempo, a Atmosfera, a palha, que fazia o telhado, tudo fazia rapido o incendio, e não contei pouco em me salvar a mim, por estar nessa occasião muito doente, e por comessar a queima das oito, para as nove horas da noite, em cujo conflicto vim a perder todo aquelle provimento, que tinha ajuntado, e prevenido para tres annos. Tudo emfim quanto estava em terra se reduziu a cinzas ligeiramente.

(Continúa).



NB

O MS. que em seguida publicamos e que faz parte da collecção da Bibliotheca da Universidade, escripto com uma letra pouco legivel, não traz data nem assignatura (como a maior parte dos MS. d'aquella collecção); apenas em letra muito mais moderna na primeira pagina tem a seguinte nota:—O Author desta obra ou hé Joaõ Baptista Lavanha, ou Luis Mendes de Vasconcellos, sendo que mais me inclino a ser seu author Ruy Mendes de Vasconcellos. Não vem assignada a nota, a letra parece ser do dr. A. Honorato de Caria e Moura, antigo Bibliothecario da Universidade, que deixou na Bibliotheca muito importantes e aproveitaveis apontamentos, principalmente para a catalogação das memorias e artigos das differentes encyclopedias e collecções existentes na Bibliotheca relativas a todos os differentes ramos de sciencias.

Não é possivel resolver com os elementos que temos a duvida que a nota apresenta, mas no que ella a não offerece é sobre a originalidade do MS., qualquer que seja o seu auctor: a linguagem no entretanto não nos parece ser a de Lavanha nem a de Luiz Mendes de Vasconcellos, e por ser do mesmo parecer talvez é que o auctor da nota suppõe ser de Ruy Mendes.

A falta de indicações e esclarecimentos, que se encontra na maior parte dos MS. da Bibliotheca da Universidade, torna mui difficullosa a sua classificação e a confecção de um catalogo como elle deve ser. O que existe é uma especie de inventario, onde estão lançadas umas notas indicatoras apenas da materia do MS., mas feitas segundo a numeração exterior de cada volume; e cada um d'esses volumes é, com pouquissimas excepções, não uma miscellanea, mas uma misturada sem methodo, sem ordem, a não ser a dos formatos, e muitas vezes nem essa.

### Sumario da destruição da fortz.<sup>a</sup> de Cunballe na India por André furtado de m<sup>ca</sup> capittaõ mor daquella ympeza

Quoando o comde dom fr.<sup>co</sup> da Guama chegou a este estado que foi a 26 de mayo de 597 estava andre furtado de mendoça

V. a nota do  
catalogo de Ma-  
nuscritos, bñias  
n. 250, pag.  
161, na qual se  
afirma ser esta  
reprodução das  
partes incorrectas  
com falta de 5  
págs.

retirado em húa quinta da guadelupe pellas sem Rezoés molestias eavexaçóes com que o Vissorey Mathias dalbuquerque coria com elle das quoaes todas que Juriustamente lhe quis poer ouve sucas porque Constou clramente querer com o braco Real executar a natureza de mathias dalbuquerque.

§ Com esta nova sosessão se foi Andre furtado para a cidade domde foi aos Reis vissittar, o comde almirantte mandando tomar húa quinta da banda de pamquim aomde esteve os dias que o comde esperou lhe fizesse a Cidade seu Recebim.º semdo do ditto Andre furttado todos os dias vissittado e acompanhado e o dia da entrada se esmerou em o acompanhar mais galante e custoso que todos e do dia que o Comde chegou a goa a 15 dias com seus parenttes e amiguos Jugou huas canas Reaes as mais custosas e aparatonas q̄ se fizerao a nenhú Visso Rey.

§ Acompanhando o todo o ymverno com m.<sup>tos</sup> ginettes cada dia com careiras e Regozijos sendo sempre dos primeiros que trabalhavao de o comprazer nas materias que eráo desentes a seu servisso E honra E openiaõ advertindo o sempre E fazendo lhe todas as lembrancas que Compriáo ao serv.º de Ds. E de S.M.º assim por satisfazer o devido a sua amezae como por fazer o que S.M.º lhe mandava neste particular por suas Carttas.

§ A 14 de agosto o mandou o Comde chamar e lhe prepos quáo encarezado trazia de S.M.º a conquista da ilha de Seiláo, E que duas avia de ser húa, ou elle avia de ir, ou Andre furtado com outras m.<sup>tas</sup> palavras todas muy obriguatorias a sua prettensão muy diferente do q̄. Compria Andre furttado o qual per Cartas que de seus parentes aquelle ano teve soube que V. M.º era servido que elle assistisse na obrigação de capittaõ mór do malavar e Mar da India conforme a húa instrussão que o Comde traria de S. M.<sup>de</sup> em q̄ asy o mandava expressam.<sup>te</sup> E emtendendo o lamço que o queria ocupar com esta promessa E em seu luguar dalo a seu Irmáo Respondeo lhe que elle estava prestes p.<sup>a</sup> servir S. M.<sup>de</sup> naquillo em q. elle hera servido q. o elle servisse.

§ E que as Coussas de Seiláo o tpó tinha bem mostrado o pouco q̄ se fazia naquella Comquista e o muitto que se despencia pela



ordem que ate enttaõ Matias dalbuquerque tinha entemtado a tal impreza que conforme a isto compria a servisso de Sua M.<sup>de</sup> metersse hú poder grande emesta impreza p.<sup>a</sup> se dar fim as Coussas dãaquella Ilha e não querella comquistar pella saca de modo que era mais comquistar este estado para se perder que a Ilha a se ganhar E q̄. se S.S. estava em estado de lhe dar poder com que pudesse fazer o Servisso de S. M.<sup>de</sup>, que estava muito prestes mas que em outra forma não lhe compria fazer a ditta jornada per que se não imaginasse ou se dissesse d'elle que estava em Seiláo tratando de seus imteresses particulares e não do serv.<sup>o</sup> de S. M.<sup>de</sup> o que estava claro tanto que não levasse poder para passar da tramq.<sup>a</sup> da Maluana a que o Comde lhe Respondeo q̄. lhe daria tudo o que pudesse até se samgrar nas veas, E que fizesse hú apontam.<sup>to</sup> das coussas que eraõ necessr.<sup>as</sup> que a tudo defereria o q.<sup>1</sup> apontam.<sup>o</sup> o ditto Andre furtado fez e o deu na mão do Comde.

§ Vendo o ditto André furtado que era pasado agosto e setembro sem o Comde lhe deferir ao ditto apontam.<sup>o</sup> lhe fez algúas lembramcas pessoalmentte e com promessas o andou emtretemdo ate nōmear armada do Malavar um seu Irmáo e o meter de posse della E visto plo ditto Andre furtado como o Comde tinha posto em effeito sua pretemção e tirando lhe o seu lugar E dado a seu Irmáo E no que lhe tinha prometido lhe não deferia detriminou irse para o Reino a que o Comde acodio e lhe mandou dizer por dom A.<sup>o</sup> de nor.<sup>a</sup> e por dom diogo lobo que dom Jeronimo d. azevedo que em Seilaõ estava lhe mandara pedir 300 homes e com ellas se obrigava a dar fim a impreza que estes trezentos homes lhe daria Andre furtado lhe respondeo por estes fidalguos que se espantava m.<sup>s</sup> do q. S. Senhoria lhe mandava dizer que dom Jeronimo lhe escrevera por que quando elle lá foi com 500 homes esteve perdido e indo la Dom. Alv.<sup>o</sup> d'abramches com 300 de socorro, e d. Roiz com outros 300 e fernaõ roiz de Saa com 200 Se não fizera nada que devia S. S.<sup>a</sup> com brevidade mandar os 300 homes a dom. Jeronimo d'Azevedo pois se obrigava com taõ pouqua gente ymprehender hũa taõ grande ympreza e que sua m. tanto desejava dar-se-lhe fim e que se espantava muito de

S. S.<sup>a</sup> naõ lhos ter mandados: não se satisfez o Viso Rey com a resposta, tornou a mandar outro recado a André furtado por Ruy machado Barbosa, ouvidor geral que lhe daria para a ditto ym- preza 400 homens ao que André furtado naõ defferio, emfim concluireaõ se por ordem do ditto Ruy machado que lhe daria o Comde na monçaõ de março 500 homens portuguezes e podendo seriaõ 600 e toda a gente da terra e as mais cousas que pedia o seu apontamento, o q̃. André furtado aseittou e desistio da sua ida porem cobrando os papeis e certidões do ditto Ruy machado de tudo o q̃. o Comde por elle lhe mandava prometter.

(Continúa).



## BIOGRAPHIA

DO

## DR. ANTONIO NUNES RIBEIRO SANCHES

(Continuado do n.º 2, paginas 32)

O dr. Ribeiro Sanches foi nomeado medico da cõrte imperial da Russia em 1740. Sua primeira consulta foi uma profecia. Havia oito annos que a Imperatriz soffria bastante, sem que os medicos conhecessem a causa da molestia. Sanches declarou que a doença provinha de uma pedra nos rins, e que não havia remedio algum para ella, receitou palliativos e seis mezes depois a Imperatriz morreu, e feita a autopsia encontrou-se a pedra.

Primeiro medico da Regente e do principe Iwan, em tempos de turbações politicas, comprehendeu que se arriscava a pagar caro a celebridade e as honras adquiridas; apezar d'isso não quiz abandonar a Princeza que só nelle confiava, que o tractava com particular distincção como medico e como sabio.

Em 1742 uma revolução elevou ao throno da Russia Isabel Petrowna, e as novas calamidades que o Imperio soffreu foram o signal das desgraças do dr. Ribeiro Sanches. Fiel ao juramento que tinha prestado á Regente cahida, foi insultado e accusado por isso, vigiado, espionado por toda a parte; seus amigos mortos ou expulsos ou exilados na Siberia, tudo isto lhe causou gravissimos desgostos que muito lhe deterioraram a saude.

Tractava elle de achar o meio de obter a sua reforma e dispensa de serviço, e aguardava o momento favoravel quando foi chamado para junto do Duque de Holstein, perigosamente doente, e que no fim de trinta dias estava salvo. Em recompensa recebeu um logar de Conselheiro de Estado e pouco depois a sua dispensa de serviço, resistindo aos pedidos dos seus amigos incluindo o proprio Euler. A Academia de S. Petersbourg, de quem era Socio honorario, offereceu-lhe uma pensão de 800 libras.

Sanches logo que pôde arranjar uma boa collocação para dois sobrinhos de Boerhaave, o que elle considerava como um dever de gratidão, partiu; nada o prendia já á Russia. Veio a Berlim e em 1747 achava-se em Paris, onde se fixou a instancias de Camillo Falconet e outros muitos sabios e medicos illustres.

Continuou entregando-se ao estudo das sciencias rodeado dos seus amigos e compatriotas, dos russos, dos sabios e dos pobres a quem dava consolações e remedios, para o que mal lhe chegava a sua fortuna mediocre. Os governos da Russia e de Portugal vieram em seu soccorro <sup>1</sup>.

Applicando-se principalmente ao estudo da materia medica, introduziu em França o uso das flores de zinco, da tintura de Cantharida, de raiz de Colombo, e da de João Lopes Pinheiro. Depois de ter feito sobre si mesmo a experiencia d'estes remedios, recommendou o uso d'elles aos seus amigos, entre os quaes se contava *Payen* regente da faculdade de Medicina de Paris, homem superior de raro talento, e bom observador, com que fez a analyse das *Terras de Mafra*.

Vinte libras d'estas terras tinham-lhe sido enviadas pelo sr. Barros, fidalgo portuguez tendo-as encontrado nas serras a duas leguas do mar em um sitio onde ha muito *marmore preto*. Nos intersticios d'essas massas de marmore despedaçadas pelo tempo se encontrava esta especie de terra calcaria que parecia marmore decomposto e cuja analyse tinha sido feita por Borie e Bayen. Esta terra de um branco acinzentado tinha curado um cancro em uma mulher, e que se considerava incuravel. Segundo o dizer de Barros, que assistira ao tractamento, aquella terra fôra applicada como topico externa e internamente. Payen obtivera o mesmo resultado curando um cancro horrivel em menos de tres

---

<sup>1</sup> Durante 16 annos a Russia esqueceu-se do dr. Ribeiro Sanches, e só depois Catherina II por intervenção do general-Betzkoï lhe deu uma pensão de 1:000 rublos: Portugal, com quem succedera o mesmo, lhe renovou a pensão por intermedio do F. de Sousa. O Principe de Galitzin declarou-se tambem seu protector.



mezes. Ribeiro Sanches quiz continuar as experiencias e a analyse d'aquella terra, mas o governo portuguez d'então prohibiu a exportação e a exploração d'aquella terra.

Admirava o distincto medico os progressos da Cirurgia em França, mas receiava o servir-se d'ella, e evitou-a sempre que pôde para os seus doentes, não por fraqueza mas por prudencia, e porque entendia que só em ultimo caso se devia lançar mão de operações quasi sempre dolorosas e arriscadas.

Muitas foram as obras publicadas pelo dr. Ribeiro Sanches, das quaes faremos uma relação no fim d'esta noticia: deixou grande numero de manuscriptos, que talvez de todo se perderam, e as suas opiniões e conhecimentos acham-se espalhados nas innumeradas consultas a que respondeu, e na sua correspondencia com todos os homens mais notaveis do seu tempo taes como, além d'outros, Pringle, Fothergill, Gaspar Rodrigues de Paiva, medico em Roma, Manuel Joaquim Henriques de Paiva, medico em Coimbra, Alvares, Magalhães, correspondente da Sociedade Real de Londres, etc.

Em 1752 foi nomeado socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa e da Sociedade Real de Medicina, a cujas sessões a sua saude lhe não permittia assistir.

Desde esta epocha custava-lhe muito sahir, mas em 1782 ainda visitou o Conde do Norte, que se não dispensou de ver juncto a si o *Medico portuguez*, como lhe chamavam, que o Principe conhecia de nome, e a quem tractou com extrema distincção. Depois d'esta visita não mais tornou a sahir de casa: conhecendo que pouco tempo teria a viver, atacado como estava de calculos na bexiga, parou com todos os remedios.

A 15 de setembro de 1773 sobreveio-lhe uma febre contínua e morreu tranquillo a 14 de outubro seguinte, estimado e respeitado de todos como homem, como sabio e como medico.

Deixou os seus livros a seu irmão Marcello, dr. em Medicina pela Universidade de Leyde, e residente em Napoles, e os seus manuscriptos a Mr. Bure, livreiro, seu amigo e editor de suas obras.

As obras impressas do dr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, são :

1.<sup>a</sup> — *Dissertation sur l'origine de la maladie vénéree dans laquelle l'on prouve qu'elle n'a point été aportée d'Amérique mais qu'elle a commencé en Europe par une Epidémie.* Paris, 1750, 8.<sup>o</sup> Didot, 1765;

2.<sup>a</sup> — *Exame-historico sobre o apparecimento da molestia venerea na Europa, etc.* Lisboa, 1774, 8.<sup>o</sup>, 1 v.;

3.<sup>a</sup> — *Tractado da conservação de saude dos povos, etc.* Paris, 1756, 8.<sup>o</sup> (Foi traduzida em hespanhol em 1777, e em italiano em 1783 por seu irmão Marcello);

4.<sup>a</sup> — *Methodo para aprender a estudar a Medicina, etc., com os meios proprios para a fundação d'uma Universidade real, na qual se ensinassem todas as sciencias que são necessarias ao Estado civil e politico.* Lisboa, 1773, 8.<sup>o</sup>;

5.<sup>a</sup> — *Maladie vénéree chronique — article du Dictionnaire raisonné des Arts et des Sciences.*



**Historia dos Cercos, que em tempo de Antonio Monis Barreto, Governador que foi dos Estados da India, os Acheus e Jáos puzeram a fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga Capitão della — brevemente composta por Jorge de Lemos — Impresso com licença do supremo Conselho de Sancta e geral Inquisição — Em Lisboa em casa de Manoel de Lyra — Anno de 1585.**

## PROLOGO AO LECTOR

Pareceu-me dever advertir nesta pagina, a quem este livrinho quizer ler dos erros que na impressão d'elle se commeterão (que do meu em o compor vem as alfaias que pera tão peregrino e eminente officio se requerião, entendo que dou bastante satisfação na epistola dedicatoria do felecissimo Principe Cardeal Archiduque d'Austria nosso Senhor para poder escusar outra de novo) porque como alguns dos erros mudem em certas partes o sentido da sentença, ou clausula, e outros o descomponham noutras, não sem causa acontecera confundir-se quem pola mesma de os aver achado, affirme que foi mor o do atrevimento, que tive em querer meter este cõpendio dos Cercos de Malaca na conversação dos homens, com pouco exame, por quanto barbarisar em cousas muito cuidadas, e contaminar a pureza d'ellas cõ solecismos notaveis, não tem mais desculpa, que a da confissam d'uma tam crapa ignorancia donde não ha appellar (com esperança de perdão) pera a benevolencia e magnanimidade de varoens doutos, e avisados, polos validissimos embargos com que os Ministros de Mormo e Zoilo costumão sempre vir, por não perderem o direito de sua ardente emulação.

---

Ao Principe Cardeal Archiduque d'Austria Nosso Senhor.

Posto que os que escrevem historias, Serenissimo Senhor, verdadeiras ou fingidas, sanctas ou profanas estejam collocados por razam de seus engenhos, arte, e erudiçam, experiencia, favor e gosto, em diferente predicamento pera este officio, quando se lhe offerece occasião, do em que estou (porque careço d'essas partes

todas, que de necessidade deva concorrer nos que nelle se exercitão) todavia nem por isso me pareceu deixar de escrever a dos Cercos de Malaca em que Tristão Vaz da Veiga foi capitão porque sendo passados há doze annos e obrado Deos nelles maravilhas taes que transcendem, e sobre pojão a opinião dos homens, não ouve té ora nenhum, que os quisesse historiar para se manifestarem a todos, e se immortalizar a fama dos com que se ouve por servido de os obrar. Assi como me não levasse a esta occupação confiança de saber proprio, senão falta d'alhea curiosidade, creio que não sómente me não será redarguido, e calumniado o trabalho, nem baldado o cabedal do meu pequeno talento que nella empreguei: mas antes remunerado cõ agradecimento de vontade dos que tiverem inclinação d'escrever, se o quizerem fazer d'estes Cercos (como me persuado que o queseirão se virem não ser desprezado de V. A. este serviço do primogenito de meu entendimento, que a vossa real pessoa humildemente prezento) pois os achão escriptos para com mais facilidade os poderem transformar, polindo o meu tosco, e bastardo frasis, com seu legitimo e cortezão, eleganciando juntamente minhas palavras, cõ outras suas, que vam accidentes, que jamais necessitarão com sua variedade, variar-se a substancia das cousas que ouverem de recontar: a verdade das quaes, tenho por sem duvida a não contrariará ninguem com justa causa, por que a andei investigando e inquirindo muito a raiz, de pessoas, que forão presentes, e ma disseram sem discrepancia alguma, affirmando-me para credito seu, e minha segurança que estavão penhorados nellas pollas cartas que a este reyno tinhão da India escripto sobre o discurso d'estes Cercos. E como minha tençam nesta pequena escriptura seja a que signifiquei, não cuido que há pera que deva tomar mais salvas, de me determinar em a dirigir a V. A. que a que ella mesma por huma certa concomitancia aos primeiros lanses mostra. Nosso Senhor a vida e real estado de V. A. por inuitos e mui felices annos prospere e augmente como polos bons hé desejado—Em Lisboa o primeiro de septembro de 1585—*Jorge de Lemos.*

(Continúa).



**Obras concernentes á Historia de Portugal, existentes na Bibliotheca da Universidade — Nota extrahida dos Catalogos da mesma Bibliotheca, de junho de 1877.**

(Continuado do n.º 2, paginas 36)

Castilho (Antonio de) — Commentario do cêrco de Gôa, e de Chaul em 1570, intentado por D. Luiz de Athayde. Lisboa Occid., 1736, 8.º, 1 v.

Castillo y Alba (D. Henrique) — Las Ordenes militares portuguezas. Madrid, 1872, 8.º, 1 v.

Castro (Damião Antonio de Lemos Faria) — Aula de nobreza lusitana. Lisboa, 1749, 4.º, 7 v.

Castro (Augusto Mendes Simões de) — Guia historico do Bussaco. Coimbra, 1875, 8.º, 1 v.

— O Brazão de Coimbra. Coimbra, 8.º peq., 1 v.

— Guia historico do viajante em Coimbra. Coimbra, 1868, 8.º, 1 v.

Castro (Damião A. de Lemos Faria) — Historia geral de Portugal e suas conquistas. Lisboa, 1786, 12.º, 13 v.

Castro (Julio de Mello) — Historia panegirica de Diniz de Mello e Castro. Lisboa Occid., 1721, 4.º, 1 v.

Castro (João Baptista) — Mappa de Portugal antigo e moderno. Lisboa, 1762, 8.º, 3 v.

Catastofre de Portugal, 4.º, 1 v.

S. Catharina (Fr. Lucas) — Memorias da Ordem militar de S. João de Malta. Lisboa, 1734, fol., 1 v.

— Memorias da Ordem de Malta (tomo 1.º). Lisboa Occid., 1734, fol., 1 v.

Cerafino (Lucas Moniz) — Manual chronologico. Lisboa, 1788, 12.º, 1 v.

Chaby (Claudio) — Excerptos historicos, e collecção de documentos relativos á guerra peninsular, de 1801, do Rossillon. Lisboa, 1863, fol.

Chronica de D. Affonso Henriques. Lisboa, 1749, 18.º, 1 v., 2 ex.

Chronicas de D. João I, D. Duarte e D. Affonso. Lisboa, 1643, 4.º, 1 v.

Chronica de D. Nuno Alvares Pereira. Lisboa, 1526, 4.º, 1 v.

Idem. Lisboa, 1627, 4.º, 1 v.

Chronica litteraria da nova Academia dramatica, 8.º, 1 v.

O Chronista de Tissuary, red. por J. H. Rivara. Nova Gôa, 1868, 4.º, 1 v.

Coelho (Duarte d'Albuquerque) — Memorias diarias de la guerra del Brazil. Madrid, 1654, 4.º, 1 v.

Coelho (José Maria Latino) — Historia politica e militar de Portugal desde os fins do seculo XVII até 1814. Lisboa, 1874, 8.º, 1 v.

Coelho (Simão) — Compendio da chronica de Nossa Senhora do Carmo, 1572, 4.º, 1 v.

Collecção de decretos e editaes gr., 1808.

Collecção dos documentos e memorias da Academia Real de historia portugueza — ordenada pelo Conde de Villar-Maior. Lisboa Occid., 1721, fol., 13 v.

Collecção de escriptos relativos á regeneração politica dos Açores em 1821. Lisboa, 1822, 4.º, 1 v.

Collecção da Minerva lusitana.

Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes — Jornada do Maranhã, 1514. Lisboa, 1812, 8.º, 1 v.

Collecção das ordens do dia do exercito, 1812.

Collecção de proclamações feitas em 1808 por occasião do levantamento contra os francezes. Coimbra, 1808, 4.º, 1 v.

Colmena (D. Juan Alvares) — Annales de Espagne et du Portugal. Amsterd., 1741, 4.º, 1 v.

Compendio historico do estado da Universidade de Coimbra no



tempo da invasão dos denominados Jesuitas. Lisboa, 1772, 4.º, 1 v.

Conceição (Fr. Appolinario) — Claustro franciscano, erecto no dominio da corôa portugueza, etc. Lisboa Occid., 1740, 4.º, 1 v.

Seculos da religião Seraphica. Lisboa Occid., 1796, 12.º, 1 v.

Conceição (Fr. Claudio) — Gabinete historico. Lisboa, 1870, 12.º, 17 v.

Conestage (Jerome) — Histoire de la Union du Royaume de Portugal à la Couronne de Castilla. Paris, 8.º, 2 v.

Conostagio (Geron.) — Historia de la Union de Portugal a la Corona de Castilla. Barcellona, 1616, 8.º, 1 v.

Copia de las cartas de Alepo, Damasco, Tripoli, etc., de 11 de outubro, 20 de novembre y 1.º de dezembro sobre las vitorias de los portuguezes, de los persianos, inglezes, etc. Coimbra, 1639, 4.º, 1 v.

Cordeiro (P. Antonio) — Loreto lusitano. Virgem da Lapa. Lisboa Occid., 1719, 4.º, 1 v.

Historia insulana das ilhas de Portugal sujeitas no Oceano Occidental. Lisboa, 1717, fol., 1 v.

Corrêa (Gaspar) — Lendas da India (ed. da Acad. Real das Sciencias). Lisboa, 1858, fol., 7 v.

— Corrêa (Gaspar Pinto) — Lacrimæ Lusitanorum in obitu principis Theodosii II. Ulyssip, 1631, 12.º, 1 v.

— Corrêa (Fr. Pedro) — Conspiração universal. Lisboa, 1615, fol., 1 v.

Corrêa e Alvarenga (Manuel José) — Braga triumphante. Coimbra, 1742, fol., 1 v.

Corrêa de Castro (Antonio Lopo) — Apontamentos biographicos do ex.<sup>mo</sup> sr. Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão. Coimbra, 1854, 8.º, 1 v.

Corrêa de Lacerda (D. Bernardo, bispo do Porto) — Vir-

— Fernando

tuosa vida e sancta morte da princeza D. Joanna, etc. Lisboa, 1674, 4.º, 1 v.

Correio Mercantil, 1794, 1796 e 1797.

Correspondencia official das provincias do Brasil durante a legislatura das Constituintes de 1821 a 1822. Lisboa, 1872, 8.º, 1 v.

Corte-Real (Jeronymo) — Segundo Cerco de Diu. Lisboa, 1574, 8.º, 1 v.

Costa (D. Antonio da) — Historia da instrucção popular em Portugal desde a fundação da monarchia até nossos dias. Lisboa, 1871, 8.º, 1 v.

Costa (Fr. Bernardo da) — Historia da Ordem de Nosso Senhor Jesus-Christo. Coimbra, 1771, 4.º, 1 v.

Costa (Guiseppe) — Historia naturale e morale delle India, (tr. de G. P. Galucci). Venetia, 1596, 4.º, 1 v.

Costius (A. F.) — De vita Nonni Alvaris Pereira. Olisp. Oc., 1723, fol., 1 v.

Coutinho (D. Gonçalo) — Discurso de uma jornada á villa de Mazagão. Lisboa, 1620, 8.º, 1 v.

Coutinho (Pasqual Ribeiro) — Jornada a lo reyno de Portugal haste llegar a la corte de Lisboa. Madrid, 1687, 4.º, 1 v.

Couto (Diogo do) — Decada quarta da India. Lisboa, 1602, 4.º, 1 v.

Cinco livros da Decada XII da historia da India, pub. por Man. Ferr. de Villa-Real. Paris, 1645, 4.º, 1 v.

Decadas da Asia. Lisboa, 1736, 4.º, 1 v.

Couto (Diogo e João de Barros) — Asia. Lisboa, 1778, 8.º, 24 v.

Vida de D. Paulo de Lima Pereira (Hercules portuguez). Lisboa, 1765, 8.º, 1 v.

Soldado practico — observações sobre as principaes causas da decadencia dos portuguezes na Asia. Lisboa, 1790, 8.º, 1 v.

(Continúa).



# ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

NUMERO 4

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1877

## SUMMARIO

	Pag.
PLANO E RELAÇÃO DA BAHIA, DENOMINADA DE LOURENÇO MARQUES — por Fr. Francisco de S. Thereza.....	57
SUMARIO DA DESTRUISSÃO DA FORTZ. <sup>a</sup> DE CUNBALLE NA INDIA — por André furtado de m <sup>ca</sup> , capittaõ mor daquella ympreza .....	62
BIOGRAPHIA DE JACOB DE CASTRO SARMENTO .....	65
HISTORIA DOS CERCOS DE MALACA — por Jorge de Lemos..	69
OBRAS CONCERNENTES Á HISTORIA DE PORTUGAL, EXISTENTES NA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE — NOTA EXTRAHIDA DOS CATALOGOS DA MESMA BIBLIOTHECA .....	73

---

LIBRARY

UNIVERSITY OF TORONTO

1891



## Publicações recentes

### ACQUIZIÇÕES NOVAS DA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

*Hippeau* — Instruction publique dans les États du Nord — Suede-Norwege et Danemark. Paris (Didier et C.<sup>o</sup>), 1876, 8.<sup>o</sup>

*Labraque-Bordenave* — Traité des assurances maritimes en France et a l'étranger. Paris (Durand etc.), 1876, 8.<sup>o</sup>

*Narjoux* (Felix) — Les Écoles publiques en France et en Angleterre — Construction et instalation. Documents officioux, services extérieures, etc. Paris (A. Morel et Europe), 1877, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Sauzeau* (Alix) — Manuel des Docks, des Ventes publiques et des Warrants. Paris (Guillaunim et C.<sup>o</sup>), 1877, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Bouthon* (P. A.) — Théorie de la rente fonciéré. Paris (Guillaunim et C.<sup>o</sup>), 1867, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Namur* (P.) — Le Code de Commerce belge revisé, etc. Bruxelles (Bruylant-Christoph et C.<sup>o</sup>), 1876, 8.<sup>o</sup>, 2 v.

*Pechio* (J.) — Histoire de l'Économie politique en Italie, trad. par Leon Gallois. Paris, 1830, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Borie* (Victor) — Étude sur le crédit agricole et le crédit foncier. Paris (Guillaunim et C.<sup>o</sup>), 1877, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Comte* (Aug.) — Lettres a John Stuart-Mill, 1841-1846. Paris (E. Leroux), 1877, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Pascaud* (H.) — De l'organisation communale et municipale en Europe, aux États-Unis et France. Paris (Guillaunim), 1877, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Price* (H.) — Études sur les finances et l'Économie des nations. Paris, 1877, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Bluntschli* — Théorie générale de l'État, trad. par Amand e Riedmalta. Paris, 1877, 8.<sup>o</sup>, 1 v.

*Gavarret* (J.) — Traité d'Electricité. Paris (V. Masson), 1858, 8.<sup>o</sup>, 2 v.

(Continúa).

### Condições da assignatura

Anno .....	1\$800
Semestre .....	900
Avulso .....	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardron e Viuva Moré.

O pagamento das assignaturas pôde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez, ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmiento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

A correspondencia deve ser dirigida á — Empresa do *Archivo Bibliographico* — Coimbra, rua das Colchas, n.º 5.



Plano e relação da Bahia, denominada de Lourenço Marques, na Costa de Natal, ao norte do Cabo da Boa Esperança, junto ao Promôtorio da Latitude de 36 graos, e não menos das terras adjacentes, seus habitadores, Reys, Rios, Comercio, costumes.

SEU AUTOR FR. FRANCISCO DE S. THEREZA

Plano, e Relação da Bahia,  
denominada vulgarmente de Lourenço Marques &

(Continuado do n.º 3, paginas 42)

11. O Rey Matolla se enterneceo muito com o acontecimento, passando ordens para se averiguar, quaes erão os Agressores, no caso de ser por culpa de algum dos seus Vassallos, que se fizessem incendiarios. Sabe-se, que fora acaso, ou descuido de algum Soldado dos destacados, accomodo-se o Rey, morreo hydropico o nosso Governador á os seis de Julho, succedeu-lhe o Commandante, o Tenente Manoel Antonio, sendo seu substituto Pedro Festevim, e tudo hia bem; porem como o refferido Rey costumava vir ao nosso Destacamento, nos pedia algum panno ou fato, segundo a fraze do Paiz, e nós lhe dava-mos o que podia-mos, não podendo pelas mesmas Leys da gratidão resistir ao seu bom agrado. E como o Reyno era cheo de Povoaçõens, e por consequencia dos pequenos Chefes, que as dominavão chamados—*Masumas*— como já disse, estes nos vinhão demandar algum fato, ou panno: não havia para todos, nem se podia dar a todos: elles por huma especie de dezagravo prohibião á os seus Subalternos, que nos viessem vender algum Provimento; neste lance comunicado o encomodo ao Rey Matolla, elle instantaneamente fazia remover o empedimento, certificando-nos das suas favoraveis providencias.

12. Sendo porem chegada certa Embarcação de Bombaim, e querendo fazer aguada naquelle Porto, lho não consentio o nosso

primeiro, e sobredito Governador, e como fez direção pera Moçambique, participou ao General Pedro de Saldanha, que o refferido Governador estava muito doente daquella Hydropezia, e que havia falta de obediencia nos Soldados. Fes este logo expedir hum bom numero de Soldados capitaniados pelo Tenente João Henriques, para ser Governador do dito Destacamento no caso de se achar falecido, o que ao principio governava, e prezedia. O nosso Governador chegou ao sitio, e estafado com o seu commandamento fez mil desordens, descompondo, e maltratando a os Chéfes com ameaças, e demaziada altives, e da mesma forma, tendo em menoscabo aos Reys do Continente. Temendo-se de algũas consequências funestas, se encheo de medo, estando sempre á bordo da Embarcação. Fez ultimamente dezembarcar a Tropa, desalojou o Prezidio; recolheo os Canhões, e fez viagem pera a Capital de Mosambique, persuadindo á todos, que tinha ordem para o retrocesso. Souo logo esta retirada por todo o Paiz. Os Reys Matolla, Capella, e Mavote, lhe mandarão Embaixadores, e Commissarios, os quaes da sua parte persuadissem ao Governador a conservar-se no dito Destacamento, propondo-lhe que a terra era sua, quanta quizessem, e que elles Reys tornarião a dar todo quanto fato, e Sagates havião recebido de nós outros, e que estão promptos a nos fazerem as mayores comodidades. O Governador refuzou todos os pareceres, e retirando-se pera Mosambique, ali foi prezo, e se lhe fez conselho de guerra. Ainda, que o dito Governador não tinha docilidade alguma de genio, e era falto de sobriedade nas bebidas; porem penso, que não seria tão lôco, que dezemparrasse o sitio sem algum motivo, posto que dezarrezoado. Não houve outro senão o seguinte. O Rey Matolla buscou-o, e hé para advertir, que andando sempre este Rey entre os seus com igual desnudez, e só differencado pela vizagem natural, e pela sua Azagaya toda rodeada de correas, e de penachos de Ema, e quando se asenta na sua esteira, não admite nella outro concorrente, ou grande, ou ainda dos seus Princepes, excepto eu, que me assentava apar delle na mesma Esteira; e com efeito, quando vinha á nossa Povoação, apparecia vestido de encarnado, e todo agaloado, ou coberto de hum Roupão de



Cabaya encarnada tambem guarneçada de galões de ouro. Na dita occasiao buscou o Governador, e lhe pediu por Saguaté alguns pannos, e contas, por que queria presentear a hum Principe seu Confederado, e tambem algũa bebida: hé pera notar, que a bebida não hé outra coiza, do que agoa ardente, á que chamão *Cachaça*, vinda da America. O dito Rey tambem fez a mesma petição por parte do *Grão Cacha*; ao que respondeu logo o nosso Governador cõ gritaria, e que não queria dar o que se lhe pedia, e lhe apresentou tres frascos da dita *Cachaça*, porem muito toldada de agoa pura misturada. Como o Rey, e os mais são muito sensatos, logo perceberão que a *Cachaça* estava dezechavida, e conhecerão a mistura da agoa, dizendo então pera o Governador, que lhe não devêra fazer tanto dezacato, que disese antes, que não queria, ou que não podia fazer-lhe aquelle mimo, do que rompera em gritarias, de que verião a entender mal, ou os seus, ou os nossos, e que se dava por muito offendido por se lhe fazer semelhante dezação, que elle Governador devia saber, que estava nas terras delle Rey, e que bem podia se quizesse mandalo atravessar por hum (sic) Azagaya por hum dos seus Vassallos.

13. Com isto retirou-se entre os seus. Então me rogou, que fosse eu boscar ao Rey para o suavizar, o que logo executei, indo á sua Morada, e terra. O Rey me deu excellentes razões de brandura, e de discurso, dizendo-me, que se o Governador era altanado, e bravo, não era justo, que por elle perdessem os mais. Haverão finalmente conferencias, e passagens de boa amizade, tudo porem quanto propuz ao Governador, não teve alçada para suspender o seu destino, e porisso entendo, que o temor, e o receyo, lhe fes maquinar a impensada retirada.

14. Enquanto ao Negocio d'estes Paizes, devo ainda dizer o seguinte. Em Mosambique se fes hũa Companhia á maneira de Monopolio sem authorid.º de Sua Magestade, e todos quantos do povo resestirão ao arbitrio, forão emediatemente prezos; o General apoyava isto, e não queria, que quaesquer outros com-

prassem Marfim, pontas de Abbadas, e dentes de Cavallo marinho, e assim se vedou o Comercio geral, sabindo desta Companhia aquelles sogeitos, ou Commissarios, que compravão Marfim em Caza dos sobreditos Reys. O Ambar igualm.<sup>te</sup> ficou vedado, e o segundo Governador, fes por hum Bando publicar, que essa espece era contráto Regio, e que essa era a ordem, que tinha da Capital, e deste modo, assim se deffendeo no dito Destacamento da Bahia de Lourenço Marquez. Concluo, são neste sitio os ares bõns, e saudaveis, e em todós os quartos de Luãs regularmente chove; os viveres são abundantes, e tudo conspira para hũa admiravel, e proveitoza Colonia, aonde o Comercio póde ser florente.

15. A respeito dos costumes, já disse, que erão dotados de bom natural, e de boa indole, sem braveza, nem furia, excepto nos letigios de suas guerras, sendo a sua arma unicamente a Azagaya, cuja astea terá seis, ou sette palmos acabando em ferro agudo. Elles as trazem em feche ás cóstas, e as manobráo com grande ligeireza, e força na distancia de vinte, ou trinta passos. O seu mayor brazão hé terem muitas mulheres, não tanto por conta da Bligamia, mas para terem outras tantas escravas, as quaes trabalhem pera manter á os Maridos: esse hé o principal fim, pois os Maridos as comprão a preço de pannos, ou de gádos, e as restituem á os Pays, recobrando-lhes o preço se ellas não querem trabalhar: por esta razão, o que tem mais mulheres, esse hé o mais rico. Entre ellas sempre há hũa mais distincta, á que chamão a mulher grãde, e o mesmo acontece com o Rey, a quem as mulheres sustentaõ sendo compradas, e ha dentre ellas hũa, que hé a Rainha: todas ellas apparecem sem o recato de escondrijo. Não tem Religiaõ doutrinal, nem para a adoração. Dizem, que há hum Espirito bom, a que chamão grande, e superior, e cauza de todos os bens. Dizem tambem que há outro Espirito máo, á quem se lhe deve fazer bem para não fazer mal; e que o bom por ser summamente bom não necessita, de que se lhe faça bem, e porisso nos seus tranzes, dão ao Espirito máo seus Donativos, ou da Galinha, ou do Carneiro, ou da Vaca, dizendo,



que hé do *Diabo*, fraze delles, e nessa conta ninguem lhes toca athe morrer, e assim acabão esta Supertição. Reconhecem a immortalid.º da alma, e dizem, que em morrendo, vão descansar, não dizem porem o como. Não há tradição, que pay algum castigasse os seus filhos, nem, que estes desobedecesem, ou maltratassem á seus Pays.

16. Generos de Comercio. A Cachaça, ou Agua ardente do Rio, Bahia, e Pernambuco; ardians de doze, ou dezaseis maos de panno. Hũa Ardia, hé a medida da ponta da mão ao cotovello. Capotins de duas braças. Meyas Ardians de braça, e meya. Zeuartes (sic), que são pannos pretos da India, da terceira sorte. Doutins, são pannos brancos, de dezaseis maos. Cobertas pintadas de Damão; Munguins, que são tambem pannos pintados com varias figuras de Animaes das Indias, e tem largura ordinaria de quatro palmos. Meyos pannos pintados, que são menos compridos, que os sobreditos. Munguins, Conta branca, azul, côr de oiro, côr de cana, côr de laranja, e azul celleste. Manilhas de braço, q̄ hũas Argollas de latão amarello, por onde enfião as maos, e outras iguaes do pescoço. Muxoxo côr de cana, que hé hũa conta grande, e comprida, que vem de Balaguatê, Certão de Goa. Toda a qualidade de fato preto, que hé o panno de Surratê.

Esta a Exposição de que sou testemunha occular, e o que passa (sic) na verdade. Se o Estilo não for grato ao Leitor, ser-lhe á a narração pola certeza de que hé composta.

Lisboa 6 de Agosto de 1784.

Sumario da destruição da fortz.<sup>a</sup> de Cunbaile na India  
por André furtado de m<sup>ca</sup> capitão mor daquella ympeza

(Continuado do n.º 3, paginas 43)

Como o seu intento não era mais que de servir este fidalguo a S. M.<sup>de</sup> como sempre fez neste Estado se preparou e aprestou para a impreza mandando a Ormuz buscar muitos doses e outras Cousas de doentes e a Cambaya godornis, panos para lançoos, persintas para os ginfes do ospital que determinava fazer; e ao sim de mandou buscar muitas esquipações por saber quaõ faltas andavaõ dellas os soldados na Conquista, mandou ao Rn.<sup>o</sup> de Jafanapataõ, negua pattaõ e a San Thomé aprestar muitos mantimentos, muitos bois de cargua para no araial servirem de levar o fatto e armas aos soldados escrevendo a todos elles velhos e entretenidos e a muitos casados pobres que neste estado há sem nenhum remedio e todos estavaõ prestes e alvorçados para o acompanhar.

Tanto que foi Março vendo que o Conde o não aviava nem em todo este tempo lhe tratava nenhuma cousa da jornada lhe mandou dizer pelo arsebispo que conforme ao que S. S.<sup>a</sup> com elle ficava se fizera prestes e o estava de todas as cousas tocantes a elle que S. S.<sup>a</sup> o mandasse aviar por quanto hera o tempo da monçaõ chegado, mandou-lhe dizer que se queria 300 homens e 20\$ pardaos em dinheiro que isso lhe daria, tornou-lhe a mandar dizer andre furtado pelo mesmo arcebispo que lembrava a S. S.<sup>a</sup> o que tinha ficado com elle por papel e tinta e que quanto a dinheiro que elle não pedia a S. S.<sup>a</sup> nenhum mais que pagua para os homens que lhe tinha promettido e andavaõ na Conquista e mantimentos ordinarios ate setembro que era tempo de monçaõ em que S. S.<sup>a</sup> o proveria e que quanto dizer a gente que a não avia que elle não queria levar em sua cõpanhia nenhum soldado dos que andavaõ nas armadas e que lhe mandasse pagar os que tinha feitos e quizessem ir com elle e com isto se satisfaria, quer fossem poucos quer muitos: a isto lhe respondeu que



elle hera muito grande homem da fazenda de S. M.<sup>de</sup> e nos mantimentos os dir.<sup>os</sup> até setembro se montavaõ sem mil cruzados como podia elle com 20\$ pardãos prover as cousas S. S.<sup>a</sup> e o Estado naõ estavaõ para lhe dar o que lhe era necessario para fazer o ser.<sup>o</sup> de S. M.<sup>de</sup> que quando o tempo e o Estado estivesse para isso e lho dessem elle estava prestes. E e assim ficou co o seu despendido e S. M.<sup>de</sup> por servir.

Sempre coreo com o Comde imposibilitado, e emdevidado, se foi metter em Rachol domde vinha aos Conselhos todas as vezes que o mandavaõ chamar senaõ alguas que se aconteseo mandarem o chamar para o dia e oras as quoaes chegava na sua manchua ao caes e ahi não avia Cons.<sup>o</sup> nem por imaginação tornava-se para Rachol.

Foi agora tratar de seu negocio que Mathias d'Albuquerque lhe quis poer e vemdosse as devaças em relação que se queimassem e se tirassem outras pedindo outras pedindo ao Comde mandasse hum desembargador a Manar tirar as devassas como estava detriminado lhe mandou dizer pelo Ch.<sup>el</sup> do Estado que avia de pagar o navio em que avia de ir Francisco de Campos Tavares. Mandou-lhe dizer Andre furtado que avia dois emconvenientes para o elle naõ fazer, o primeiro er ir o ouvidor geral a outros negocios que S. S.<sup>a</sup> lhe mandava fazer em Neguapatão e S. Thomé, e como avia elle de pagar o navio ao ouvidor que lhe ia tirar devassa: mandou-lhe diser que o impedimento de pagar o navio ao ouvidor que hia tirar devassa o não era e que o mais se pagasse o navio que iria, e se não que o não havia de mandar. Quando André furtado isto vio fretou hum navio por 500 crusados — em que foi o ouvidor Francisco de Campos Tavares.—

Isto feito se tornou André furtado para Rachol e vindo por terra novas de saude e vida de S. M.<sup>de</sup> o mandou o comde chamar para jugarem humas canas e serem companheiros, o que fez; e ellas jugadas se tornou a Rachol e no inverno o tornou a mandar chamar para as festas de S. João e S. Thiagno a que se elle escusou com as terras que andavaõ revoltas com os levantados o que em effeito era assim gastando parte do inverno

em as aquietar como fez a 15 de Junho que hé tempo em que se acabaõ as forças, se foi para a cidade tratar de seu negocio por serem as suas devassas já vindas.

A 12 d'Agosto o mandou o Comde chamar e lhe disse se fizesse prestes para ir ao Malavar, a isto lhe respondeu André furtado que para ir ao Malavar tudo lhe faltava que era por estar em-devidado o consumidado como S. S.<sup>a</sup> sabia, o gosto e talento que tudo isto lhe faltava para ir ao malavar e que se era para a impreza de Cunhale e ir desafrontar o Estado e dezapressal-o de hum taõ poderoso ymigo que para isso lhe sobera animo talento gosto e dinheiro, a isto lhe respondeo o Conde que o não mandava a outra coussa. André furtado lhe asseitou a impreza e se fez loguo prestes e em todo este tempo que restou d'Agosto e mez de Setembro não falou mais nem tratou d'aprestar armada lembrando-lhe André furtado algumas vezes sempre lhe respondeu que não avia dinheiro, não faltando para aquellas cousas a que sua natureza mais o inclinava.

(Continúa).



## BIOGRAPHIA

DE

## JACOB DE CASTRO SARMENTO

Este illustre portuguez, que tanto honrou a sua patria em paizes estrangeiros, quando d'ella o expulsava a estupidez e o fanatismo, representado principalmente pelo intitulado Santo Officio, nasceu em Bragança em 1691, sendo seus paes Francisco de Castro e Almeida e Violante de Mesquita: depois de alguns estudos em Mertola, estudou Philosophia na Universidade de Evora, onde recebeu o gráo de Mestre em Artes em 1710, vindo depois estudar Medicina para a Universidade de Coimbra, onde tomou o gráo de Bacharel em 1717. De talento já muito conhecido, e desejoso de augmentar seus, já bastante vastos conhecimentos, resolvera buscar os centros mais civilizados da Europa, e estudar alli o que não podia então fazer em Portugal: por este tempo, 1721, a Inquisição começava a perseguil-o como sectario da religião hebraica, o que o obrigou a retirar-se para Londres mais depressa do que tencionava. Esta fugida foi para elle de summa vantagem, porque, achando campo mais dilatado sua vasta intelligencia, pôde desenvolver-se. Mudou o seu primitivo nome de Henrique pelo de Jacob, e foi um dos primeiros rabbis da Synanoga de Londres.

Applicou-se ao estudo da Philosophia experimental, de Chimica e de Anatomia, em que tão notavel se tornou, que, depois de seus exames, foi em 1725 nomeado Membro do Collegio Real dos Medicos. A invenção da sua *Agua de Inglaterra*, applicavel a varias molestias, e de cuja composição não quiz fazer segredo, lhe mereceu o ser eleito socio da Sociedade Real de Londres em 1730, e que a Universidade de Aberdeen o incorporasse em o numero de seus doutores em 1739, enviando-lhe um honrosissimo

diploma, que abaixo transcrevemos da Bibliotheca de Barbosa Machado.

Cheio de honras, respeitado como poucos, o dr. Jacob de Castro Sarmiento não se esquecia da sua patria, e em tudo quanto estava ao seu alcance não deixava de trabalhar por diffundir nella as doutrinas da sã philosophia, quer por meio de seus escriptos, quer cathequisando os seus patricios, que por ventura podia encontrar em Inglaterra. Falleceu em Londres em 1760, tendo 70 annos de idade.

Eis o diploma a que nos referimos:

«Omnibus, et singulis hasce Doctoratus litteras visuris, lecturis, vel audituris, Nos Jacobus Gordon Saluberrimæ Medecinæ in Alma S. D. R. Universitate Marischalanæ Abredonensi Doctor, et Professor, actu Regens, et Decanus Salutem in eo, qui est omnium vera salus.

«Quum mos antiquus, et laudabilis semper extiterit, ut qui multis sudoribus, indefesso labore, studioque assiduo litteris operum novaverint, insigni aliquo et eximio honoris titulo tanquam peracti laboris monumento, et clarissimæ virtutis præmio dignarentur, ut sequentium sæculorum progenies horum exemplo allecta ad perseguendas arduas, et gloriosas eruditiones, ac virtutis vias stimulentur: cumque nobis satis superque compertum sit D. Jacob de Castro Sarmiento Medecinæ in Universitate Conimbricensi Portugal. Bachalaurum, Collegii Medicorum Londini, et Regiæ Societatis Socium: non solum studiis medicis maxime cum laude per complures annos incubuisse, et eisdem maximos progressus hactenus fecisse, sed etiam in omni Medecinæ praxi magno Mortalium commodo versatam esse et fuisse. Propterea nos Jacobus Gordon Gymnasiarcha, cæterisque professoribus in prædicta Universitate consentientibus antedictum D. Jacob de Castro Sarmiento Medecinæ Doctorem creamus, declaramus, et constituimus, illique tenore præsentium litterarum vim publici instrumenti habentium Medecinam exercendi hic, et ubique terrarum potestatem conferimus omnibusque, et singulis istius gradus privilegiis, exemptionibus, libertatibus, honoribus et Indultis aliis quocumque nomine censeantur



«juxta firmam continentem viam, et tenorem statutorum et Privilegiorum Academiae, et Universitatibus concessorum eum frui, ac feliciter gaudere jubemus. In quorum omnium fidem ac testimonium hasce Doctoratus litteras magni Universitatis sigilli a pensione, nostrisque Chirographis communirsi voluimus. Datum Abredoniae: ex Universitate Marischal. Kal. Jul. MDCCXXXIX.»

O dr. Jacob de Castro Sarmento publicou as seguintes obras, algumas das quaes se encontram na Bibliotheca da Universidade:

— *Dissertatio in novam, tutam ac utilem methodum Inoculationis, seu transplantationis variolarum, Thessali, Constantinopoli, et Venetiis primo inventam, nuncque hac Civitate auctoritate regiae Magestatis Britannicae comprobata 28 Julii 1721. Cum criticis notis in varios Authores de hoc morbo scribentes.* Londini, 1721, 8.º, 1 v.

— 2.ª edição em Leyden.

— 3.ª edição em Londres, 1731, com um appendix — *De successu variolarum in Magna Britania ab anno 1721 ad finem 1728 cum comparatione inter descimen variolarum naturali via invadentium et illud a methodo inoculationis oriundum.*

— *Exemplar de penitencia, dividido em tres Discursos Predictaveis para o dia sancto de Kipur. Dedicado ao Grande e Omnipotente Deus de Israel.* Londres, anno da Creação do Mundo, 5484 (de Christo, 1724).

— *Extraordinaria Providencia, que el gran Dios de Israel usó com su escogido pueblo em tiempo de su maior affliction por medio de Mior Mordehay y Ester, contra los potervos intentos del tyrano Aman.* Londres, 5484 (1724), 8.º, 1 v.

— *Sermão funebre ás deploraveis memorias do mui reverendo e doctissimo Haham Asalem Moreun A. R. o Dr. David Nelto, insigne theologo, eminente prégador, e cabeça da Congregação de Sahar-Hassamaym.* Londres, 5488 (1728), 8.º, 1 v.

— *Specimen da primeira parte da Materia medica historico-physico-mechanica, em que se tracta dos fossiles e de todos os metaes, etc.* Londres, 1731, 1 v.

— *Obras philosophicas de Francisco Bacon, Barão de Vêrulam, etc., com nota do que é escuro.* Londres, 1731, 3.º, 3 v. (segundo o sr. Innocencio esta obra ficou inedita). Era uma traducção em portuguez das obras de Bacon.

— *Historia Medica physico-historico-mechanica do reyno mineral.* Londres, 1735, 8.º, 1 v.

— *Discurso practico, ou Syderologia das aguas mineraes españolas ou chalibeadas.* Londres, 1728, 8.º

— *Tratado da verdadeira theorica das marés.* Londres, 1737, 8.º

— *Tratado das operações de Cirurgia com as figuras, e descripção dos instrumentos de que nellas se faz uso, etc.* Londres, 1744.

— *Do uso e abuso das minhas aguas de Inglaterra, etc.* Londres, 1756, 8.º

— *Appendix ao que se acha escripto na Materia medica do dr. Jacob de Castro Sarmiento, sobre a natureza, contentos, effeitos e uso das aguas das Caldas da Rainha.* Londres, 1753, 8.º

— *Grammatica ingleza.* Londres, 1777, 8.º

— *Direcções para o uso da agua de Inglaterra do dr. Jacob de Castro Sarmiento.* Londres, 1788.



**Historia dos Cercos, que em tempo de Antonio Moniz Barreto, Governador que foi dos Estados da India, os Acheus e Jáos puzeram a fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga Capitão della — brevemente composta por Jorge de Lemos — Impresso com licença do supremo Conselho da Sancta e geral Inquisição — Em Lisboa em casa de Manoel de Lyra — Anno de 1585.**

(Continuado do n.º 3, paginas 52)

**Descripçam dos Cercos de Malaca sendo Capitão Tristão Vaz da Veiga e de huma victoria naval que teve da armada do Achem no anno de 1573, 1574 e 1575**

#### PRIMEIRA PARTE

**Da Conspiraçam que os reis do Decão fizeram contra os Portuguezes que na India há.**

#### CAPITULO I

Depois que o Izamalucó, e o Idalcão e Cota Maluco reis mouros da provincia do Decão, na India Oriental, todos juntos num corpo vencerão o rei Gentio do reino de Narsinga, nessas partes tão celebrado pella opulencia e grandeza de seus senhorios e estados; e se ouverão nos seus por seguros cõ a victoria alcansada e com os riquissimos despojos e grosso thesouro d'ouro e pedraria que nella tomaram levados da ambição que semelhantes fortunas costumão geerar em spiritos inquietos, se forão a hum templo gentilico (cujo culto estava mudado já na cerimonia Mahometica, pera a gratificação de seu proprio successo) e nelle com grande segredo se conjuravão contra o nome christão, que o invictissimo Rey D. Manoel da gloriosa memoria tinha nesse mundo lá mandado plantar por seus valerosos capitães e soldados.

Da embaxada que estes reys mandarão ao Samorim e ao Achem para que quisessem entrar na liga

## CAPITULO II

Feita a conjuração marcharão cõ seus campos, cada hum para seu estado, a preparar cõ muito alvoroço os almazês de artilharia, munições, e mais maquinas e petrechos necesarios pera huma tão ardua e difficultoza empreza, como era arrancar e extirpar esse nome, que elles tanto abominavão, e execravão e pera cõ mais facilidade e menos risco conseguirem o effeito da sua pertensam, assentaram parcialidar-se cõ o Samori de Calecut, e cõ o tyrano da Ilha de Samatra, chamado Achem; pera por mar com suas armadas fornecidas, e por terra com exercitos formados, fazer cada qual n'um mesmo tempo a guerra que pudessem aas fortalezas finitimas e chegadas a seus reynos, que os Portuguezes senhoreavão. Porque como ellas estejão mui-remotas e apartadas humas das outras pera se não poderem prestar, nem ajudar em cazos taes e o poder com que o Viso Rey da India infesta e guerrea estes e outros imigos, dividindo-se pera os socorrer, ficava sendo mui pouco, entendião que de necessidade as avião de debellar, e tomar todas, e por esse caminho extinguir a nação portugueza, que os acanhava e impedia a dilatação dos potentados, com que seus predecessores se alçavão avia cento e tantos annos, usurpandõ o titulo de Reys por não reconhecerem vassalagem a quem lhos tinha dado.

Pello que mandarão embaxadores ao Samorim e ao Achem, significando-lhe por elles o seu intento tão util e opportuno ao que cada hum tinha sobre a mesma ruina avia tanto: e determinado o anno em que o avião de publicar com som de atambores e anafiles, estrepito d'armas, furia de artilheria, e com bandeiras rompentes, desceu nelle o Izamaluco sobre Chaúl, o Idalcão sobre Gôa (donde o Viso-Rei D. Luiz d'Athaide presedia e governava naquelle tempo os Estados da India), o Samorim sobre Chalé e o Achem sobre Malaca.



Do encontro da armada do Achem com Luiz de Mello Sylva,  
indo cercar Malaca

CAPITULO III

Mas como Deos tinha tomado á sua conta a conservação dos povos christãos, em especial os d'aquellas partes, segundo se pode julgar de successos milagrosos, que lhes tem acontecido, assi no principio da sua fundação, como depois de fundados: inspirou no Viso-Rei, que da liga não estava advertido (sem embargo da sua natural providencia, vigilante sagacidade, e animosa prudencia, com que antevia, e provia o futuro, darem claras mostras do contrario) mandasse em agosto, tempo ainda tormentoso, e intractavel Luiz de Mello da Sylva por Capitão mór de cinco galeões bem artilhados, huma galé, e sete fustas, com mil soldados armados a esperar as Naus de Meca do Achem no mar de Samatra. O qual como estivesse prevenido pollos conjurados, e saydo fóra já com sua armada, em que levava o apparatus necessario para ir cercar Malaca, se encontrou com Luys de Mello e no encontro (depois de cada hum pôr em ordem sua luzida gente e navios, ainda que em huma cousa e outra era mayor o numero da armada inimiga) foy o Achem vencido, e por essa razão deixou por então de cercar Malaca.

Do novo apercebimento que o Achem fez para tornar sobre Malaca,  
e da ajuda que mandou pedir á Rainha de Jápara

CAPITULO IV

Com tudo posto que não effeituasse seu desenho n'esta conjunção dos confederados, avendo-a elle por muito boa, nem por isso deixou de o proseguir e dobrar o desejo da sua execução, com dobrados apercebimentos, polla mayor desconfiança, que tinha não tão sómente de não ganhar Malaca em nenhum tempo, se neste presente a não ganhasse; mas ainda de pello mesmo caso

perder sua tyranica potencia, e real authoridade. Porque sabia por suas espias, que ficava Antonio Moniz Barreto em Gôa para dahi partir com tres mil homens em muitos galeões, galés, galeotas, e fustas por Governador do Estado do Sul, e da Conquista de Samatra, como por El-Rey D. Sebastiã, que Deus tem, estava designado, mandando logo com elle pera o acompanharem nella dom João da Costa, seu cunhado Francisco de Mello, dr. Antonio de Villaça, Felipe de Mascarenhas, Manuel Furtado de Mendonça e Ruy Gomes da Graã, que o Governador folgou de levar comsigo, por ser muito amigo de seu pay e seu parente; quasi persagindo, e advinhando em quão bom soldado e melhor Capitão avia de vir dar, porque de vinte e dous annos de idade, tendo cursado quatro ou cinco de soldado e Capitão de fustas, o fez o Governador Capitão mór de huma galé, e desasseis navios de remo, pera ir pelejar em Surrate cõ duas Naos do grão Mogor e huma galé e vinte e dous navios, em que avia nove galeotas de Malavares, e pelejãdo com esta armada no rio do mesmo porto, a venceu com varoil esforço, e senil prudencia; e tomou tres galeotas, e desbaratou muitas outras na costa do Malavar, e do Norte sendo Capitão mór de huma e outra dous annos pelo Cõde D. Luiz d'Athaide da segunda vez que foi Viso-Rey.

Assi que o Achem polla nova do novo Governador e por sua barbara altiveza, e insolente orgulho, e por escandalizado do infortunio passado, mandou reforçar sua armada, e provocar a Rainha do Reino de Japára com dadas (por poderosa em senhorio e estado naquella região de Java) prohibisse aos seus yr com mantimentos a Malaca, e quizesse mandar o poder que lhe parecesse, para com o seu a cercar, e a levar nas unhas por todas as vias. Cõdescendeo a Raynha com a embaxada, e mandou com dissimulaçã defender os mantimentos e a voltas desta defesa começou ordenar o que cumpria pera ajudar o Achem na empreza pera que a solicitava e grangeava.

(Continúa).



**Obras concernentes á Historia de Portugal, existentes na Bibliotheca da Universidade — Nota extrahida dos Catalogos da mesma Bibliotheca, de junho de 1877.**

(Continuado do n.º 3, paginas 56)

Crasset (P. João) — Historia da egreja do Japão. Lisboa, 1749, 4.º, 3 v.

Cunha (João Nunes) — Panegirico ao sr. rei D. João iv. Lisboa, 1666, 4.º, 1 v.

Cunha (D. Rodrigo) — Tractatus de primatu Bracharensis Ecclesie in Universa Hispania. Bracharæ, 1632, 4.º, 1 v.

Dalrymple (W.) — Voyage en Espagne et en Portugal. Paris, 1783, 8.º, 1 v.

Damaso (Fr. Manuel de S. Caetano) — Thebaida portugueza. Lisboa, 1793, 8.º, 2 v.

Damião de Goes — Chronica de D. Manuel. Lisboa, 1619, fol., 1 v.

— Chronica do Principe D. João. Lisboa Occid., 1724, 8.º, 1 v.

Dantas Pereira (J. M.) — Memoria sobre o resumo de geographia politica de Portugal escripta por Bory de S. Vicente. Lisboa, 1827, 4.º, 1 v.

Decretos de 19 de abril de 1832 e de 20 de agosto de 1832 sobre foraes.

Decretos de 29 de novembro de 1836 e de 13 de janeiro de 1837.

Decretos approvando o contracto feito com a Companhia de navegação a vapor da India britanica, 1874.

Decretos e tabellas de 15 de maio e de 20 de junho de 1874, estabelecendo a classificação dos concelhos, o numero dos escripturarios para cada escrivão de fazenda, etc., 1874.

Decreto sobre contribuições, impostos, etc., de 13 de abril de 1875.

Defesa de Cecilia Farragó, accusada do crime de feiticaria. Lisboa, 1783, 12.º, 1 v.

Defesa de Portugal (periodico). Lisboa, 1831.

Definição e Estatutos dos Cavalleiros e Freyres da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo, etc. Lisboa, 1628, 8.º, 1 v.

Delgado (J. F. N.) — Da existencia do homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Lisboa, 1867, fol., 1 v.

Demonstração analytica dos barbaros e inauditos procedimentos adoptados como meios de justiça pelo Imperador dos francezes para a usurpação do throno da serenissima e augustissima Casa de Bragança e da real corôa de Portugal. Lisboa, 1810, 4.º, 1 v.

Dimostrazione dell'ossequio i rispetosa venerazione avuta dai ministri di S. Santità verso la sacra persona et i ministri di S. M. F. sincerissimo ragguaglio di quanto há proceduto e acompagnato l'espulsione del Card. Acciouli. Venezia, 1760, 8.º, 1 v.

Deos (Fr. Jacintho) — Escudo de cavalleiros das ordens militares. Lisboa, 1671, 4.º, 1 v.

O Desapprovador (periodico), s. f.

Description de la ville de Lisbonne. Paris, 1730, 8.º, 1 v.

O Desengano (periodico). Lisboa, 1830, 4.º, 1 v.

El despertador de los portuguezes, o el General desembobado, junio, 1707. Lisboa, 8.º, 1 v.

Diario da Camara dos Deputados, 1826, fol., 1 v.

Diario do Governo, 1821-1833, fol., 29 v.

Dias (Fr. Nicolau) — Vida da Infanta D. Joanna. Lisboa, 1594, 12.º, 1 v.

Dias de Niza (Paulo) — Portugal sacro e profano. Lisboa, 1767, 8.º, 1 v.

Discurso historico e critico ácerca do padre Antonio Vieira. Coimbra, 1823, fol., 1 v.

Discurso a favor do Cabido de Coimbra contra as pertencen-



ções dos meio-prebendados e tercenarios. Lisboa, 1778, fol., 1 v.

Discurso do conde de Thomar em 1850, 8.º, 1 v.

Discurso de varios Deputados na 1.ª sessão legislativa de 1871. Lisboa, 1872, 8.º, 1 v.

Dissertação da authenticidade do 1.º concilio bracarense, celebrado em 411 contra os vãos esforços de Gaspar Estaço, Macedo, e dr. Manuel Pereira da Silva Leal, por Lusitano Philopatico. Lisboa, 1773, 4.º, 1 v.

Documentos ineditos para subsidio á Historia ecclesiastica de Portugal. Lisboa, 1875, 4.º, 1 v.

Documentos relativos ao caminho de ferro da Beira Alta. Lisboa, 1876, 8.º, 1 v.

Doria (J. A. de Sousa) — Compendio de historia. Coimbra, 1852, 8.º, 1 v.

Domingues (J. Baptista) — Vida do Principe D. Theodosio. Lisboa, 1747, 4.º, 1 v.

Duram (Antonio) — Cercos de Moçambique. Madrid, 1633, 4.º, 1 v.

Durão (Fr. José de Sancta Rita) — Caramuru. Lisboa, 12.º, 1 v.

Durdent — Beautés de l'histoire de Portugal. Paris, 1816, 8.º, 1 v.

Ecco (o verdadeiro de Portugal), periodico, 4.º, 1 v.

Elisio e Serrano — Dialogo em que se defende a *Bibliotheca lusitana* contra a prefacção da *Lusitania transformada*, por um socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Lisboa, 1782, 8.º, 1 v.

Elvas (Bispo) — Cópia da carta que a S. M. o sr. Rey D. João VI (sendo Principe regente de Portugal) escreveu. Londres, 1817, 8.º, 1 v.

Encarnação (D. Joaquim da) — Vida de S. Theotónio, com additamentos. Coimbra, 1855, 8.º, 1 v.

**Epifanio** (Fr. Manuel) — Novas reflexões sobre os terramotos, e uma oração sobre o de Lisboa. Lisboa, 1756, 8.º, 1.

**Escobar** (Fr. Antonio) — O heroe portuguez, vida de D. Nuno Alvarez Pereira. Lisboa, 8.º, 1 v.

— Recopilacion de la felicissima jornada de D. Filippe II a la conquista de Portugal. Valencia, 1583, 4.º, 1 v.

**Esperança** (Fr. Manuel) — Historia serafica da ordem dos frades menores de S. Francisco de Portugal. Lisboa, 1656, fol., 5 v.

**Estaço** (Gaspar) — Varias antiguidades de Portugal. Lisboa, 1625, 8.º, 1 v.

Estatutos da Ordem Terceira de S. Francisco de Xabregas. Lisboa, 1742, fol., 1 v.

Estatutos da Universidade de Coimbra. Lisboa, 1773, 8.º, 3 v.

Estatutos litterarios dos Carmelitas de Portugal. Lisboa, 1776, fol., 1 v.

Estatutos da provincia de Sancto Antonio do Brasil, por Fr. Gonçalo de Sancta Isabel. Lisboa, 1709, fol., 1 v.

Etat present du Portugal, 1775, 8.º, 1 v.

**Expectação** (Fr. Antonio da) — Chronica divina. Lisboa Occid., 1736, fol., 1 v.

A Estrella d'Alva. Lisboa, 1758, fol., 3 v.

**Falcão** (Luiz de Figueiredo) — Livro em que se contém toda a fazenda e real patrimonio dos reinos de Portugal, India e Ilhas adjacentes. Lisboa, 1859, fol., 1 v.

Fantasia constitucionaes, etc. Lisboa, 1821, 12.º, 1 v.

**Faria** (Manuel Severim de) — Discursos politicos. Evora, 1624, 4.º, 1 v.

— Noticias de Portugal. Lisboa, 1655, 4.º, 1 v.

**Faria e Sousa** (Manuel de) — Europa portugueza. Lisboa, 1675, fol., 3 v.

— Asia portugueza. Lisboa, 1671, fol., 3 v.

— Africa portugueza. Lisboa, 1681, fol., 1 v.

(Continúa).



**Sumario da destruissão da fortz.<sup>a</sup> de Cunhalle na India  
por André furtado de m<sup>ca</sup> capittaõ mor daquella ympreza**

(Continuado do n.º 4, paginas 64)

A 15 d'outubro o mandou o conde chamar e lhe disse que tinha por novas sertas serem pasadas a costa do norte desaseis paraos em que entravaõ seis ou sette galiotas de traquette e que em 24 horas se avia de partir. André furtado lhe respondeo que a mór mercê que S. S.<sup>a</sup> lhe fizera ate aquella ora era aquella des que governava o Estado e que elle se partiria no tempo que SS.<sup>a</sup> lhe limitava: e se foi loguo d'ali ao Caes e almaçens aprestar e petrechar 16 navios nos quaes se embarcaraõ os principaes fidalguos da India e todos os soldados velhos. Os fidalguos Diogo monis Barreto, Antonio pereira Coutinho Dom Raphael de noronha dom francisco de Souza d. João de noronha d. felipe de Sousa, francisco de Macedo, d. Lopo d'almeida, nicolau pereira de miranda, Antonio furtado de Mendonça, pero de Mendanha, pero de Goes, Duarte Brandaõ, Dom Luis lobo, André Rois. E do caes se não partio nem bolio até se não embarcar no tempo lemitado sem lhe ser dado para esta jornada da fazenda de S. M.<sup>o</sup> hum cruzado. foi correndo a costa do norte e demandando todas as paragens em que os corsarios fazem suas aguadas, e por em nenhuma das taes paragens achar novas delles nem nas capittaes das fortalezas do norte que todos avizou de que ia, elles lhes escreveram que ao nortte não erã passadas taes paraos; não contente com isto passou asima a ilha das Vacas aonde se acabou de desenganar como ao N. não passaram taes paraos. Voltou para Goa não faltando praguentos que dissessem que o quiz ocupar nesta jornada para lhe embeber e emcurtar o tempo da surpresa de Cunhale pelo muito que sempre desejou que este fidalguo não desse fim a ympreza:

Chegou a Goa a 20 de Novembro achando a armada como a deixou comesando a applicar as cousas a que os ministros deferiaõ fria e lemtamente por entender do Comde ser essa a sua pertençaõ.

A instancia de André furtado mandou que se pagasse a gente da armada mandando aos officiaes que não pagassem a nenhum soldado velho, e porque isto tivesse effeito veio elle assistir a paga pessoalmente aonde lhe disse André furtado que com gente bisonha mal se podia fazer o serviço de S. Mag.<sup>e</sup>, que mandasse S. S.<sup>a</sup> pagar a copia de Soldados velhos e que depois se pagaria aos Reínoes e os levaria consiguo para delles prover a armada que lá andava, que tinha novas andava falta de muita gente, o que não quiz conceder: E asi lhe pedio mais que no tronquo estavaõ sem soldados velhos presos por cassos que não haviaõ de morrer, que os mandasse SS. sentencear para se acharem na ditta impreza, elle o não quiz fazer; pedindo-lhe que mandasse alevantar algumas verbas para que os soldados contentes se empregassem melhor no serviço de S. M.<sup>e</sup> não o quiz fazer; pedio-lhe que a alguns fizesse mercê por que eraõ soldados velhos, e de muito merecimento lho não concedeo; só a fim de cuidar que os soldados velhos tratados com este desabrimento se não embarcassem, e ficasse André furtado só com os reinões a quem mandou pagar.

Quanto mais disto o Conde fazia mais os soldados velhos em-tretenidos lhe cressiao ao acompanhar, o que visto por André furtado entemdeo que o conde o não mandava naquella armada senão para cumprir o mandado de S. M.<sup>e</sup> em parte, e para que elle se perdesse ou não fizesse nada a respeito do que o anno atraz sucedera a seu irmaõ, porque pedindo-lhe monçoens lhas não quiz dar, artelharia de Campo plo. conseq.<sup>e</sup> da mais fabrica necessaria mandou que nada se lhe desse; pedio-lhe que mandase em sua comp.<sup>a</sup> o eng.<sup>o</sup> Tibaõ o não quiz fazer; mas tudo esto remediou André furtado com facilidade por que se concertou cõ o dito Tibaõ dando-lhe dinh.<sup>o</sup> para deixar a sua familia o levou com siguo o que elle fez cõ muito gosto e facilidade pello muito desejo que tem de se empregar no serv.<sup>o</sup> de S. M.<sup>e</sup>

André furtado que vio este extremo de procedimento do Conde se foi ter com o Arcebispo e lhe comtou tudo oque passava do-que se espantou muito porque lhe tinha dito o contrario e da hi se foi ter com o Conde e lhe disse que se S. S.<sup>a</sup> o mandava



naquelle armada para elle se perder e não servir a S. M. que se desenganasse que na Armada não avia de ir sem S. S. lhe mandar dar tudo o que estava feito, por que o que estava por fazer lhe não pedia pois não tinha tempo para esperar que se fizesse; a isto lhe respondeu que não tinha embarcação para levarem as munições e as mais cousas que lhe pedia.

A isto respondeo André furtado que elle buscaria embarcações porque tinha um navio seu ligeiro, que nelle mandaria embarcar as que coubessem e que para os mais fretaria navios, como se fretaraõ; pairesse que envergonhado do que tinha ficado com o Arcebispo e deisto andar já devolgado pelo povo lhe mandou dar seis pipas de polvora e sento e sincoenta de chumbo e sem pelouros de ferro de toda sorte e outras pouquidades que não ha para que tratar dellas, as quaes munições despendero antes de hum mez de sua chegada. E por não ter com que pelejar tendo escripto ao Vissorey por muitas veses lhe mandace munições lhe foi necessario socorrer-se á cidade de Cochim por trez ou quatro vezes, a qual cidade por todas o proveo bastantemente de polvora de bombarda, de espingarda, e das mais coussas que lhe mandava pedir taõ abastantemente que com ellas se extinguiu o Imiguu comeruindo-se a empreza; e tanto desejou o Conde que este fidalguo se dezonerasse que tendo-lhe promettido de lhe pagar hum papel que lhe Elrey dera de sette mil crusados o não fez, e vespóra da embarcassaõ lhe não quiz dar o ordenado que sempre levarã os Capitães mores ao malavar, e o que os annos atraz tinha dado a seu irmão, nem mantim.<sup>os</sup> ordinarios da sua galé, e asi se foi sem mercê alguma da fazenda de S. M.<sup>e</sup>, e não hé de espantar isto per que em quanto governou numqua fez mercê alguma a este fidalguo nem coussa que lhe pedisse por minima que fosse.

Por algumas veses esteve André furtado resolutu em não hír nesta armada pelas cousas assima ditas se não fora o arcebispo, que sempre lhe pedio da parte de S. M.<sup>e</sup>, que tal não fizesse obri-gãdo o com rezões de tanta edificacia que o fizeraõ embarcar e partir, o que fez da barra de Goa a trez de Dezembro de 99 co a armada seguinte :

Dois galés e treze navios, quatro manchuas pequenas, a sua manchua, e hum navio de André Roiz, e hum pagel fretado em que iaõ as monições de que eraõ capitães — da sua galé Gaspar raymaõ, soldado velho valeroso, cheo de merccimentos, na outra galé d. francisco de Sousa, André Roiz capitaõ taõ antiguo e cheio de tam boas fortunas hia em um navio seu d. felipe de Sousa em outro navio seu, J.º de Mendanha em outro navio, fran.º de macedo em outro navio, Nicolao P.º de Miranda em outro navio, D. Lopo d'Almeida em outro navio, Antonio furtado de Mendonça em outro navio, Dom Luis Semons em outro navio, Dom Luis lobo em outro navio, pero de Goes em outro navio, Jeronimo Bot.º em outro navio. d. R.º pereira em outro navio seu em que veio á sua custa acompanhar andré furtado; capitães das manchuas que deu a homês da terra por terem experincia da Costa — na sua manchua hia por Capitaõ Antonio Carvalho hum soldado velho, na outra manchua di.º dias, e na outra Simaõ Fig.ª natural de Cananor, bom Cavalleiro.

Com esta armada se fez á vella, levando em sua companhia a cafilla desta cidade sem fazer nenhuma detença na costa mais que hum dia em Barcellor para se a armada prover de mantimentos e prover as fortalezas das ordin.ªs que lhe levava, e emformar-se do que passava na Costa do Canará o que feito se fez á vella e chegando tanto avante como Mangalor sabendo que el-rey de Comgel e a rainha dolalla tinhaõ briguas entre si e disensõis e que estavaõ cõ gête em campo para cada dia darem batalha plos inconvenientes que disso podiaõ resultar á fortaleza do ditto Mangalor e ao Estado foi-lhe forçado surgir na barra onde se vio com el-rey do Cangel e com os regedores da rainha dolalla. E entre elles assentou e concurio que ate elle tornar, pois o faziãõ juiz de suas differenças e queixas, que nenhum rompesse Batalha contra outro o que por o rey de Cangel e regedores da Rainha foi asseitado, ficaraõ satisfeitos do que ficava por elle determinado e asentado promettendo-lhe huns e outros de tudo cumprirem o que por elle estava assentado e determinado.

Aos 15 de Dezembro hum domingo á tarde chegou á Barra de Cunhale aonde achou huma gallé e 17 navios em que en-



traraõ cinco de Malavares, e os nomes dos Capitães são os seguintes:

Dom fernando de n.<sup>a</sup> que estava por capitam mor delles, em huma galé diogo ortis de tavora, d. Antonio manonel, d. Alv.<sup>o</sup> d'ataide, Lopo d'andrade, Joam de Seixas, d. P.<sup>o</sup> de N.<sup>a</sup>, Gaspar de mello, D. Ant.<sup>o</sup> de Castro, João de Soussa de teive, Antonio botelho, fernam trancosso, Luis penteado: nomes dos malabares — pero roiz, dioguo P.<sup>a</sup>, Luis bras Coelho, d. Geron.<sup>o</sup> mascarenhas, d. Ger.<sup>o</sup> cazado, andré furtado.

No mesmo dia á noute que foram aos 15 o mandou o samorim visstar e lhe mandou dizer que ao outro dia que era segunda f.<sup>a</sup> se não podia ver com elle por ser dia em que tinhaõ grande agouro e não tratavaõ nenhum negocio, mas que em breve o faria, quarta f.<sup>a</sup> 18 se viraõ en hum luguar que chamaõ *curadre* na praia en huma tenda que para isso tinha armada. André furtado Capitam mor tinha mandado recado a alguns soldados particulares e Capitaes, e tanto que o Samorim chegou á praia desembarcou elle da sua Manchua em que estava armado mas galante e custoso. dos soldados e capitaes que o acompanharam mandou fazer duas fileiras e que nada se metesse das fileiras a dentro, a borda dagoa o mandou o Samorim esperar pelo principe de tanar e seu sobrinho Malacarete e os seus regedores o Carnoves Etrimcheraledo e Mangalachem seu Capitão de Campo os quaes vinhaõ muito custosos trajados a seu modo, e nesta ordem com o principe de tanar á maõ direita e o marccarate sobrinho de Samorim á esquerda e os regedores diante foi andando para onde o Samorim estava esperando com o principe e os mais grandes do seu reino. O Samorim estava carregado de ouro e pedraria das muitas joias e manilhas que tinha sobre si principalmente no braço direito que de quando em quando o descansava sobre hum home que peguado consiguo tinha, e chegados a outro. O Capitão môr lhe fez sua cortezia tirando-lhe o chapeu que logo tornou a pôr na cabeça, e o Samorim a seu modo lhe fez huma grande cortezia, e se deraõ as maõs dir.<sup>as</sup> hum ao outro saudando-se de palavras as quaes o vulgo não pode entender com o estrondo das trombetas, charamelas e outros emstru-

mentos que o Samorim consiguio trazia e o rumor de muita gente. Isto feito foram ambos andando para a tenda aonde o Capitaõ mór tinha mandado pôr duas cadeiras de veludo sobre ricas alcatifas em que se assentavaõ.

O alvoroço e alegria era taõ grande nos seus e nos que não tinhaõ visto ainda o Capitaõ mór os quaes trabalhavaõ muito pelo ver e por este respeito se não ponde isto aquietar taõ de pressa e depois de quieto mandou loguo o Samorim despejar todos os seus e os principes e regedores e todos os grandes; o que visto pelo Capitaõ mor mandou despejar seus capitães e soldados e ficaraõ ambos os dous na tenda e o padre Fran.º Ros da Comp.<sup>a</sup> que era o ministro per que todas estas cousas coriaõ por saber bem a lingua falar do Samorim e lhe ser muito afeisoadado por sua muito grande virtude e partes: pelo capitão mór lhe foi logo ditto que elle vinha dar fim aquella empreza, asim pelo conde almirante lho mandar como por S. M. por suas cartas lho pedir, que elle estava ali prestes e oferecido asim ao serv.º de S. M. como ao seu, mas como elle se criara como S. A. sabia enos annos que militaras naquella costa lhe dera deos nella muitos, que asi confiava nelle lhe avia de dar nesta impreza muitas infinitas victorias, mas que para isso ser com facilidade lhe havia de entregar S. A. o seu coração na sua mão e que elle entregaria a S. A. o seu, e que desta maneira tudo se acabaria com bem porque em caso que assim não fosse e S. A. tratasse de suas desconfianças e de ouvir os seus regedores q̄. a mór parte delles estavaõ peitados do Cunhale, que por esta ordem não poderiaõ as cousas ter bom fim, mas antes deste procedimento se poderia esperar desaventuras maiores, as quaes razoës satisfiseraõ ao Samorim muito, ficando com o Capitaõ mor que asi o faria com grandes juramentos.

(Continúa).



# ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

---

NUMERO 5

---

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1877

## SUMMARIO

	Pag.
SUMARIO DA DESTRUISSÃO DA FORTZ. <sup>a</sup> DE CUNHALLE NA INDIA — por André furtado de m <sup>ta</sup> , capittaõ mor daquella ympreza . . . . .	82
HISTORIA DOS CERCOS DE MALACA — por Jorge de Lemos. .	88
BREUISSIMA, E SUMARIA BELAÇÃO DA VIDA DE MANTIM AF- FONSO DE SOUSA, ETC. . . . .	90
DAMIÃO PORTUGUEZ — por Pereira-Caldas . . . . .	92

---

## EXPEDIENTE

*Por motivos independentes da vontade dos RR. houve demora na publicação do n.º 5 do Archivo Bibliographico havendo um atrazo de numeros de que compensaremos os Srs. assignantes fazendo com que recebam os numeros correspondentes á sua assignatura.*

---

*Acusando a recepção das cartas dos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Pereira Caldas, de Braga, e Ernesto do Canto, de Ponta Delgada, agradece-mos as expressões lisongeiras com que nos animam, e os conselhos que nos dão, faremos por segui-los.*

*Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Pereira Caldas devemos já tambem o artigo que hoje publicamos sobre o Damião portuguez.*

*Queiram S. Ex.<sup>as</sup> continuar ajudar-nos, que com isso ganhamos nós e o publico.*



## Publicações recentes

---

### ACQUISIÇÕES NOVAS DA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE

- Hamlet de W. Shakespeare* — tradução portugueza — offerta de S. M. El-Rei.
- Pharmacopsa* portugueza — edição official.
- La Academiè (continuação).
- Revista litteraria de Porto (continuação).
- Boletin de la Sociedad Geographica de Madrid (continuação).
- Anales de la Sociedad española de Historia natural (continuação).
-

### Condições da assignatura

Anno .....	1\$800
Semestre .....	900
Avulso .....	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardron e Viuva Moré.

O pagamento das assignaturas póde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez, ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmiento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

A correspondencia deve ser dirigida á — Empreza do *Archivo Bibliographico* — Coimbra, rua das Colchas, n.º 5.

---



Historia dos Cercos, que em tempo de Antonio Monis Barreto, Governador que foi dos Estados da India, os Achens e Jáos puzeram a fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga Capitão della — brevemente composta por *Jorge de Lemos* — Impresso com licença do supremo Conselho da Sancta e geral Inquisição — Em Lisboa em casa de Manoel de Lyra — Anno de 1585.

(Continuado do n.º 4, paginas 72)

### PRIMEIRA PARTE

Do trabalhoso Cerco de Malaca por o Achem lhe tolher e tomar os mantimentos

#### CAPITULO V

Este modo de cerco era o mais apertado, e trabalhoso que podia ser, porque como Malaca se não sustente, se não de mantimentos que de fora lhe vem, e lhe não entrassem nenhãus avia dias, com a presença destes inimigos que os tomarã, estava posta em huma grande calamidade e miseria, e os moradores por ella, e por outros que em outros cercos passarão os mais pobres e affligidos homens, que avia nas cidades, e fortalezas daquelles estados, porque de huma parte os tinhão desbaratados as tormentosas tempestades da China, com que se soçobraram as naus, em que mandaram quasi todo o seu meneo de suas vidas: doutra mantimentos comprados em mãos de Mouros a peso d'ouro; d'uma os muytos e continuados assaltos de Jáos e Achens, que os consumião, d'outras finalmente doenças e infirmitades que dos cercos se geravam, que levavam escravos, levavão parentes, levavão filhos, levavão mulheres e maridos á sepultura. Pellas quaes causas, os que vivião estavam os mais desenervados homẽs de forças, e

fazendas, que quantos no Sul, nem no Norte avia. Acrescentava-se tambem a este trabalho (que era assas pesado e lastimoso) outro, de que se mais ressentiam, da tardança do soccorro da India, por lhe não poder ir senão de seis em seis mezes, e inda quando o tempo não despunha outra cousa, tornando-se contrario.

Das causas dos apertos em que se Malaca via muitas vezes, e de prevenção da misericordia divina, e eleição que se fez de Tristão Vaz da Veiga para Capitão mór para pelear com o Achem.

## CAPITULO VI

Posto que castigava Deos avia muitos annos este povo de Malaca, metendo-o em grande aperto, polla continuação de peccados que cada dia comettia contra sua immensa bondade, principalmente (segundo se cria) pollo da insaciavel e aceza cubiça que nelle predominava, e de cega e desenfreada sensualidade, que em todos geralmente abundava: toda via jamais deixou de fortalecer suas fraquezas na força do mór receo: e umas vezes com milagres evidentissimos, movendo os inimigos, e obrigando-os a levantar o campo, com que tinham sitiado a cidade, pollos desesperar totalmente de a tomar, estando ella com os combates todos ar-rumbada, e aberta para poder ser entrada sem muita repugnancia: outras vezes fazendo-lhe ir da India socorro de soldados e capitães, sem de seu trabalho aver nella nova alguma, polla qual o Viso rey os devesse mandar, como fez ir Tristão Vaz da Veiga, quasi no fim da monção na sua náó, não se esperando ja pela mesma razão nenhuma nesse tempo. Porque sendo elle vindo o anno atraz á India da China, onde acabou as duas viagens do Japão (de que lhe El-Rey D. Sebastião fizera mercê por seus serviços, por importar então cem mil cruzados cada huma) soube como mandava El-rey navegar de Malaca para Portugal uma Náó com pimenta de Sul, e mais drogas que nelle avia. Pollo que se contractou com o Viso rey D. Antonio de Noronha (que



nó Governo tinha socedido a D. Luis d'Athaide) para ir a Sunda fazer dez mil quintaes de pimenta: Feito o contrato, partio de Setembro, de setenta e tres, com muitos soldados da sua obriçam, e levou nella D. Francisco Anriques provido da Capitania de Malaca, por lhe caber entrar, o qual tomãdo a posse a dous de Novembro, aos tres convocou o conselho o Bispo da mesma cidade e os vereadores della e alguns fidalgos, e outras pessoas principaes, para nelle consultar do remedio que se poderia ter para se lançar a armada dos inimigos donde estava e assentado que o melhor, e o mais arrazoado era expedir-se Tristão Vaz da Veiga na sua Náo, com alguns navios mais que se lhe negociarião, lhe pedio o Capitão todos presentes, quisesse ir servir naquella tão duvidosa e arriscada empreza, com que o convidava. pois de o isso fazer podia resultar (como se cudava) reviver o povo que via agonisar, e fenecer, sem golpe ainda de traçado dos Achens, que tão afiado o trazião para depois de aquelles ensaios da morte da defeza cruel dos mantimentos, o passarem todos pellos fios delle.

Practicava-se tambem que sabendo o Capitão general dos Achens, do apercebimento que contra elles se faria, recolheria a si os navios, que corrião até á Ilha grãde; e que poderia acontecer entrar alguns nesse interim. Vendo Tristão Vaz o estado, em que a Cidade estava, e a efficacia com que se lhe pedia fosse com tão pouca armada pelejar com outra tantas vezes maior em quantidade de navios e gente, quantas com maior odio, e posse fora de tão longe industriado para se defender de qualquer que da India fosse, e offenda toda que de Malaca saisse, assentou ir nella, avendo que lhe não attribuiria ninguem a temeridade propria, pollo perigo presente e sabido em que se hia metter, senão a confiança que em Deus punha, por cujo servico se arriscava. Porque a armada que se lhe dava era a sua Náu, e hum galeãozinho d'hum mercador de Cochim, e tres galeotas velhas sem apostissas, e cinco fustas; humas e outras desaparelhadas de fátexas e vellas; e as cõ que se mareavão rotas, e remendadas, todas mal marinhadadas, e peior pertrechadas. Porque em cada huma não avia mais que duas arrobas de polvora de bombarda,

e mea d'espingarda, cõ muito pouca artilheria. Não tinha comitres, e a chusma era de escravos que os moradores para esse effeito emprestarão sem terem nenhuma disciplina da navegação por uso ou engenho: e ã todos e na náó e no galeão se embarcarão trezentos soldados e seus pages.

De preparação particular de Tristão Vaz ant's de partir.

#### CAPITULO VII

Partio Tristão Vaz nesta armada a 15 de Novembro levando só o apparelho, e o poder que a fé na aceitação della lhe tinha dado para pelejar com a do inimigo, que tamanho era, protestando não aver nunca de pedir a El-rey satisfação pela boa fortuna deste serviço, que lhe ia fazer se lhe Deos desse: e como quem esta conta tinha feito, ordenou antes que partisse as cousas de sua alma confessando-se e cõmungando, e dispondo o mais que para aquelle lance lhe pareceu necessario.

Da batalha que Tristão Vaz apresentou no mar ao Achem, indo-o buscar ao rio formoso, e da victoria, que delle teve.

#### CAPITULO VIII

O dia que partio surgio tres leguas da cidade, para acabar de recolher a armada, porque não sahio logo toda cõ elle, ou pollo pouco gosto que tinha de o seguir em jornada tal, ou pelo aviaamento vagaroso que se lhe dava polla falta que de tudo havia, ella junta, manda fazer sinal, e levando-se em rõpendo a manhã navegou para o rio formoso, que está doze legoas de Malaca, por lhe afirmarẽ os espias que estava nelle a armada imiga. Tanto que adescubrio, vio assomar a dianteira della, que seria de vinte e tantos navios ligeiros; e deixando a Manuel Ferreira por Capitão da sua náú, cõ instrucção do que devia fazer no conflito,



se meteu em huma galeota das que consigo levava, pera ordenar a sua armada, e animar os soldados (porque vendo-o entre si tão companheiro como cada qual dos q̄. cada um delles tinha para remedio peculiar do trabalho, q̄. lhes sobreviesse pelejassem mais confiados) e principalmente por lhe dar a entender visto como estavam dependurados do seu bõ ou máo sembrante que era tão espantoso o inimigo como se em Malaca pintava: pois queria achar-se cõ elles, não só como seu capitão mór mandando da sua náó senão tambem como soldado pelejando numa galeota cõ a espada na mão. Porque a verdade em perigo tão claro e manifesto pouco mōtara terem estes soldados capitão mór animoso, metido na torre d'huma náó se o não vissem com os olhos no raso dos navios de remo. Occorrendo o alcance deste garfo d'armada a voga arrancada (porque entendia que se a desbaratasse ficava mais facil o desbarato da que restava) se ajuntou toda, e foi velejando para fora por appavorar e atemorizar a arenada portugueza, designando em se amarrar que lhe não restava esperança alguma de salvação com varar em terra, se visse inclinar e pender a victoria por sua parte.

Entendendo o Capitão mór Tristão Vaz pelo muito censo que tinha da guerra que na determinação sua estava o temor dos inimigos e na duvida confiança, lembrou aos capitães e soldados suas obrigações, e os exhortou, persuadio e moveo á peleja, e alvoroçando-os cõ o proverbio muito trilhado entrelles que aos ousados favorecião e ajudavão prodigamente os fados, se fez logo na volta delle, cõ as vellas a topetar. E indo pouco menos d'uma legua, virarão parecendo-lhes que poderião por essa derrota tomar o barlavento da nossa armada. Tristão Vaz prognosticando a tal principio um fim felice, bradou por acrescentar os espiritos aos companheiros, que arreceavão os Mouros a batalha, pois com tanta vantagem se querião tambem valer do vento, affirmando-lhes mais que isso mesmo o levava a ajudar-se da sua náó, e do galeão para os render a pouco custo. Vindo pois esta pequena armada á Náó e ao galeão, descahio o Achem com a sua sobrella e ficando ambas encaradas, e fronteiras se travou huma muito crespá e bellicosa batalha O Capitão mór pos a proa da galeota

em que hia na galé capitaina do Achem, e os sete navios mais de remo nas outras galés que os commeterão. Mas Deos que manifestamente pelejava pelos seus fieis quebrantando, oprimindo e abatendo a feros arrogancia, e rebolaria perversissima deste imigo, os desbaratou de modo que fugiram todos vendo perdido o pendão do seu general, e virar a galé destroçada, deixando quatro abrasados com sete fustas de serviço, que trazião por poppa, cada hua sua, e mais para se reformarem e se cevarem de gente quando della tivessem necessidade.



## BREVISSIMA, E SUMARIA RELAÇÃO

*Que fez de sua Vida e obras o grande Martim Affonso de sousa seõnor de Prado, e de Alcoentre, capitão donatario da Ilha de Tamaraca no Brasyl, que servio de capitão mor do mar da India e despois foi Governador della, á Serenissima senora Raynha dona Catherina mulher de El Rey dom João o terceiro, estando ella no governo destes Reynos, áqual Rellaçam seachou escripta de sua propria mão E letra muyto tempo depois de Elle morto, E he tam breve para o muyto, que de sua grandeza se conta, que não faz maes, que tocar à mìnima parte de seus feitos heroicos, Em que semais engrãdeseo, pois so disse o thema de seu progresso, de que authores de nome, poderáo (ampliando) Escrever largos E copiosos Volumes, de sua tam sabida E divulgada historia, de que na India E nestes Reynos ha muy claras noticias.*

## SENHORA.

Eu comecei aservir El Rey nosso seõnor que sancta gloria aja, sendo principe de Idade de dezasseis annos, E na Era de dezasseis que agora faz quarenta E hú annos, que siruo, E por sua Alteza folgar comigo, E me fauorecer, se arreçcou o duque de Bragança, comqué Eu viuia, E de que tinha, outocentos mil Reis de Renda, a mayor parte delles de juro, E sobre Vassallos, que me ficasse esta Renda, e eu Viuendo com ó principe: fez com ElRey dom Emanuel que me mandasse Ir da corte, E me fosse para o duque, como de feito me mandou logo.

E porque Eu leuaua muyto gosto de seruir o Principe, E mo elle tambem mandar me fuy a Villauçosa, E disse ao duque q. Eu não hauia de Viuer com elle, que se o hauia pello que delle tinha, que Eu lho Renunçiaua E Renunçiei logo, E como Eu Era moço, ElRey dom Emanuel me fez Velho para ter Vigor á

dita Renunçiação, E daqui fiquei sabendo que ninguem tinha poder para fazer os homens Velhos ante tempo, senão Reys

Isto acabado houve ElRey dom Emanuel por bem, que tornasse á servir o principe, onde o serui continuamente no paço, dormindo, E comendo nelle sem nunca delle sahir.

<sup>4</sup> Neste meo tempo prenderáo ó Conde da Sortelha, E o Conde da Castanheira por se dizer q̃. huns seus criados mataráo hum homem, fiquei Eu só com o principe, E digo só, não porque não ficassem muytos có elle, mas porque de my só se fiava, E comigo só fallava suas cousas.

Neste tempo estauáo alguã cousa diferentes ElRey e o principe E por parecer a ElRey que Eu o podia inclinar contra elle (o que nunca me Deos perdoe se tal foi) me mandou dizer por dom Nuno Manuel E pello Bispo do funchal, que me agradeçeria m.<sup>to</sup> jr me para casa de meu pay, E estar lá hum anno, E que elle me faria toda a merçe, que Eu quizesse, que a nomeasse, E a dissesse a elles, E elles me aconselhauão que em toda á maneira o fizesse porq̃ ganharia nisso muito.

SENHORA

(Continúa).

<sup>1</sup> Á margem encontrá-se a seguinte nota, quasi apagada e inintelligivel, e que transcrevemos fielmente; parece ser escripta posteriormente pelo leitor ou copista, e é a seguinte: = *Inda (sic) não erão Condes nem o forão senão hú annos (sic) depois* =



## DAMIÃO PORTUGUEZ

Famigerado Escriptor Xadrezista

## NOTICIA BIBLIOGRAPHICA

«..... de célèbres auteurs anciens  
 «et modernes en ont fait l'éloge.

*Philidor* — Analyse des Échecs — Préface.

I.— No *Diocionario Bibliographico Portuguez e Brasileiro* do nosso finado *Innocencio Francisco da Silva* — no Tom. II do *Supplemento* — depara-se com estas linhas, que transcrevemos, em relação ao nosso antigo DAMIÃO PORTUGUEZ, *famigerado escriptor xadrezista*:

«DAMIÃO, cujo appellido se ignora.— Diz *Barbosa* que fôra de profissão boticario, e natural da villa de Odemira na provincia do Alemtejo».

ESCREVEU: — *Libro de imparare giocare a scachi e de partiti, per Damiano Portoghese.* — Sem logar de impressão, 8.º.

«*Barbosa* não viu exemplar algum d'esta obra; e só a menciona por achal-a citada — *sem mais declarações* — em outra obra do mesmo assumpto por — *Rui Lopes de Segura*, impressa em Alcalá, 1561, 4.º — Vem porém mencionada em um folheto, que tive occasião de encontrar ha annos, e se intitula: — *Bibliotheca Scaccariana: catalogue de ouvrages sur le jeu des échecs, que désire acheter la Maison Trübner & C.*, 60 — Paternoster Row, à Londres, 1861, 8.º de 24 pag.».

«Ahi se declara que o livro citado de *Damião* fôra impresso em Roma, 1518; e que ha outra edição, tambem de Roma, 1524, 16.º: — havendo do mesmo livro uma traducção franceza, e duas inglezas».

«Pareceu-me dever dar aqui logar a estas noticias, como *aditamentos* á BIBLIOTHECA LUSITANA».

II.— A estas indicações do nosso bibliographo indefesso — re-

lativas a um nosso antigo conterraneo, de que não ha xadrezista illustrado que não faça menção honrosa — additaremos as que nos são conhecidas, como fructo dos nossos estudos bibliologicos.

São extracto de nossas *Addições e Correções ao Diccionario Bibliographico Portuguez e Brazileiro*, coordenadas como *retoques complementares* d'esta obra prestimosa — em que não podia a mão d'um só operario encher todas as *lacunas*, nem emendar todos os *lapsos*.

III.— As edições do nosso *Damião Portuguez*, de que nos são conhecidas as indicações, chegam ao numero de 18 — em que entram as *duas* conhecidas do nosso *Innocencio*.

Eis-aqui estas edições na ordem chronologica :

- 1.<sup>a</sup>— Roma, por Estevão Guillireti e Hercules Nani, 1512, 4.<sup>o</sup>
- 2.<sup>a</sup>— Roma, por João Philippe de Nani, 1518, 8.<sup>o</sup> medio.
- 3.<sup>a</sup>— Roma, por Antonio Bladi d'Asula, 1524, 8.<sup>o</sup> medio.
- 4.<sup>a</sup>— Paris, por Claudio Gruget e Vicente Settenas, 1560, 8.<sup>o</sup> medio.
- 5.<sup>a</sup>— Londres, por Rolando Hall, 1562, 8.<sup>o</sup> medio.
- 6.<sup>a</sup>— Veneza, por Estevão Zazzarra, 1564.
- 7.<sup>a</sup>— Londres, por Thomaz Marshe, 1569.
- 8.<sup>a</sup>— Bolonha, por João Boni, 1606.
- 9.<sup>a</sup>— Veneza, por Pedro Fauri, 1618.
- 10.<sup>a</sup>— Londres, 1752, 8.<sup>o</sup>
- 11.<sup>a</sup>— Londres, por Sarratt, 1813.
- 12.<sup>a</sup>— Na *Régence Kiéséritzki*, 1849.
- 13.<sup>a</sup>— No *Schachzeitung*, 1855 e 1856.
- 14.<sup>a</sup>— Berlin, por Roberto Franz e Heydebrando von der Lasa, 1857.
- 15.<sup>a</sup>— No *Palamède Français* de Lahure, 1864.
- 16.<sup>a</sup>— Paris, por Gauthier-Villars, versão annotada de Sanson, 1872, 8.<sup>o</sup> médio.

Nas edições 17.<sup>a</sup> e 18 — com visos de muito antigas — não ha indicação de *local* e *data*.

(*Continúa.*)

Braga, 1877.

PEREIRA-CALDAS.



# ARCHIVO BIBLIOGRAPHICO

QUINTO

-----  
NUMERO 6  
-----

COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1877

REPUBLICA FEDERAL DO BRASIL

## SUMMARIO

	Pag.
SUMARIO DA DESTRUISSÃO DA FORTZ. <sup>a</sup> DE CUNHALLE NA INDIA — por André furtado de m <sup>ca</sup> , capittaõ mor daquella ympreza .....	93
HISTORIA DOS CERCOS DE MALACA — por Jorge de Lemos. .	101
BREUISSIMA, E SUMARIA RELAÇÃO DA VIDA DE MARTIM AF- FONSO DE SOUSA, ETC. ....	105

---

BRASIL

COMISSÃO DE HISTÓRIA

1901



Ergebnisse der Untersuchungen

1. Versuch	100
2. Versuch	100
3. Versuch	100

Die Ergebnisse der Untersuchungen sind in den folgenden Tabellen dargestellt. Die Tabellen geben die Mittelwerte der Messungen an. Die Fehler sind in Prozent angegeben. Die Tabellen sind in drei Spalten unterteilt. Die erste Spalte enthält die Versuchsnr., die zweite Spalte die Versuchsdauer in Minuten und die dritte Spalte die Versuchsergebnisse in Prozent. Die Tabellen sind in drei Spalten unterteilt. Die erste Spalte enthält die Versuchsnr., die zweite Spalte die Versuchsdauer in Minuten und die dritte Spalte die Versuchsergebnisse in Prozent. Die Tabellen sind in drei Spalten unterteilt. Die erste Spalte enthält die Versuchsnr., die zweite Spalte die Versuchsdauer in Minuten und die dritte Spalte die Versuchsergebnisse in Prozent.

### Condições da assignatura

Por 24 numeros .....	1\$800
Por 12 » .....	900
Avulso .....	100

Assigna-se em Coimbra nas principaes livrarias.

No Porto nas dos srs. Chardron e Viuva Moré.

O pagamento das assignaturas póde ser feito em dinheiro, em estampilhas do correio portuguez, ou em vales do correio, dirigidas ao sr. D. Duarte d'Alarcão V. Sarmiento Osorio—Quinta das Lagrimas—Coimbra.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

---



Sumario da destruissão da fortz.<sup>a</sup> de Cunhale na India  
por André furtado de m<sup>ca</sup> capitão mor daquella ympeza

(Continuado do n.º 5, paginas 82)

Em sinal desta promessa e de comprir o que ficava lhe botou o Capitão mór ao pescosso hum collar d'ouro muito rico que levava no seu, o que o Samorim festejou mais que tudo tornando a fallar no negocio lhe disse o Capitão mór que não a via de tratar em nenhuma cousa de guerra até S. A. lhe não dar refens bastantes que elle mandasse para hua fortaleza nossa que lhe parecesse para lhe cumprir o que ficava com elle, e que elle daria arrefens bastantes para cumprir o que ficava com S. A., da parte do Samorim houve grandes difficuldades em dar refens para estarem em fortaleza nossa, mas o Capitão mór alongou razões taõ bastantes, que veio o Samorim a conceder o que lhe pedia, e lhe disse que lhos daria, mas que era necessario tratar aquellas cousas com os seus regedores e cabeças do povo não se lhos dariaõ por que estava resolute ao fazer senão quem aviaõ de ser que lhe apontase elle ditto capitão mór os que aviaõ de ser. O Capitão mór lhe nomeou o principe e o principe de Tanar, o mangatachim, o trincharaledo, e outras pessoas principaes, cõ esto se despediraõ muito conforme, ajudando a esta conformidade cõ q. se despediram huma salva grande dè artilheria que d'armada tirou a qual não foi taõ agradavel ao Cunhale e seus Capitães.

Neste negocio dos arrefens gastou o Samorim oito dias nos quaes não se acabou de resumir por q. os seus regedores não queraõ ir; negociou-se o Capitão mor por via do Padre Fr.º Roz, que nisto fez muito serviço a deos e a S. M. porque sabendo que os arrefens que o Samorim lhe queraõ dar que o mangatachem e trincharaledo os quaes emsistia que fossem por não serem os que cumpriaõ ao Capitão mór mandou por ordem do padre Roz peitalos para que se escusassem pondo-lhe algumas difficuldades diante, e aquelles que lhe a elle cumpria que o Samorim lhe desse que era o principe de tanar e o seu regedor-mór Carnovez que era sanguada do Cunhale, e que o sustentava por entender que

em quanto o Carnovez estivesse pegado com o Samorim se não avia de extinguir o Cunhale, o mandou peiter e ao principe de tanar que se fosse offerecer persuadindo-os o padre que o samorim em nenhum modo os ouvera de mandar pois eraõ o meneio de tudo o daquella guerra e que assi ficavaõ ganhando mais a vontade ao Samorim com se lhe offerecerem, o que fizeram, e como o Samorim estava enfadado dos outros se escusarem e de hum recado que o Capitaõ mór lhe mandou em que lhe mandava dizer que mal lhe cumpria S. A. a palavra que lhe tinha dado, e que dali em diante se não faria de coussas de S. A. por mais que lhe mandasse dizer aseitou o offerecim.<sup>o</sup> e logo mandou dizer ao Capitaõ mór que já tinha nomeado os arefens que aviaõ de ir que era o principe de Tanar e o seu regedor mór Carnovez, e os mais do povo que lhe tinha pedido. O Capitaõ mór lhe mandou dizer e agradecer o que tinha feito, depois pertendeu o Samorim de dar outros q. o Capitaõ mór nunca consentio até que em effeito se lhe consedeu.

Estes determinou o Capitaõ mór mandalos a cidade de Cochim na galé de D. fernando de Sousa como fez dando-lhes muitas pessos e dinheiro, e os despedio para Cochim a 28 de dezembro escrevendo ao Capitaõ de Cochim e a cidade do recebimento que se lhes avia de fazer e o resguardo com que aviaõ de ser vigiados e tratados.

Aos 30 de Dezembro foi o Capitaõ mor desconhecido pela banda do Samorim ver a fortaleza e sitios com dous capittães q. o acompanhavaõ antonio de Brito fogassa Capitaõ mór da armada de Cochim e pero de Mendanha e o engenheiro mór Tibaõ tendo a mais gente espalhada, que mandou que fossem cõ elle que seriaõ até sem soldados e depois de ter tudo visto á sua vontade sem ninguem o conhecer se veio de mandar os paços do Samorim e se deu a conhecer de que o Samorim ficou espantado e desmaginado das desconfianças em que os seus o traziaõ mettido. Recebeu o Capitaõ mór com grandes festas e gasalhados, e logo se recolheraõ ambos e o padre franc.<sup>o</sup> Roz para seu apozento onde estiveraõ muito espaço tratando as cousas que cumpria para effeito da dita empreza e pelo Capitaõ mor entender que no animo



de Samorim não avia outra cousa mais que desconfiança de não tratarem as cousas com elle nem lhe cumprirem o que lhe tinhaõ promettido, por o desmagnar em parte lhe deu conta do que determinava fazer e da ordem que havia de ter em sercar o imigo do que o Samorim ficou muito descontente, diguo contente e satisfeito e logo deixou o dicto Capittaõ mór a Bernardo Soares fajardo e o engenheiro Tibaõ com o Samorim para lhe fazer dous castellos de madeira para com elles abarbar as tranqueiras sendo perciso, pedindo ao Samorim lhe mandasse dar todo o necessario e com isto se despedio do Samorim e se veio embarcar acompanhado dos seus grandes.

O prim.º de Jan.º de 600 se vio com os arioles snors, que não conhecem outro senhorio sendo suas terras e estados da outra banda do rio de Cunhalé por onde o ditto imigo era socorido com todos os socorros q. lhe eraõ necessarios sem poderem ser impedidos do nosso poder pela qual rezaõ se ouve taõ acordado e de tal maneira com os arioles em chendo-os de dadivas e pessos e por outro modo dando-lhe a entender a facilidade com que se podia destruir seus estados pois tinha o Samorim de sua parte e El-rey de Cananor pelas quaes razões todas e movidos mais de lhe darem que de outra cousa consederaõ tudo o que quiz o capittaõ mór; e lhe pedio loguo que mandassem ajuntar com brevidade os grandes de seus estados que saõ os gonpos o que elles fiserã em menos tempo q. o Capittaõ mór imaginava.

A tres do ditto mez de Jan.º se tornou a ver com os ditos a Rioles e Gonpos e os mais grandes de seus estados ao longuo do mar em huma tenda q. para isso mandou armar. E depois de todos juntos os tornou a encher de dadivas e pessos pelo m.º que importava consederem estes homês em sua pertençaõ o que em effeito logo consederaõ depois do Capitaõ mór lhes fazer huma fala na qual lhes propoz as afrontas que elles e seus antepassados receberã sempre deste cors.º o qual os tinha oprimidos de tal feiçaõ q. em serto modo os tinha feitos tributarios em muitas vezes tinha entrado pelas suas terras queimando, matando, e asólando cativando mulheres das principaes servindo se dellas como das suas proprias, e as mais enjurias que a todos eraõ notorias

e que tanto se tinha emsoberbecido, enriquecido q̄. com estas tiranias e roubos e foras que estava jurado e levantado por rei de toda a mourama como a elles lhe era manifesto não reconhecendo seu rey e Senhor natural que era o Samorim, e se todos os mais não acudissem, ajudassem, favoressem extinguissem este inimigo que todos os mouros se aviaõ levantar com suas terras e fazerem nellas fortalezas e presidios para com isso os fazerem vasallos e tributarios como os mouros de tremapoltaõ ja faziaõ, e por todas estas rezões lhe cumpria a todos ajudarem a elle ditto capittaõ mór.

E por que em suas terras visinhas do inimigo avia muitos Bazares de mouros todos parentes dos que estavaõ no Cunhale e emfim seus vasallos que cumpria e era muito necessario com grande rigor e vigia (porque destes Bazares não fosse socorrido) mandar logo lançar pregaõ que todo o mouro de qualquer qualidade que fosse de oje em diante tivesse alguma correspondencia com os que estavaõ no Cunhale, ou os socorresse com suas pessoas mantimentos, ou outras quaes cousas morresse por isso morte natural elle seus filhos e parentes e todos os seus bens fossem confiscados para elles, e que taõbem lhe era necessario de suas terras muita madeira, palmeiras, Carpinteiros, serradores gente do trabalho, elephantes, para pucharem e arrastarem esta fabrica para as tranqueiras que determinava fazer em suas terras; e avendo elles assi por bem e como os portuguezes aviaõ de andar de humas tranqueiras para outras atravessando suas terras e por ellas aviaõ de levar a artilheria q̄. lhe fosse necessaria para segurança disto tudo lhe aviaõ de dar oito homes principaes de suas terras que elle apontasse para ter em arefens, que elles seriaõ mui bem tratados e lhe faria muito bons pagamentos e q̄. alem disso conforme o seu costume lhe aviaõ de fazer hum juramento solene e em publico de lhe darem todo o favor e ajuda asi de gente como de todas as mais cousas q̄. lhe fossem necessarias para a destruisão deste inimigo e de em tudo lhe serem leais e fieis e lhe guardarem inteiramente o prometido, o q̄. lhe consederaõ os ditos arioles, e em effeito logo perante elle fizeram o juramento em publico diante de todos os seus e mandaram



lançar os pregões por todas as suas terras, e lhe entregaraõ per aréfens oito gonpos que são os principaes de suas terras. E tudo concurido se veio o ditto capitão mór delles acompanhado embarcar.

A hum sabado 8 de Jan.º dia de N. Sen.ª mandou André Roiz com dez navios e Antonio fogassa com os navios da sua companhia que desembarcassem no quarto da prima na ponta d'area ao longuo da barra da banda do norte, e fisesse huma tranqueira no lugar e sitio donde o eng.º mór Tibaõ tinha posto as balizas, e o dito capitão mór se metteu na sua manchua levando consigo as embarações que levavaõ a fabrica de sestos, palm.ªs enxadas e cudiles, e depois de ser avisado como André Roiz e Antonio fogassa de brito tinhaõ feitos os vallos na area para reparo de lhe não matarem a gente do baluarte Bre.º e das mais tranqueiras mandou logo desembarcar gente que levava de serviço e levar a fabrica toda e toda a noute até pela manhã se trabalhou no fazer de tranq.ª, quando amanheceo estava toda a tranq.ª da banda do Imiguo acabada em sua proporção indo o Capitão mór essa noute duas outras vezes sem ser conhecido de ver o como se trabalhava e se em tudo se tinha guardado a ordem que elle tinha dado.

Quando foi as oito oras do dia desembarcou ao som das suas trombettas e charamellas em terra e sendo conhecido pelo som dellas do Imiguo logo o salvaraõ com huma soriada de bombardas e de espingardaria não faltando da tranqueira retorno ao ymiguo comessou a dar os agradecimentos aos capitaes e soldados do trabalho passado e com os que levava em sua companhia e alguma gente de serviço de refresco tomou uma enxada na maõ comesou de serrar a tranqueira em roda e não se bolio dali até ao sol posto tempo que a tranq.ª se acabou de fechar toda em roda. Elle assestou a artilharia e preparou as monições que de sobre celente avia de ter, isto feito chamou André Roiz e o fez capitão della e lhe deu por companheiros assistentes os capitães seguintes, Pero de Mendanha e Ortiz, Francisco de Macedo, Pero tavares, D. Luiz de menezes, D. Luiz Lobo, D. lopo d'Almeida, fr.º de Macedo, aos quaes mandou chamar, e lhes disse que

elle deixava naquella tramq.<sup>a</sup> André Roiz e suas M.<sup>tes</sup> por seus companheiros, e que de tão bons capitães e companheiros todas as impresas do mundo faria quanto mais aquella, que elle se recolheria asás descansado para elles ficarem na ditto forssa, a que logo ao som de trombetas e charamellas pôz nome N. Sen.<sup>a</sup> da Guia e dando ordem a Antonio de Rrito fogassa que na ponta vigiou aquella noute com toda a gente de sua comp.<sup>a</sup> assim para defender um passo por onde os im.<sup>os</sup> podiaõ vir como para socorrer a tramq.<sup>a</sup>, sendo-lhe necessario, se embarcou na sua manhua e indo dar ordem á guarda da Bara se tornou ali aonde esteve toda a noute e veio algumas vezes roldar, achando sempre os saldos prestes e a ponto, e os Capitães inteiramente seguindo em tudo a ordem que lhe elle tinha dado.

E vendo o Capitaõ mór de quão pouco effeito era tido o que fazia sem se lhe tomar e rio dentro com embarcações e que o imiguo tinha a bara impedida com uns mastros muito grossos, cadeas de ferro, ancoras de náos emcadeado tudo isto de modo que não podia entrar pela Bara embarcação alguma grande senão coussa muito pequena, estas aviaõ de ser as suas com se abaixar hum fusil da cadêa, determinou-se visto não poder metter os navios pela barra aonde se chama *barra-velha* que antiguam.<sup>o</sup> era huma lingoa d'area pequena do mar ao proprio Rio de Cunhale em hum dia e huma noute varou por esta lingua d'area seis navios e quatro manhuas e sette almadias dentro no Rio de Cunhale e a noite seg.<sup>a</sup> mandou todos estes navios e almadias que fossem pelo rio acima e passassem pela fortaleza e alem della tomassem o rio e esteiros que vem da serra por onde era emformado que o imiguo era socorrido, e por capitaõ mór destes navios malavares mandou fran.<sup>o</sup> Luiz, e os mais capitães eraõ os seguintes.— D. Jeron.<sup>o</sup> Mascarenhas, D. Jeron.<sup>o</sup> d'asevedo, André furtado, Bras coelho, A. da Gama, luiz Penteado, filho de hum cidadão mui honrado de Cananor e elle por si muito grande cavalleiro: nas manhuas dioguo dias, pero roiz, diogo Mendes, simaõ ferreira filho de hum cidadão de Cananor Bom cavalleiro.

Aos 13 dias do ditto mez foi o Capitaõ mór desconhecido ver



hum sitio por ser a principal parte por onde o imiguo era socorrido por ser uma ponta que ficava fasendo o mais estreito do rio, e ao longo desta ponta vinhaõ deferir dous estreitos que a tomavaõ no meio e chegavaõ até ao bazar do ariole por onde em almadias pequenas á formiga era o imiguo socorrido e na propria noute tendo toda a fabrica que lhe era necessaria prestes para fazer a tranq.<sup>a</sup> e a ponto mandou Antonio de Brito fogassa com 500 homens e com muita gente de serviço e o engenheiro mór com elle aos quais mandou se fizesse á forssa conforme as balizas que dali tinha posto, e que quando amanhecesse estivesse a tranq.<sup>a</sup> em estado de defensa o q. o ditto Antonio de Brito fez com muita brevidade mandando o Capittaõ mór recado a Pero Luiz que aquella noite mandasse pelas manchias pequenas e almadias vigiar aquella parage seneficando-lhe sua presença por que os mouros não podessem ir a outra banda a inquietar a gente que andasse nõ trabalho o que se fez, e a dita tranq.<sup>a</sup> amanheceu feita nõ faltando toda a noute pelouros que espartassem os trabalhadores do sono e cansasso.

Ao outro dia que foraõ 14 pela manhã foi lá o Capittaõ mór acompanhado dos arioles levando diante de si sinco falcões e alguns barcos e as munições necessarias, elegeu Antonio de Brito Fogassa por Capittaõ mór desta forssa com os Capitães seguintes — Paulo de Castro, Antonio de melgosia, Alv.<sup>o</sup> Pires rebello, D. Antonio Manuel, Lopo d'andrade, Gaspar de Mello, D. Rod.<sup>o</sup> per.<sup>a</sup>; deu regimento e ordem ao dito Antonio de Brito do modo com que havia de proceder no resguardo e vigia daquelles estreitos os quaes logo mandou tomar ás almadias e embarcações ligeiras e feito isto se veio a embarcar a esta tranq.<sup>a</sup> a que poz o nome Nossa Sen.<sup>a</sup> da Esperança.

Como a tençaõ do Capittaõ foi sempre sercar o imiguo de feisaõ que nõ podesse ser socorrido foi avisada pelas manchias e almadias, que no rio andavaõ de huma parte para outra que de huma ponta que estava pegada e defronte da fortaleza era o imiguo socorrido por hum pouco de mantimento que ahi tomaram huma noite aos 18 do mez. foi ver o Capittaõ mór este sitio pella informaçaõ que delle tinha por lhe dizerem que desta ponta

se podia bater a fortaleza, levou consigo o engh.º mór e vio que o que lhe tinhaõ dito era assi e que daquella ponta se podia muito bem bater a fort.ª dea logo ordem á fabrica que era necessaria para neste lugar se fazer huma tranq.ª, porque mais asima no out.º estava outra feita 7. o anno passado fizera o Samorim para recolhimento da sua gente; mandou a d. fr.º de Sousa que com a gente da sua gualle fosse tomar posse desta tranq.ª de que o fez capittaõ mór e da outra que mandou fazer ao longo d'agoa dando-lhe toda a fabrica necessaria para isso e cappitaes para a acompanhar os seg.ºs — João de soussa de teve, Gaspar de mello que tirou da tranq.ª de Antonio de Brito, D. Roque Per.ª que tirou da mesma tranqueira, Antonio Pinh.º, Antonio Lobo, mandando aos navios que no rio estavaõ naquella parage lhe obdecessem e seguissem a ordem que elle lhes desse na ditta vigia, polla muita confiança que tinha deste fidalguo o qual fez a tranq.ª da borda d'agua muito forte e bem feita provendo-os logo o Capitaõ da artelharria a qual dali ficava sobranceira ao basar da Cidade de que lhe fez de ordinario grande perjuisso, a qual força acabou de fazer aos 23 do dito mez — a que poz o nome N. Sen.ª do Castello.

(Continúa).



**Historia dos Cercos, que em tempo de Antonio Moniz Barreto, Governador que foi dos Estados da India, os Achens e Jáos puzeram á fortaleza de Malaca, sendo Tristão Vaz da Veiga Capitão della — brevemente composta por Jorge de Lemos — Impresso com licença do supremo Conselho da Sancta e geral Inquisição — Em Lisboa em casa de Manoel de Lyra — Anno de 1585.**

(Continuado do n.º 4, paginas 88)

### PRIMEIRA PARTE

Do recato e vigilancia que Tristão Vaz teve na armada depois da victoria deixando-a estar tres dias na paragem em que a tivera e da sua partida para Malaca.

#### CAPITULO IX

E porque se armava da banda de Sumatra um tempo borrascoso, e desconversavel e a noute se aproximava, se abrigou Tristão Vaz com a armada de remo ao socayro da náó, e do galeão por que a escuridão, e o cansaço das brigas, e o descuido dos soldados victoriosos não fossem causa de algum infame desastre. E por celebrar mais a victoria que Deos lhe tinha dado, se deixou estar nesta paragem tres dias, com mais resguardo, vigilancia, cuidado, e ordenança, do que inda a tivera em cometer o imigo esperando-o para cada quando o elle quisesse tornar buscar: o qual perdeu setecentos hommens de peleja, entre mortos e captivos e dos nossos forão mortos sos cinco soldados e feridos cincoenta, donde se pode bem colligir que no espirito vehemente, como diz o psalmista, venceu Tristão vaz a armada do Achem, e não no poder humano com que pelejou.

Acabados os tres dias, mandou voltar as bandeiras para Malaca com muitos sinaes de alegria: e ella a teve assaz com sua

chegada, com a certeza da sua tão assignalada victoria. Porque não fiquem sem seu louvor os Capitães, com que a ella alcançou, farei menção de cada um, entendendo-se de mistura o muito que se dava aos soldados, que nelle se acharam, pois não é possível particularisarem-se todos: as certidões, que lhe disse passou seu Capitão mór, bastavão para testemunho de seus esforçados animos.

Ultima desta primeira parte qual contem em si dous louvores  
de Capitães que acompanhavam nesta armada

Tristão Vaz da Veiga.

## CAPITULO X

Os Capitães desta armada, servirão El-Rei Nosso Senhor a custa de suas fazendas: e o que mais mereceu foi Fernão Peres D'andrade, fidalgo de sua casa, e filho da India sendo de mais annos de idade que Tristão Vaz e tendo muitos de guerra o quiz acompanhar por ser o zelo com que elle se dispunha a servir a seu Deus e a seu Rei, depois de satisfeito, e rico (cousa que obriga a muitos recusar o trabalho por evitar o enfadamento e fastio que a guerra traz consigo, com grandes representações da morte) e n'um dos navios de remo em que ia, e em que levava treze soldados sómente abalroou numa galé e acoron, e por ser tão pouca a gente lhe metteu muita da dos inimigos dentro com que elle pelejou muito cavalleirosamente té o ferirem e lhe acudir Manoel Ferreira na náu. Porque há muito que se sabe das façanhas que este fidalgo fez nos cercos de Malaca e em outras partes em que pelejou: Tristão Vaz seu Capitão mór o teestificou no particular desse successo largamente ao governador da India, estando eu presente, e fez o mesmo na Carta que escreveu a El-rey (como o vi na copia della por um respeito delle inopinado) Não faço maior processo de seus muitos merecimentos: principalmente porque morreu sem satisfação, ou por mofina sua (se se assi póde falar) sendo bem afortunado em a merecer, e a conhecer os capitães em cuja companhia servio, que se não esquecerão della lembrando onde e como poderão: ou por descuido dos ministros



daquelle tempo a que estava commettida a distribuição das mercês que lha não mandarão sabendo dos seus serviços.

Manoel Anriques, casado, foi n'hum galeota com quarenta homens, com os quaes pelejou tão esforçadamente, como fez outras muitas vezes com estes inimigos: e com tanta facilidade e gosto sempre quanto lhe os Capitães de Malaca enxergarão, no offerecimento que de sua pessoa, e fazenda fazia todas as vezes, que se occasionava sacrificar-se uma cousa e outra pelo serviço d'El-rey e do bem dessa cidade; em que habitava havia annos não tendo gastado poucos na milicia da India.

Fernão de Lemos, que da China era chegado a Malaca havia pouco, remeteu hum das galés com seu navio tão impetuosamente, que correndo a jente della toda a uma banda se virou com peso e se perdeu. No mar matou muitos Achens e captivou muitos mais.

Francisco de Lima, filho da India, se achou nesta batalha por capitão de uma galeota, que ia de socorro a Maluco e abalroou uma galé e só a tomou, e depois de matar a jente toda, lhe poz fogo para acudir á briga, que ainda durara: nella foi ferido e queimado com muitos de seus companheiros.

João Troche, Pero Dias de Leão, e Nunó Rodrigues Bastos, casados todos, não estavam neste tempo ociosos, porque nem seus animos lho permitião, nem os inimigos lho consentirão, e inda que o elles quisessem: cada um investio na galé que lhe coube a lança e pelejou té virarem todas, e fugiram á vella, e a remos, e destas tres galés ardeu hum com algumas fustas.

João de Torres, capitão do galeãozinho se servio d'elle como poude fazendo por chegar aos Achens, e os maltratar com a artilheria.

Manoel Ferreira, que Tristão Vaz da Veiga deixou por capitão de sua Náo bordejava em uma parte e outra por se baralhar com as galés e se metter entre ellas, e as confundir e dividir, disparando, como versado na guerra, a artilheria mais grossa, com a qual as desaparelhava, e com os berços e falcões que trazia por riba, lhes matava a gente. Tinha elle servido doze annos contínuos na India e particularmente na costa de Malabar, em com-

panhia de Mathias d'Albuquerque quando Capitão mór della, da primeira vez que o foi: portanto como quem seguira tão valoroso Capitão, e militara debaixo de sua bandeira tanto tempo, assim se resolvia e se ordenava na briga. Mette duas outras fustas no fundo ás bombardadas.

Ayres Pinto casado tambem, comprou uma galeota por seu dinheiro, e nella pelejou como de seu animo e calidade se esperava. Esta foi a galeota em que Tristão Vaz desembarcou ao tempo da batalha e poz a prôa na galé capitaina do inimigo, que era tão descompasada de grande, que foi maravilha poder-se desbaratar com dusesentos homens de pelejá, que nella trazia. Tinha duas gaveas redondas, na do mastro grande pelejavão tres homens; na do Traquete dous: sem falta não escapara, se quando Tristão Vaz mandou pôr fogo ao camelete tendo a atravessada com a galeota não arrebetara a peça: os pedaços lhe quebrarão o mastro do traquete, que logo cahio abaixo, e as mantas, e o jugo della com que abrio pela prôa, e se não acertara de estar aparvêzada, forão mortos todos os soldados, porque matando-se só cinco em toda a armada, os quatro forão desta galeota e trez os feridos.

Muitas particularidades dignas de memoria que nesta batalha naval acontecerão, podera escrever, para encarecer muito a victoria, se ella não fora mais em tudo do pae potente Deos que dos homens, que estribados em seu auxilio e braço forte a alcançarão; e grandezas deste Senhor, não se podem descrever, nem exagerar bem, por que mais lustrão, e resplandecem em suas obras, que no pregão cifrado dellas; e tambem porque o humilde e prepotente silencio supre quasi sempre as faltas de arrogante e jactanciosa eloquencia. Pelo que me pareceu mais decente deixal-as á consideração, e exame de juyso experimentados, que as souberem bem ponderar conferindo o pouco poder desta armada, e muito dos inimigos, comtudo, que n'uma e n'outra concorrem para se realçar e soberanisar mais esta tão celebre e famosa mercê que Deus quiz fazer aos seus.

(Continúa).

FIM DA PRIMEIRA PARTE.



## BREUISSIMA, E SUMARIA RELLAÇAM

*Que fez de sua Vida e obras o grande Martim Affonso de sousa señor de Prado, e de Alcoentre, capitão donatario da Ilha de Tamaraça no Brasyll, que servio de capitão mor do mar da India e depois foi Governador della, á Serenissima senora Raynha dôna Catherina mulher de El Rey dom João o terceiro, estando ella no gouerno destes Reynos, áqual Rellaçam seachou escripta de sua propria mão E letra muyto tempo depois de Elle morto, E he tam breve para o muyto, que de sua grandeza se conta, que não faz maes, que tocar á minima parte de seus feitos heroicis, Em que semais engrándesceo, pois só disse o thethema de seu progresso, de que authores de nome, poderáo (ampliando) Escrever largos E copiosos Volumes, de sua tam sabida E divulgada historia, de que na India E nestes Reynos ha muy claras noticias.*

(Continuado do n.º 5, paginas 90)

Neste tempo Era Eu de idade de dezasete annos, E lhes respondi, que Eu Viuia com o principe, E era seu criado, E recebia delle muyta mais honra, E merçe da que Eu mereçia, E que não Era Eu homem para nenhum interesse me dobrar, para deixar de servir ó senór, com que Viuia, E tornou-me á mandar dizer por elles mesmos, que pois não queria por bem, que elle tinha cousas contra my por onde me podia mandar Ir por Justiça fora da Corte, á isto lhe respondi m.<sup>to</sup> contra seu parecer delles, que muyto menos ó deixaria de fazer por medo; alargou-me entáo ElRey, E fiquei séruindo áte que ElRey dom Manuel faleseço E a Raynha dôna leonor se foi para Castella, E fuy com ella E la casei có minha mulher E casado de hum mes fez ô Imperador hum exercito para Entrar por frança elle em pessoa, não me pareceu razão que ficasse guardando as pousadas dos outros, E me fiz prestes, E fuy com elle, E quando chegamos a Navarra en-

trava Jaa o Inuerno, não pareceo bem com tam forte tempo ir o Imperador, E mandou por capitão deste exercito o Condestabre, com que entramos em frança E andamos muyto tempo combatendo muytos logares, E hauendo muytos recontros, E per derradeiro, Uemos ácerquar fonte Rabia, E a tomamos.

Em todas estas causas dei Eu a conta de my, que deuia de dar quem se criara com tam exçellente principe; foi isto tanto q̄ quando çhegamos da Uinda da guerra pella posta aonde ô Imperador estaua; Este duque de Alua, e o Conde de Alua de liste, E outras quatro ou cinco pessoas muy principaes, E Eu que por me fazerem merce, me mettião Em sua companhia, E assy decaminho nos fomos descer ao passo, E beijar a mão ao Imperador, E elle me disse palauras publicas muytas, E de tantos gabos do que Eu lá fezera diante toda a Corte, de que Eu podia ter muyta Vaidade, E todo ó Senhor leuar gosto de se dizerem a hum criado, que elle criara.

E não contente com isto como chegamos á Burgos, me mandou dizer por C..., ó qual me disse perante Pero Correa que era Embaixador, E dom Manuel de sousa que despois foi Arçebispo de Braga, que para Isso chamou, q̄. elle leuaria muyto gosto que Vivesse com elle, E me faria muita merce E se seruiria de my em cousas muy honradas, E outras muytas altercaçoens que teueráo comigo para que ó fizesse Eu lhe respondi, que esta Era húa honra tamanha, que Eu a não queria senão para á por na sepultura, mas porem que Eu tinha hum tal Rey por senór, E com que me Eu creara, que por outro nenhum ó deixaria tudo isto sabia El Rey nosso senór, por que elles mesmos lho disseráo.

Isto Era em terra, onde dom João de Almeida medrou hú conto E meo de Renda E Afonso da silua hum, E Ruy gomez da silua Vinte, E neste tempo se concertou o Casamento de Vossa Alteza Com El Rey nosso senór, E elle me escreueu, que me agradeceria Vir com Vossa Alteza E trazer minha mulher em sua companhia, o que Eu fis com muito gosto da minha fazenda, E



da álhea, que me emprestarão, porque Eu então tinha pouca, E chegamos a Euora na Era de Vinte, E cinco.

E neste mesmo anno me fez El Rey merce de húma comenda, que tenho em Beija, á qual estaua arrendada em çento e outenta mil (Reis), E me tirou outenta de tença, que me ficara de meu pay, e fiquei seruindo a ssy na Corte até a Era de Vinte E nove, que por El Rey ter noua, que no Brasyl hauia muitos françeses me mandou laa em húma armada, onde lhe tomei quatro naos, que todas se defenderão muy Valentemente, E me ferirão muita gente, E assy nisto como no descubrimento de alguns Ryos, que me El Rey mandava descobrir, tardei perto de tres annos passando muitos trabalhos, E muytas fomes, E muytas tormentas, até por derradeiro me dar húa tam grande, que se perdeo á nao em que Eu hya, E escapei em húa taboa, E mandoume El Rey Vir de laa acabo de tres annos.

Cheguei aqui nesta cidade Em Agosto<sup>1</sup> E logo Em Março seguinte me mandou a India por capitão mor do mar, E parte daqui com cinco naos, E todos chegamos a saluamento, aonde açhei em Goa Já huma armada prestes para Ir fazer guerra á Cambaya, que estaua então muy trauada, E por lhe parecer a Nuno da Cunha que Eu çhegaua cansado, E que me não poderia fazer prestes tam asinha, mandaua nella Garcia de Saa Eu me fiz prestes do dia que çheguei em dez dias, E me parti nella, E fuy á Chaul tomar outra, Em que Vinha Diogo da sylveira do Estreito, E Jvntamente com ellas me fuy direito a hum lugar de Cambaya que chamáo Damáo có escadas e petreços para o Combater, o qual Era muy forte, E estaua çheo de muy boa gente E artelharia E muyto soberbo de fazerem Ia de ally retirar outros capitaens nossos com sua perda.

<sup>1</sup> Á margem encontra-se escripta a data 533, e em seguida na entrelinha quando diz — *El logo em março seguinte* — está tambem escripta a data de 534 — É evidente que esta letra pelo seu formato e côr da tinta é do mesmo auctor que escreveu a nota marginal de que acima fallámos e fizemos menção.

